

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO UNIVERSITÁRIO NORTE DO ESPÍRITO SANTO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

**JEFFERSON DUARTE PACHECO**

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA  
PARA CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA DESDE  
A INFÂNCIA**

**SÃO MATEUS**

**2022**

**JEFFERSON DUARTE PACHECO**

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO FERRAMENTA  
PEDAGÓGICA PARA CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO  
ANTIRRACISTA DESDE A INFÂNCIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica do Centro Universitário Norte do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino na Educação Básica, na linha de pesquisa Ensino, Sociedade e Cultura: Ciências Humanas e Sociais.

Orientador (a): Prof. Dr.<sup>a</sup> Eliane Gonçalves da Costa.

**SÃO MATEUS**

**2022**

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

---

- P116 Pacheco, Jefferson Duarte, 1989-  
A contação de histórias como ferramenta pedagógica para construção de uma educação antirracista desde a infância / Jefferson Duarte Pacheco. - 2022.  
129 f.

Orientador: Eliane Gonçalves da Costa.  
Tese (Mestrado em Ensino na Educação Básica) -  
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro Universitário Norte do Espírito Santo.

1. Educação das Relações Étnico Raciais. 2. Contação de História Afrocentrada. 3. Memória. 4. Performance. 5. Oralidade. I. Costa, Eliane Gonçalves da. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro Universitário Norte do Espírito Santo. III. Título.

CDU: 37

---


**JEFFERSON DUARTE PACHECO**


**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA  
PARA CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA DESDE  
A INFÂNCIA**


Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino na Educação Básica.

Aprovada em 15 de dezembro de 2022.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
**Prof.ª Dr.ª. Eliane Gonçalves da Costa**  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Orientador

  
\_\_\_\_\_  
**Prof.ª Dr.ª. Zaira Bomfante dos Santos**  
Universidade Federal do Espírito Santo

  
\_\_\_\_\_  
**Prof. Dr. Sandro Nandolpho de Oliveira**  
Universidade Federal do Espírito Santo

## AGRADECIMENTOS

**A Deus**, por todo o direcionamento e por ter me sustentado durante todo o processo desta pesquisa, pois me capacitou até o término deste estudo. Todas as vezes que pensei que não era capaz, deu-me força e dizia que eu não estava sozinho. A Ele toda honra, glória e louvor!

A *minha avó*, **Ediza Veloso**, que contava histórias, nas tardes de domingo, sobre os nossos irmãos negros que ficavam na região do Porto. A essa mulher forte, dedico esta pesquisa, pois foi devido a esses encontros que me tornei o GRIOT que sou hoje!

A *meus pais*, **Ivonete e Nicelso**, meus maiores exemplos de vida, que me encorajam a alçar voos aparentemente desafiadores. Essa conquista não é somenteminha, é de vocês também. *Meus irmãos* **Jéssica e Jonata**, gratidão por todo amor por terem me incentivado durante todo o processo desta caminhada.

À *minha esposa* **Edilene**, que esteve ao meu lado em todos os momentos. Estive ausente em algumas situações, deixamos o lazer em segundo plano para que eu pudesse estudar. Obrigado pela compreensão e orações! À razão da minha vida, *meu filho* **Anthony** que, mesmo tão pequeno, me fez enxergar que é possível conversar com crianças a respeito de assuntos tão pertinentes como racismo, preconceito e discriminação.

Ao Campus CEUNES, da Universidade Federal do Espírito Santo, que me oportunizou a desenvolver esta pesquisa. E aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica, pois, durante as ministrações das aulas, colaboraram para o meu crescimento acadêmico.

A *minha orientadora* Professora Doutora **Eliane Gonçalves**, GRATIDÃO! Obrigado pelo direcionamento, competência, sabedoria, paciência e preciosas orientações. Saiba que, nos momentos de orientação, durante as aulas e nas reflexões, no grupo de estudo, seus ensinamentos contribuíram de maneira significativa para a ampliação dos meus conhecimentos. Você faz parte do ranking das mulheres mais importantes da minha vida!

Ao *Centro de Educação Infantil Municipal “Nossa Senhora Aparecida”*, lócus da pesquisa, meu agradecimento afetuoso a todos, especialmente ao diretor, professores

das turmas que participaram deste estudo e aos alunos pelas trocas de aprendizados mútuos.

*Aos nossos irmãos PRETOS* que construíram histórias, perseveraram e lutaram para que a nossa identidade e ancestralidade não fossem esquecidas, porque, mesmo nos momentos mais difíceis, quando foram açoitados, acorrentados e presos na senzala, não deixaram de disseminar sobre **NÓS** e **QUEM SOMOS!**

E, por fim, a **Zacimba Gaba** – personagem protagonizada na contação de história desta pesquisa – pois, com seu legado de mulher destemida, empoderada, forte e corajosa, incentivará as meninas pretas a conquistarem seu espaço e seu **LUGAR DE FALA!**

## RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar em que medida a contação de histórias afrocentrada pode contribuir para a construção de uma educação antirracista desde a infância. Para o embasamento teórico da pesquisa, elencamos os conceitos que envolvem memória, performance e oralidade. No que diz respeito à memória, dialogamos com os estudos de Paul Ricoeur (2007); sobre performance e oralidade, com as reflexões de Paul Zumthor (2007); no que se refere à contação de história, tradição oral e a figura do Griot, com Hampâtê Bá (2010); quanto às questões sobre relações étnico-raciais e educação racial na educação infância, com Cavalleiro (2003). Por meio de uma pesquisa participante, que envolveu a contação da história *Zacimba Gaba: a princesa guerreira* para crianças da educação infantil, formamos rodas de conversas que favoreceram a construção de uma prática dialógica, pois possibilitaram o exercício do pensamento coletivo. O nosso estudo contribui com outras possibilidades de leitura e percepções a respeito da contação de histórias às crianças, proporcionando a construção de um ambiente lúdico e afetivo para tratar temas complexos da sociedade, como: racismo, discriminação e preconceito racial desde a infância. Dessa maneira, a contação de histórias ganha também um caráter didático, importante para a construção de uma educação antirracista que valorize as tradições, os territórios e os saberes ancestrais já na Educação Infantil.

Palavras-chave: Educação Infantil. Contação de História. Relações Étnico-Raciais. Memória. Performance. Oralidade.

## **ABSTRACT**

This research aims to analyze how much the Afrocentric storytelling can contribute to the construction of an anti-racist education from the childhood. For the theoretical basis of the research, we list the concepts that involve memory, performance and orality. As for memory, we dialogue with the studies of Paul Ricoeur (2007); about performance and orality, with the reflections of Paul Zumthor (2007); in terms of storytelling, oral tradition and the figure of the Griot, with Hampátê Bá (2010); regarding questions about ethnic-racial relations and racial education in childhood education, with Cavalleiro (2003). Through a participatory research, which involved the telling of the story Zacimba Gaba: the warrior princess for kindergarten children, we've formed round talks which favored the construction of a dialogic practice and it enabled the exercise of collective thinking. Our study contributes to other possibilities of reading and perceptions about storytelling to children, providing the construction of a playful and affectionate environment to treat complex issues of society, such as: racism, discrimination and racial prejudice since childhood. In this way, storytelling also gains a character didactic, important for the construction of an anti-racist education that values the traditions, territories and ancestral knowledge already in Early Childhood Education.

Keywords: Early childhood education. Storytelling. Ethnic-racial relations. Memory. Performance. Orality.



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Raça e as legitimações .....	52
Quadro 2 – Planos da Memória Natural .....	65
Quadro 3 – Abordagem das lembranças.....	66

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Raça: turma A.....	90
Gráfico 1 – Raça: turma B.....	90

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - CEIM “Nossa Senhora Aparecida” .....	20
Figura 2 – Procedimentos metodológicos .....	22
Figura 3 - Griot, os guardiões da palavra .....	38
Figura 4 - Maciel de Aguiar .....	74
Figura 5 - Coleção História dos Vencidos .....	76
Figura 6 - Verso do livro .....	77
Figura 7 - Noélia Miranda .....	78
Figura 8 - Capa do livro .....	80
Figura 9 - Sítio Histórico Porto de São Mateus.....	81
Figura 10 - A princesa guerreira .....	82
Figura 11 - Capa do livro da autora Noélia Miranda .....	84
Figura 12 - Representação de Zacimba e sua origem.....	85
Figura 13 - Zacimba: a destemida .....	86
Figura 14 - Black Power de Zacimba.....	87
Figura 15 – Diáspora de Zacimba .....	88
Figura 16 - Os livros da contação.....	92
Figura 17 - O ato performático .....	93
Figura 18 - O olhar fixado.....	94
Figura 19 - Roda de conversa .....	96
Figura 20 - Filme “A princesa e o sapo” .....	98
Figura 21 - Exposição de ideia da aluna Heloísa .....	100
Figura 22 - Participação dos sujeitos da pesquisa .....	103
Figura 23 - Dialogando sobre a heroína .....	104
Figura 24 - O olhar afrocentrado de Raquel .....	105

## LISTA DE SIGLAS

CCPSM -	Centro Cultural Porto de São Mateus
CF -	Constituição Federal
CEIM -	Centro de Educação Infantil Municipal
CNE -	Conselho Nacional de Educação
ES -	Espírito Santo
EI -	Educação Infantil
ERER -	Educação para as Relações Étnico-Raciais
LDB -	Lei de Diretrizes e Base da Educação
PPGEEB -	Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica
RCNEI -	Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil
RER -	Relações Étnico-Raciais
SHPSM -	Sítio Histórico Porto de São Mateus

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>13</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>1 CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: A VELHA ARTE DE ENCANTAR .....</b>	<b>29</b>
1.1 DO PASSADO À CONTEMPORANEIDADE .....	32
1.2 GRIOTS: CONTADORES DE HISTÓRIA E GUARDIÕES DA PALAVRA .....	37
1.3 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO PRÁTICA EDUCATIVA NA INFÂNCIA ...	43
<b>2 HISTÓRIAS AFROCENTRADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL .....</b>	<b>46</b>
2.1 AS HISTÓRIAS AFROCENTRADAS: ARTICULAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	48
2.2 A ESCOLA, O PROFESSOR E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA.....	54
2.3 RECURSOS E METODOLOGIAS PARA O CONTADOR DE HISTÓRIAS.....	57
<b>3 MEMÓRIA, PERFORMANCE E ORALIDADE .....</b>	<b>61</b>
3.1 MEMÓRIA: OBJETO DE PERMANÊNCIA DA HISTÓRIA .....	64
3.2 PERFORMANCE: O CORPO NO ATO PERFORMÁTICO .....	68
3.3 ORALIDADE: INSTRUMENTO DO PASSADO AO PRESENTE.....	70
<b>4 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NA INFÂNCIA .....</b>	<b>74</b>
4.1 ZACIMBA GABA: A PRINCESA GUERREIRA SOB A ÓTICA DOS AUTORES MACIEL DE AGUIAR E NOÉLIA MIRANDA .....	80
4.2 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA E DOS SUJEITOS DA PESQUISA .....	89
4.3 OFICINA LITERÁRIA “CONTAÇÃO DE HISTÓRIA” .....	91
4.4 ANÁLISE DOS DADOS: (RE) CONSTRUINDO HISTÓRIA .....	95
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>106</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>110</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>116</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>127</b>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*A história é importante alimento da imaginação. Permite a autoidentificação, favorecendo a aceitação de situações desagradáveis, ajuda a resolver conflitos, acenando com a esperança. Agrada a todos, de modo geral, sem distinção de idade, de classe social, de circunstância de vida. Descobrir isso e praticá-lo é uma forma de incorporar a arte à vida (COELHO, 1997, p. 12).*

Por muito tempo, as temáticas de discussão a respeito das relações étnico-raciais vêm sendo fomentadas em todo o território brasileiro, pois a história do Brasil está marcada por intensas estruturas de subordinação e construção de concepções e práticas sobre a relação entre negros e brancos.

No que tange ao âmbito educacional, há um aumento das pesquisas que discutem questões que envolvem as relações étnico-raciais e, desde a infância, as crianças começam a apresentar sentimentos de superioridade e inferioridade, sendo esse o motivo que me impulsionou a desenvolver esta pesquisa.

Inserido em universo lendário, nasci e fui criado entre os casarios e a praça do Sítio Histórico Porto de São Mateus, ambos situados no Porto, bairro onde resido atualmente. Este lugar foi marcado por muitas histórias de força, covardia, perseverança, resiliência e de lutas protagonizadas por negros e negras, entre eles, Zacimba Gaba, que liderou bravamente homens e mulheres, para que os nossos irmãos fossem resgatados das mãos dos capitães do mato e de seus senhores, devido às más condições em que viviam como escravizados. Desse modo, sinto-me na obrigação de resgatar, por meio da contação de história, o legado deixado por ela, para que se mantenha viva a memória popular mateense.

A paixão pela contação de histórias começou com a minha avó afro-indígena, que nos convidava, nas tardes de domingo, para sentarmos à beira d'ela e ouvirmos as histórias do Porto. O silêncio tinha que ser absoluto! Ela cantava, dançava e encenava, fazendo com que os personagens se tornassem reais. Nas histórias contadas pela minha avó a respeito desses negros, ela dizia que, apesar de sofrerem, auxiliaram no percurso histórico e de desenvolvimento da cidade.

Assim, contava que existia um negro que fazia farinha como ninguém, uma escrava brava, líder de muitos homens, que não tinha medo de nada e um preto que dava nó em pingo d'água, pois adentrava nas florestas e nenhum capitão do mato o achava.

Antes do seu falecimento, disse-me para que eu não deixasse morrer as memórias contadas por ela. Hoje, sinto-me na obrigação, por meio desta pesquisa, de resgatar as histórias contadas nas tardes de domingo. Cada história transmitida fez-me repensar o quanto esses negros foram importantes para a nossa cultura.

Na graduação, como aluno do Curso de Pedagogia, busquei estudos que me permitissem um maior aprofundamento sobre a Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER), visto que muitos são os fatores envolvidos nessa questão, tais como: ancestralidade, pertencimento, raça, classe, gênero, cultura e sociedade.

Devido ao meu crescente interesse pelas questões da ERER, passei a pesquisar algumas ferramentas que pudessem contribuir nesse processo de construção de uma educação antirracista. Foi então, a partir dessa perspectiva, que comecei a inserção da contação de histórias em minha prática docente na educação infantil.

Durante o desenvolvimento de algumas aulas, nos centros de educação infantil, como professor de Artes, percebi que, quando contava histórias, as crianças, especificamente as negras, não se sentiam representadas nos personagens citados, fato que me inquietou.

Dessa forma, comecei a observar os momentos de troca, através das rodas de conversa, com mais cautela. Quando eu analisava alguns discursos, percebia que grande parte das crianças já trazia consigo um sentimento de inferioridade, ou que os colegas de sala desenvolviam comportamentos racistas devido às características fenotípicas dos colegas negros. Foi a partir desse contexto que pensei em utilizar a contação de história como ferramenta para uma proposta decolonial e antirracista.

No Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica (PPGEEB) da Universidade Federal do Espírito Santo, ingressei com o objetivo de pesquisar a respeito da contação de histórias como ferramenta pedagógica, especificamente pautada para as relações étnico-raciais na infância.

Durante as leituras de alguns textos afrodescendentes, como aluno especial do PPGEEB, percebi que há vários termos utilizados para definir racialmente os negros, porque os sujeitos são ligados à descendência africana, termos estes que foram

construídos devido à relação de poder, marcada pela suposta superioridade do homem branco europeu.

Mesmo após a abolição da escravatura, com a tão sonhada “liberdade” decretada em 1888, a população negra ainda sofre desigualdade social e racial, pois se disseminou na sociedade uma consciência política excludente e preconceituosa.

Para a educação, o processo de implementação da Lei 10.639/03 resulta num marco de conquista histórica do movimento negro em todo o território brasileiro, que inclui no currículo a obrigatoriedade de promover discussões pautadas na História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena.

Nesse cenário de conquistas, a Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB), Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, no seu artigo 24, legitimou, como primeira etapa da Educação Básica, a Educação Infantil, garantindo à criança o pleno desenvolvimento humano e integral. Dessa forma, a LDB reconheceu a Educação Infantil (EI) como um direito da criança, opção da família e dever do Estado.

Sobre o processo inicial da formação da criança, acredita-se que está ligado à família, pois esta é o primeiro contato de socialização; e, em seguida, à escola. Nesse sentido, cabe a esses ambientes promoverem meios para a compreensão da criança como um ser único, e o entendimento de que cada um possui características e identidade própria.

Tendo em vista a temática escolhida, a pesquisa buscou contribuir para que a sociedade, especificamente mateense, pudesse entender a importância de manter vivas as histórias contidas no seu território, utilizando a oralidade como mecanismo de transmissão cultural e de pertencimento. Durante a prática pedagógica o docente poderá utilizar histórias afrocentradas para que os alunos da Educação Infantil possam refletir a respeito da sua identidade, ancestralidade e fomentar, no seu território, suas africanidades.

Sobre as pesquisas com abordagens afrocentradas, especificamente sobre a contação de história, vêm ganhando espaço em decorrência da Lei de nº 10.639/2003, que tem buscado articular discussões na agenda educacional do Brasil, por meio do ato de contar, que realiza uma ponte entre o passado e o presente, a fim de que a memória coletiva seja preservada.



Nesse sentido, esta pesquisa contribuirá com a finalidade de que a cultura africana e afro-brasileira continue sendo ecoada e discutida no meio acadêmico, mostrando a relevância de discutir racismo, preconceito, discriminação, ancestralidade, pertencimento e territorialidade na infância.

A pesquisa intitulada “A contação de histórias como ferramenta pedagógica para a construção de uma educação antirracista desde a infância” representará um importante espaço de discussões sobre as diversidades étnico-raciais para que aconteça a integração entre a universidade, comunidade, escola, aluno e professor. Apresento-me, neste trabalho, um homem que estuda a infância, relevante citar, pois grande parte dos docentes são mulheres, e como afro-indígena que busca estudar sobre a cultura negra do meu lugar/local/território.

## INTRODUÇÃO

*A arte de contar histórias apresenta-se como um exercício de oralidade que reaviva e atualiza a memória social (GOMES, 2012, p. 23)*

A arte de contar histórias está presente, desde os tempos remotos, na história da humanidade, sendo vivenciada nas culturas mais antigas, tornando-se uma forma de diálogo, com a missão de preservar e impedir que a cultura e a identidade da sociedade, naquela época, narradas através dos contos, não fossem esquecidas.

Naquele tempo, eram contadas várias histórias,

[...] como forma de transmitir os valores culturais, espirituais e morais próprios de cada povo. Basta pensar nas histórias da Bíblia, nas narrações de Buda ou nos contos sufis que exercem a função, dentre outras finalidades, de transmissores do saber e meios de se comunicar com o Ser Supremo, ou ainda para a compreensão de si mesmo ou do universo (DUFOUR, 2005, p. 19).

Por muito tempo, a transmissão oral, passada de geração em geração, serviu como veículo de comunicação para as comunidades que ainda não possuíam a escrita. Foi uma forma encontrada para que se mantivessem os saberes, valores e crenças em prol da sobrevivência individual e coletiva. Desse modo, a contação de histórias se mostra como um dos meios mais clássicos de socialização humana usada para transmitir conhecimento.

Diante do exposto, a pesquisa tem como objetivo geral analisar de que forma a contação de histórias afrocentradas pode contribuir para a construção de uma educação antirracista, desde a infância, para possibilitar discussões vinculadas à Educação das Relações Étnico-Raciais.

Buscaremos, ainda, alcançar os seguintes objetivos específicos, que visam a: analisar o percurso histórico da contação de histórias, do passado à contemporaneidade, a figura do Griot<sup>1</sup> para que sejam mantidas as relações de ancestralidade e de memórias

---

<sup>1</sup> Denominação usual na África Ocidental, são os depositários da tradição oral. E griô é só uma das muitas maneiras de se chamar em África os menestréis da palavra africana, tribal, pertencente ao clã, aos ancestrais, à comunidade dos falantes de variadas e inúmeras línguas (SISTO, 2012, p. 271). Seguiremos a escrita utilizada por Hampâté Bâ em todo o texto, mantendo apenas a formatação diferente.

e os recursos metodológicos para o ato de contar; investigar como as histórias afrocentradas podem contribuir na preservação da cultura africana; compreender a importância da oralidade como mecanismo de permanência da história, memória e performance; e promover prática pedagógica que possa contribuir para a construção de uma educação antirracista na educação infantil.

Para alcançar os objetivos supracitados, no que se refere à educação racial na educação, buscaremos dialogar com os estudos de bell hooks<sup>2</sup> (2013), pois a autora defende que a prática pedagógica é um mecanismo político e de resistência nas lutas antirracistas. É preciso transgredir práticas enraizadas na educação e implementar uma atividade que promova a liberdade com o propósito de rompimento com posturas racistas na educação.

A professora Eliane Cavalleiro (2003) aborda as interações estabelecidas entre negros e brancos, na Educação Infantil, elencando a escola como uma instituição construída socialmente, que reflete os pensamentos existentes na sociedade. Cavalleiro ressalta a presença de posturas preconceituosas, entre crianças em idade pré-escolar, definindo as pessoas de acordo com a cor da pele.

No que se refere à tradição oral, concordamos com Hampâté Bâ (2010), que

[...] é a grande escala da vida, e dela recupera e relaciona os aspectos. Pode parecer caótica àqueles que não lhe descortinam o segredo e desconcertar a mentalidade cartesiana acostumada a separar tudo em categorias bem definidas. Dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados. Ao passar do esotérico para o exotérico, a tradição oral consegue colocar-se ao alcance dos homens, falar-lhes de acordo com o entendimento humano, revelar-se de acordo com as aptidões humanas. Ela é, ao mesmo tempo, religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação [...] (HAMPÂTÉ BÂ, 2010, p. 5).

Como vimos na citação, Hampâté Bâ<sup>3</sup> menciona o Griot como uma figura importante para a transmissão de conhecimento e de memória. O Griot, nas sociedades africanas, é um contador de histórias que, por meio da tradição oral, tem o intuito de

---

<sup>2</sup> Gloria Jean Watkins é o nome de batismo de bell hooks. A escolha do pseudônimo é uma homenagem à sua bisavó Bell Blair Hooks. Hooks defende a pluralidade dos feminismos e compreende a prática pedagógica como um lugar fundamentalmente político e de resistência nas lutas antirracistas (ALMEIDA, 2021). Seguiremos a escrita utilizada por hooks em todo o texto, mantendo apenas a formatação diferente nas citações.

<sup>3</sup> Amadou Hampâté Bâ integra a primeira geração do Mali com educação ocidental e estuda a importância da transmissão oral, dar voz às histórias e às tradições locais do continente africano (FARAH, 2003, p.01).

preservar e disseminar a herança cultural africana para que as histórias continuem vivas, sendo sua a função de entreter e instruir.

Dessa forma, é importante analisarmos as possíveis contribuições da contação de histórias com base na perspectiva afro-brasileira – construída sob uma educação antirracista – passada de geração em geração, com o enfoque na tradição do Griot, africano que veio do Mali, sendo sua proposta a manutenção viva das memórias e valorização das vivências comunitárias por meio da tradição oral.

No ambiente escolar, sugerimos que o educador passe a assumir a figura do contador africano, mantendo as tradições e as memórias ancestrais do aluno. Além de prazeroso, o ato de contar pode ser usado em sala para auxiliar o professor numa metodologia inovadora e eficaz, proporcionando de fato um momento de aprendizado, reflexão-crítico-social-cultural e de pertencimento étnico-racial.

Com a finalidade trabalharmos os conceitos que envolve memória, performance e oralidade, analisaremos os estudos realizados por Paul Zumthor, por meio dos livros *Performance, recepção, leitura* (2007)<sup>4</sup> e *Letra e Voz*<sup>5</sup> (1993). Paul Ricoeur contribuirá para o embasamento teórico sobre memória como objeto e permanência da história através da sua obra *A memória, a história, o esquecimento*<sup>6</sup> (2007).

A pesquisa foi realizada no Centro de Educação Infantil Municipal (C.E.I.M) “Nossa Senhora Aparecida”, instituição localizada no Sítio Histórico de São Mateus (Figura 1), no bairro Porto, com estudantes de 2 turmas de 05 anos.

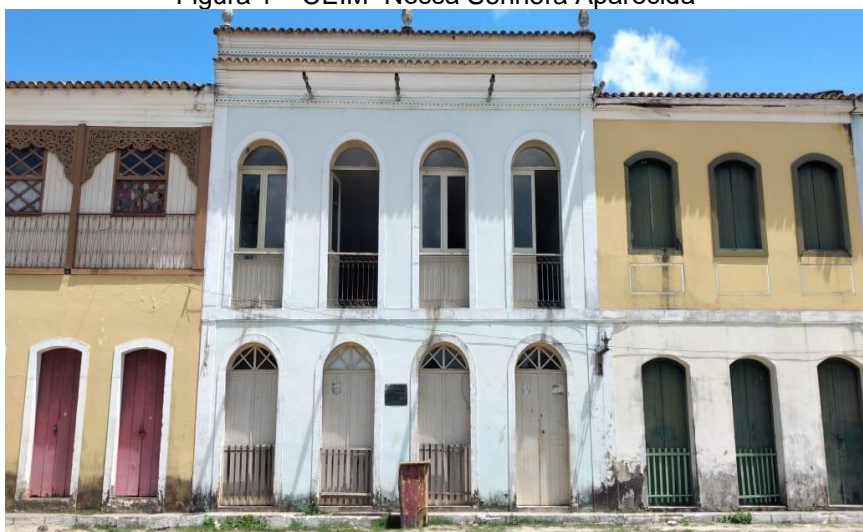
---

<sup>4</sup> O livro do francês Paul Zumthor foi traduzido pela tradutora Jerusa Pires Ferreira e publicado pela editora Cosac Naify, 2. ed. em 2007.

<sup>5</sup> Obra publicada com o apoio do Ministério da Cultura do governo francês, traduzida por Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. A editora Companhia das Letras publicou-a em 1993.

<sup>6</sup> Traduzida por Alain François e publicada pela Editoria Unicamp em 2007.

Figura 1 – CEIM “Nossa Senhora Aparecida”



Fonte: Autoria própria, 2021.

O Centro de Educação Infantil Municipal “Nossa Senhora Aparecida”, localizado no Sítio Histórico Porto de São Mateus-ES, teve sua fundação em 15 de janeiro de 1976. O Porto, no seu apogeu, era o centro comercial da cidade e o local de residência dos negociantes. Os casarões abrigavam, na parte térrea, os armazéns e as lojas. À habitação, era reservada a parte superior.

Esse conjunto urbano, que foi tombado como patrimônio cultural, é formado por uma praça frontal ao cais que tem seu fechamento em três outros lados por casarões e armazéns do século passado. Dentro desse grupo de construções mais importantes do Sítio Histórico, está situado o CEIM. O casario foi tombado na gestão municipal do Prefeito Amocim Leite, que foi o primeiro prefeito negro da História, quando o Brasil vivia o período da ditadura militar.

Atualmente, o CEIM oferece à população do bairro vagas para crianças de 2 a 5 anos de idade, em tempo integral, sendo sua missão formar um aluno autônomo e crítico, capaz de estabelecer vínculos afetivos e de troca para que, de forma gradativa, possa ampliar as possibilidades de comunicação e interação social, com liberdade de ir e vir.

A referida instituição possui, como linha filosófica, o desenvolvimento sócio-crítico-cultural e a missão de proporcionar às crianças situações prazerosas de descoberta e aprendizagem, com atenção ao desenvolvimento integral, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, para contribuir na formação de cidadãos conscientes.

A escola atende o total de 110 crianças, em período integral, devido às necessidades das famílias, pois grande parte delas trabalha o dia todo. A grande maioria dos pais trabalha fora e não possui carteira assinada, sendo 31% dos pais pedreiros, 15% operadores de máquinas e o restante trabalha em serviços diversos, como motorista, frentista, lavador de carros, pescador etc. Já as mães, 53% são empregadas domésticas, 10% vendedoras e as demais garçonetes, vigilantes, dentre outros.

O prédio possui dois pavimentos. O acesso ao 2º pavimento é através de rampa. É coberto com telhas coloniais, nos moldes dos casarões antigos que compõem o sítio. Possui um espaço físico, porém foi construído de forma que as salas ficassem abertas, sem paredes divisórias. A escola está funcionando com 7 salas de aula amplas, em período integral, divididas em 01 turma de Creche Nível II, 02 turmas de Creche Nível III, 02 turmas de Pré Nível I e 02 turmas de Pré Nível II.

Para que o atendimento integral aconteça, as propostas pedagógicas são variadas, pois envolvem aulas de arte, musicalização, atividades físicas, brincadeiras, jogos e atividades de sala realizadas pela professora referência, pois a instituição tem como foco promover o desenvolvimento da linguagem e a formação de hábitos e atitudes, atividades diversas de estimulação, socialização, recreação e exploração do ambiente, através do educar e cuidar em sua inseparabilidade.

As turmas possuem o máximo de vinte alunos, contando com auxiliares de sala que ajudam no desenvolvimento das aulas com os alunos especiais, para que o objetivo da escola seja colocado em prática, ou seja, fazer com que a sala de aula seja um ambiente prazeroso e o aluno, protagonista do processo de ensino-aprendizagem.

A pesquisa foi conduzida com base nos pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa participante. Este tipo de pesquisa foi utilizado por desempenhar um papel ativo e significativo no desenvolvimento da pesquisa, por meio da contação de história, pois se configura em:

Uma participação tomada em um duplo sentido, pois sempre se entendeu que, como meio de realização da educação, a pesquisa participa da ação social também como uma prática pessoal e coletiva de valor pedagógico, na medida em que sempre algo novo e essencial se aprende através de experiências práticas de diálogo e de reciprocidade na construção do conhecimento (BRANDÃO, 1999, p. 10).

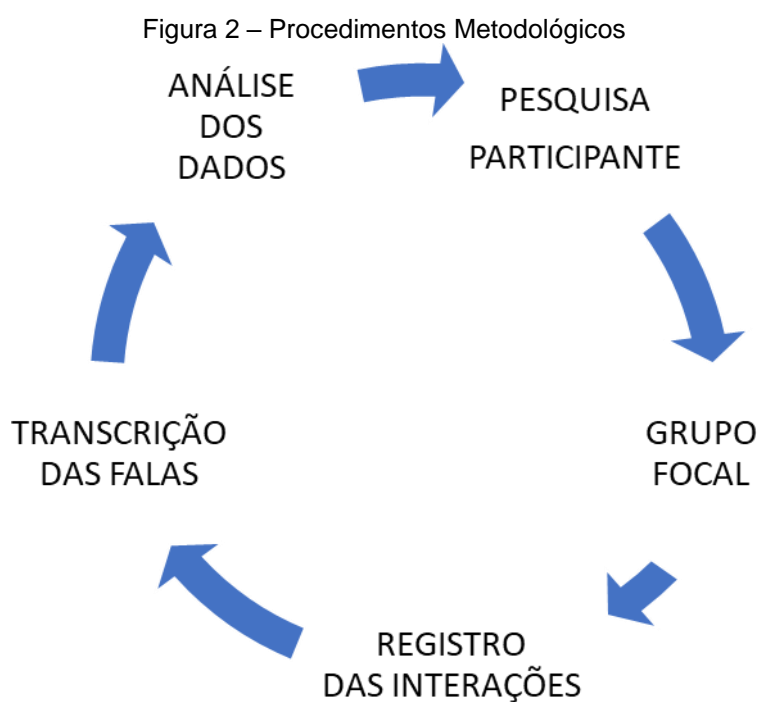
A partir dessa consideração metodológica, usaremos a contação de história como

ferramenta da pesquisa participante, apresentando as crianças à personagem Zacimba Gaba da Coleção Heróis Vencidos por meio de textos, recolhidos pela via oral, dos autores Maciel de Aguiar e de Noélia Miranda, cujo texto teatral construído foi adaptado com linguagem adequada para a faixa etária dos discentes.

Considerando que a pesquisa é participante e para que sejam alcançados os objetivos, usamos o Grupo Focal (G.F), que promoveu uma ampla problematização sobre o tema em foco, como técnica de coleta e de análise de dados qualitativos. Nesse sentido, o G.F é:

[...] uma técnica que propõe uma dinâmica de interações entre um conjunto limitado de pessoas que devem estabelecer, entre si, uma troca mútua de informações, pensamentos e expectativas com relação a um determinado tema, provenientes de suas experiências pessoais e do contato com seu meio social, sendo orientado por um moderador ou facilitador (JESUS; LIMA, 2019).

Os integrantes do grupo focal analisados foram estudantes de duas turmas de 05 anos da Educação Infantil. O método foi escolhido para que a compreensão referente à história, experiências e ponderações fosse compartilhada pelas crianças. A seguir (Figura 2), apresentaremos os procedimentos metodológicos por meio de uma imagem que descreve cada passo da pesquisa:



Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

Após o desenvolvimento da contação, fizemos uma roda de conversa, com perguntas abertas (roteiro anexado no apêndice), tendo como objetivo o diálogo sobre a história, pois sua aplicação buscou a familiarização com os sujeitos da pesquisa. Em seguida, eu me apresentei, relatei os objetivos da pesquisa e as informações pertinentes sobre o desenvolvimento dela.

Além de analisar a compreensão dos alunos referente à história da princesa guerreira por meio da roda de conversa – prática desenvolvida na rotina da Educação Infantil –, analisaremos o comportamento e perceberemos como os estudantes se relacionam com as histórias de seu território, indagaremos se conhecem ou não a personagem e buscaremos a promoção, o envolvimento e a integração das crianças na contação. A roda de conversa é um importante espaço de diálogo que permite aos alunos se expressarem e aprenderem de forma conjunta, visto que terão a oportunidade de opinar, ouvir e aprender com os colegas. A esse respeito, aduz Silva (2016):

A formação circular cria o antagônico: concentração e dispersão, falas, relatos, opiniões oriundas dos mais variados pensamentos, formas variadas de compreensão e encaminhamento misturam-se, como em um redemoinho. Penso que a prática constante da roda de conversa promove, aos poucos, um equilíbrio por meio do qual alguns aprendem a ouvir mais, enquanto outros se colocam mais, aprendizados múltiplos que nos conduzem a diferentes maneiras de nos conhecer, reconhecer, ampliar, adaptar e conviver (SILVA, 2016, p. 45).

Durante o desenvolvimento da roda de conversa, fizemos uso de gravação de vídeo, voz e registros fotográficos para análise e elaboração dos dados que serão mencionados apenas na pesquisa. Previamente, foram enviados os Termos de Consentimento aos pais/responsáveis com a finalidade de informá-los, com intuito de não haver transtornos durante a pesquisa.

Como instrumento de análise fizemos o uso também da observação para ressaltar o comportamento e as reações dos sujeitos da pesquisa do seu corpo e de suas argumentações sobre o era argumentado. Sobre a prática da observação, ressalta Neto (2004, p. 60) que:

A importância dessa técnica reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real.

As histórias são verdadeiras fontes de sabedoria, têm papel formador da identidade. Há pouco tempo, elas foram redescobertas como fonte de conhecimento de vida,



tornando-se também um grande recurso para educadores. Com o advento da comunicação, ampliação dos seus recursos e a globalização das informações, a linguagem falada tende a definhir, porém, concomitantemente, surgiu uma necessidade de resgatar os valores tradicionais e a própria natureza humana. A tradição oral dos contos não só reapareceu como está ganhando força nos últimos tempos (BUSATTO, 2006, p. 21).

Para o contexto educacional, a contação é um instrumento de suma importância no desenvolvimento do educando, na Educação Infantil, pois se acredita que a atividade de contar histórias facilita na construção da formação humana, começando pela infância, devendo ser reconhecida no ambiente escolar, com o objetivo de fortalecer a imaginação, o vocabulário, concentração e a memória, entre outros aspectos relevantes.

Neste estudo, ela servirá de ferramenta pedagógica para a construção de uma educação antirracista, para que as crianças possam construir uma relação positiva com sua autoimagem e refletir sobre preconceito e discriminação racial que, segundo Nilma Lino Gomes (2005, p 55), é [...] “a prática do racismo e a efetivação do preconceito”.

Sobre preconceito racial, Nilma Lino Gomes (2005) salienta ser:

[...] um julgamento negativo e prévio dos membros de um grupo racial de pertença, de uma etnia ou de uma religião ou de pessoas que ocupam outro papel social significativo. Esse julgamento prévio apresenta como característica principal a inflexibilidade, pois tende a ser mantido sem levar em conta os fatos que o contestem (GOMES, 2010, p. 54).

Na perspectiva de pesquisar sobre a contação de história na infância com enfoque nas relações étnico-raciais, delineou-se a seguinte problemática: de que forma a contação de histórias afrocentradas pode contribuir para a construção de uma educação antirracista dos estudantes da Educação Infantil na Região do Porto de São Mateus - ES?

Sendo a criança o centro do processo de aprendizagem, é necessária a promoção de práticas pedagógicas para a formação social dos indivíduos e a inserção de temáticas de discussão e reflexão a respeito das relações étnico-raciais. A História do Brasil está marcada por intensas estruturas de subordinação que legitimaram o eurocentrismo como principal forma de produção social.

Ferro (1983) assevera que: “não nos enganemos: a imagem que fazemos de outros povos, e de nós mesmos, está associada à História que nos ensinaram quando éramos crianças. Ela nos marca para o resto da vida” (FERRO, 1983, p. 11). Como afirma Ferro, (1983) percebe-se que o ensino é um dos meios de perpetuação de identidades, valores, tradições e culturas de uma sociedade.

A sociedade legitimou e manteve marcas do colonialismo, passadas de geração em geração, referentes à identidade negra, definindo e protagonizando falas de violência racial. Esse processo de inferiorização do indivíduo adulto acaba se estruturando na criança, pois ela relaciona e define concepções embasadas em ações que indicam todo um conjunto de inferioridade. Desse modo, Cavalleiro (2001) esclarece esse ponto:

Essa percepção compele a criança negra à vergonha de ser quem é, pois isso lhe confere participar de um grupo inferiorizado dentro da escola, o que pode minar a sua identidade. Resta à criança branca a compreensão de sua superioridade étnica, irreal, e o entendimento da inferioridade, igualmente irreal, dos indivíduos negros (CAVALLEIRO, 2001, p. 98).

Nesse contexto, as histórias expressam valores que aproximarão o aluno das tradições culturais que o envolvem. A partir desse envolvimento, as crianças irão adquirir conhecimento sobre sua história de luta, vida e de sobrevivência.

No Brasil, foi criada a Lei nº 10.639/2003, que posteriormente foi complementada pela Lei 11.645/08, a qual determina que, no ambiente escolar, é necessário abrir espaços de discussão e reflexão sobre o ensino da cultura africana e afro-brasileira, como parte do currículo escolar e também do projeto político-pedagógico da escola, trabalhando os temas de forma direta ou indireta, multidisciplinar ou interdisciplinar. Essa inclusão temática será facilitadora da compreensão do aluno acerca das diversidades e identidades. A esse respeito, analisa Santos (2014):

Ao buscar entender estas diferenças, o aluno consegue visualizar perspectivas de uma história, ampliando seu senso crítico frente às representações e conceitos que lhes são transmitidos historicamente acerca dos povos constituintes deste país, entre estes os africanos que, com seu conhecimento, tanto tecnológico, como intelectual e cultural, imprimiram uma autenticidade e uma Africanidade na forma de ser dos brasileiros (SANTOS, 2014, p. 14).

Corroborando Nilma Lima Gomes (2010):

A implementação da Lei 10.639/03 e de suas respectivas diretrizes curriculares nacionais vem somar às demandas do movimento negro, de

intelectuais e de outros movimentos sociais que se mantêm atentos à luta pela superação do racismo na sociedade, de modo geral, e na educação escolar, em específico. Esses grupos partilham da concepção de que a escola é uma das instituições sociais responsáveis pela construção de representações positivas dos afro-brasileiros e por uma educação que tenha o respeito à diversidade como parte de uma formação cidadã. Acreditam que a escola, sobretudo a pública, exerce um papel fundamental na construção de uma educação antirracista (GOMES, 2010, p. 68).

Após o aluno entender as diferenças, perceberá a desvalorização e a alienação do africano e seus descendentes que foram se construindo a partir do processo estabelecido pelos europeus, marcas do colonialismo do poder para estabelecer que uma raça é superior a outra. Nessa perspectiva, a pesquisa contribuirá para ampliar discussões e reflexões a respeito da configuração entre negros e brancos no espaço da Educação Infantil, com o intuito da promoção ao respeito étnico, à diversidade e à igualdade.

Conforme explana Gomes (2012), contar histórias é um exercício social da oralidade que reaviva e atualiza a memória social e os significados dessa história para as crianças:

Contar ganhou outros significados, como comunicar, ensinar, brincar, inserir a criança no contexto social. Contar é também uma forma de inserir a linguagem do grupo para a criança. A história irá incentivar o desenvolvimento da memória afetiva e criará entre eles e as histórias contadas um elo de proximidade e afeição (GOMES, 2012, p. 26).

Portanto, o educador tem a função de oportunizar à criança o desenvolvimento de seu vocabulário, ao inserir uma linguagem significativa em sua rotina na sala de aula. Para melhor compreensão dos alunos a respeito da história, é de suma importância que o “contador” precise conhecer a história que vai contar às crianças e deve estar familiarizado com o texto antes de contá-lo, entender as palavras para que as entonações sejam corretas e no momento certo.

Abramovich (2000) menciona a importância do professor no ato de contar, pois

[...] quando se vai ler uma história – seja qual for – para a criança, não se pode fazer isso de qualquer jeito, pegando o primeiro volume que se vê na estante... E aí, no decorrer da leitura, de mostrar que não está familiarizado com uma ou outra palavra (ou com várias), empacar ao pronunciar o nome duma determinada personagem ou lugar, mostrar que não percebeu o jeito como o autor construiu suas frases e ir dando as pausas nos lugares errados, fragmentando um parágrafo porque perdeu o fôlego ou fazendo ponto final quando aquela ideia continuava, deslizante, na página ao lado [...] (ABRAMOVICH, 2006, p. 48).

Muitas vezes, percebemos que a questão racial em sala de aula é tratada de maneira equivocada, reforçando a construção de uma imagem inferiorizada e subalternizada. Sendo a Educação Infantil um espaço em que se constroem sentidos a partir das interações sociais, a contação de história será mencionada como ferramenta pedagógica para que professores e crianças possam dialogar sobre uma educação para as relações étnico-raciais e promover a construção de uma educação antirracista.

A dissertação será organizada em cinco capítulos que buscarão apresentar temáticas do trabalho para melhor compreensão do assunto supracitado e responder às inquietações da pesquisa, com o intuito de promover reflexões a respeito da contribuição da contação de história como ferramenta pedagógica para a construção de uma educação antirracista desde a infância.

Com base em informações prévias de estudo, a dissertação será desenvolvida conforme a apresentação abaixo:

O capítulo 1, **“Contação de história: a velha arte de encantar”**, destacará o percurso histórico do ato de contar como necessidade humana que se apresenta como um exercício social da oralidade, buscando enfatizar sua importância para a Educação Infantil como uma ferramenta de construção da educação antirracista. Será enfatizado o papel dos Griots como mantenedores da tradição oral africana e perpetuadores da memória e cultura negra.

Nesse sentido, para o aprofundamento teórico, usaremos Hampâté Bâ (2010), que discorre a respeito da importância e potência das tradições orais como forma de transmissão cultural para que a memória coletiva seja perpetuada e mantida viva de geração em geração.

Já no capítulo 2, **“As histórias afrocentradas na Educação Infantil”**, apresentaremos as histórias afrocentradas para a preservação da cultura africana por meio da contação. Ainda neste capítulo, abordaremos a implementação das Leis 10.639/03 e 11.645/08, que abriram espaço para que se discuta, no currículo escolar, a história, cultura africana e afro-brasileira o que, por muito tempo, foi reivindicado pelo Movimento Negro.

No próximo, capítulo 3, **“Memória, performance e oralidade”**, discorreremos a respeito desses conceitos que embasarão a compreensão desta pesquisa. Com relação à memória, Paul Ricoeur (2007) a caracteriza como objeto da história. Quanto

à performance e relação da voz com o texto no processo de desenvolvimento do ato performático, nossa base será Paul Zumthor (1993). Sobre oralidade como instrumento de transmissão cultural e de pertencimento, Hampâté Bâ (2010).

Por fim, no capítulo 4, “**Práticas pedagógicas para a construção de uma educação antirracista na infância**”, abordaremos a caracterização dos sujeitos da pesquisa, análise da contação de história e, para concluir, os relatos dos alunos na roda de conversa, mediada pelo pesquisador.

Apresentaremos em síntese os textos recolhidos pela via oral, coletado pelo mateense Maciel de Aguiar e a autora baiana Noélia Miranda (2014), em que ambos abordam a história da nossa heroína Zacimba com narrativas diferentes. A perspectiva da escrita do Maciel era fazer com que as memórias do povo negro não fossem esquecidas através da tradição oral. Já a narrativa construída por Noélia Miranda, além de promover a memorização, ressalta a importância de dialogar nos espaços educacionais a história do povo negro através de uma literatura colorida, potencializando a diáspora africana.

Nas **Considerações Finais**, explanaremos os apontamentos e percepções vinculadas aos objetivos deste estudo, com a finalidade de provocar discussões e reflexões a respeito da contribuição da contação de história para a formação de uma educação antirracista na Educação Infantil. Através do ato de contar, dialogamos com os alunos para que desde pequenos pudéssemos discutir sobre sua história, território e memórias.

## 1 CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: A VELHA ARTE DE ENCANTAR

*O conto de literatura oral se perpetuou na história da humanidade através da voz dos contadores de história (BUSATTO, 2006, p.20).*

Neste capítulo, teceremos um panorama histórico do ato de contar, do passado à contemporaneidade, apresentando a figura do Griot como guardião e mantenedor da palavra, a manutenção viva das tradições, memórias e ancestralidade por meio da tradição oral. Ainda neste tópico, retrataremos a contação de história como ferramenta pedagógica para a Educação Infantil, pois a contação inserida na infância auxilia como despertar da curiosidade, estimula a imaginação, a autonomia, o pensamento e, nesta pesquisa, contribuirá para as discussões temáticas relacionadas às diversidades étnico-raciais.

Antes mesmo da existência da escrita, a contação de história surgiu com a necessidade de transmitir, pela oralidade, os fatos históricos e as lembranças das memórias de cada povo. A força das histórias, contadas inúmeras vezes ao longo dos anos, fará com que o indivíduo se reconheça como parte integrante do grupo, como avalia Gomes (2012):

A arte de contar histórias é também uma arte da memória. Não é difícil perceber que a memória é sempre o reencontro com a tradição. Tradição social efetuada pelo exercício social da oralidade. Ou seja, a arte de contar histórias reaviva e atualiza a memória social (GOMES, 2012, p. 23).

Dessa forma, o ato de contar apresenta-se como exercício social da oralidade para que se mantenham vivas as memórias e as tradições. Ao longo do tempo, contar foi ganhando novos significados, tais como: brincar, comunicar e ensinar, ganhando espaço no âmbito educacional como ferramenta pedagógica de incentivo à leitura. Nesse sentido, aduz Hampâté Bâ (2010):

Quando falamos de tradição em relação à história africana, referimo-nos à tradição oral e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apoie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. Essa herança ainda não se perdeu e reside na memória da última geração de grandes depositários [...] (HAMPÂTÉ BÂ, 2010, p. 167).

A contação de histórias é um momento mágico que envolve a todos os presentes nesse momento de fantasia. Conhecer mais essa arte nos faz identificar as culturas mais antigas, entendendo sua importância desde a antiguidade até os dias atuais. A esse respeito, explana Farias (2011):

Tudo começou em uma caverna, quando os primeiros caçadores e coletores se reuniram em volta das chamas da fogueira para contar histórias uns aos outros, sobre suas aventuras na luta pela sobrevivência, para dar voz à percepção fenomenológica dos eventos naturais e sobrenaturais, e, assim, entrar em conformidade com a ordem social e cósmica. Algumas dessas histórias ficaram registradas nas paredes das cavernas e ainda resistem às intempéries acontecidas durante os milhares de anos (FARIAS, 2011, p. 19).

Nesse contexto, é possível perceber que a contação de história, através da oralidade, vem sendo transmitida desde os antepassados até os dias de hoje. Na continuação, Farias (2011, p. 19) reforça: “foi graças à tradição oral que muitas histórias se perpetuaram, sendo transmitidas de uma geração para outra”.

Corrobora Hampâté Bâ (2010) que:

Dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados. Ao passar do esotérico para o exotérico, a tradição oral consegue colocar-se ao alcance dos homens, falar-lhes de acordo com o entendimento humano, revelar-se de acordo com as aptidões humanas. Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação [...] (HAMPÂTÉ BÂ, 2010, p. 169).

Nos tempos quando não existia a escrita, algumas experiências vividas no cotidiano eram registradas nas paredes das cavernas e a oralidade passou ser a maneira das comunidades mais velhas propagarem – para as gerações mais novas – seus hábitos, costumes e conquistas alcançadas, gerando curiosidade para quem ouvia as histórias.

Desde aqueles tempos, o homem observou que contar histórias promovia encantamento, curiosidade e, assim, garantia o reconhecimento dos que ouviam, tornando o contador uma figura importante por causa de suas narrativas, já que ele é, de acordo com Busatto (2006):

Um comunicador que adquiriu o dom de narrar influenciado pelo meio que habita, transformando-se na memória coletiva da sua comunidade e transmitindo, por meio dos contos, lendas e mitos, as raízes culturais do seu povo (BUSATTO, 2006, p. 19).

Partindo desse pensamento, sobre o percurso histórico da contação, Patrini (2005,p. 106) diz que é importante “convocar imagens e ideias de sua lembrança, misturando-as às convenções contextuais e verbais de seu grupo, para adaptá-las segundo o ponto de vista cultural e ideológico de sua comunidade”.

Malba Tahan (1961, p.24) menciona que “até os nossos dias, todos os povos civilizados ou não, têm usado a história como veículo de verdades eternas, como meio de conservação de suas tradições, ou da difusão de ideias novas”. Hampâté Bâ (2010) sintetiza que o homem deve analisar o seu papel no seio do universo, para que, através das palavras, possa retomar seus próprios mistérios e de sua criação.

Nesse sentido, a oralidade passou a ser um instrumento de interação social, pois todos os acontecimentos que iam surgindo, ao longo do tempo, eram contados por uns aos outros. Assim, as histórias contadas ficavam na memória, sendo passadas de geração em geração, tornando-se uma herança cultural entre os povos.

Corroborando Farias (2011, p. 19), quando relata que “até hoje, entre indígenas, comunidades rurais, ribeirinhas e remanescentes de quilombos, predominam as formas orais de comunicação; a cultura é transmitida por meio da oralidade”. Dessa forma, as histórias contadas se tornaram para essas comunidades uma forma de resistência, falar de si a partir do seu lugar, da sua experiência e não pelo olhar e narrativa do outro.

Para que os costumes e tradições não sejam perdidos com o tempo, na cultura africana, a figura o Griot é de grande importância, pois ele é designado como o guardião da memória. A sua função vai além de contar história, porque carrega a responsabilidade de transmitir a sabedoria, os ensinamentos e a sua história por meio da palavra que, para os africanos, possui uma força gigantesca de conhecimento. Assim sendo, Melo (2009) esclarece:

O griot conta sua história, revela os momentos sociais nos quais a prática de contar foi adquirida. Seus relatos têm relação com a identidade coletiva e permite a sua identificação com o povo, com a comunidade. Daí o prestígio social especial que lhe é conferido pela tradição. A sua atuação ganha especial importância porque traz consigo a memória profunda que cuida da compreensão do tempo histórico e sua relação com o espaço (MELO, 2009, p. 149).

Através da potência oral, os caminhos entre o texto, a memória e o corpo se unem, a fim de que as tradições sejam mantidas e os ensinamentos compartilhados para a



preservação da identidade e da memória coletiva. Desse modo, a contação de história contribui de maneira significativa para a manutenção das tradições culturais da própria história da população.

## 1.1 DO PASSADO À CONTEMPORANEIDADE

*Mas, o que fazer quando a memória parece um papel em branco, sem a lembrança de quem nos contou uma história? (GOMES, 2012, p. 25.)*

As histórias são ricas fontes de conhecimento e sabedoria que perpassam de geração em geração para que as tradições, crenças e valores não sejam esquecidos. Ao longo dos anos, o ato de contar foi se adaptando, conforme a sociedade e a evolução humana, pois, nos primórdios da civilização, a humanidade percebeu a necessidade de se comunicar e manter vivas as memórias. Busatto (2006) salienta que, por meio das vozes dos contadores de história, a humanidade se perpetuou.

Nas comunidades indígenas, os contadores de história são os pajés, que convocam a tribo. As tradições são transmitidas em círculos, sendo o pajé detentor de todo o segredo da arte de dizer. Deixando de ser apenas um instrumento de encantamento, passou a ser o contador, conservando as tradições da tribo (BUSATTO, 2006).

Para a nossa pesquisa, com base na perspectiva cosmoafricana, serão utilizadas as lembranças como arte de contar histórias, as raízes culturais, as memórias, as origens sendo preservadas. Dessa forma, se estimulará o redescobrimento e o sentimento de identidade e pertencimento ao seu lugar, os recomeços, de acordo com Gomes (2012):

A força das histórias, assim contadas, pode ser vista nos inúmeros “recomeços” dos contadores de histórias, nas roupagens novas com as quais adornam seus contatos, dando aparência de “novidade” às histórias que vêm sendo contadas há centenas de anos e, principalmente, no aceite da memória coletiva, em que o indivíduo se reconhece como participante do grupo (GOMES, 2012, p. 30).

Nas tribos africanas, embaixo da árvore Baobá, as histórias eram transmitidas, sendo o ato de contar realizado pelo mais velho da comunidade, pois era o que tinha uma vasta experiência de vida. Todos se reuniam para ouvir os relatos que, em grande parte, foram vividos pelo sábio. Além de resgatar e valorizar os fatos históricos, o contador aconselhava e transmitia os costumes da comunidade.

Desse modo, para Melo (2019), o ancião da comunidade é aquele que

[...] mantém a continuidade da tradição oral, a fonte de saberes e ensinamentos e que possibilita a integração de homens e mulheres, adultos e crianças no espaço e no tempo e nas tradições; é o poeta, o mestre, o estudioso, o músico, o dançarino, o conselheiro, o preservador da palavra. A palavra que, na cultura africana, é muito importante, pois representa a estrutura falada que consolida a oralidade. O poder da palavra garante a preservação dos ensinamentos desenvolvidos nas práticas essenciais diárias na comunidade (MELO, 2019, p. 149).

Com o passar do tempo, a contação de histórias foi ganhando novos ressignificados, sendo aproveitada para propagar a fé, com o propósito de doutrinar as pessoas pela religião, pois acreditavam que, através da oralidade, as pessoas assimilariam as verdades eternas, conservando as tradições e as crenças, conforme aduz Santos (2014):

Com o decorrer do tempo, a contação de história foi aproveitada para muitos propósitos como os religiosos, pois viram que era uma maneira de propagar as religiões, como também entreter a realeza de algumas regiões como os menestréis que tinham lugares de destaques nos reinos visitados (SANTOS, 2014, p. 13).

Após a utilização da contação de história ser desenvolvida para outros propósitos, como o de propagar a religião, os contos foram ganhando espaço na sociedade e os contadores tiveram que mudar a sua forma de narrar para que o imaginário do espectador fosse construído de maneira significativa.

Mesmo que o mundo viva em tempos nos quais a mídia e as tecnologias estão cada vez mais acessíveis às crianças, afinal, as informações são disponibilizadas para a sociedade com celeridade, o ato de contar histórias, para os povos africanos, permanece como fonte de conhecimento, pois são contadas pela riqueza da oralidade, já que parte das suas tradições corre o risco de ser extinta em pleno século XXI. É o que explica Nkama (2012):

A maioria das línguas africanas corre o risco de extinção, porque elas estão desenvolvidas, porque não são ensinadas na escola, porque lhes estão sendo impostas as línguas coloniais que servem como línguas de comunicação. Isso significa que se está perdendo o principal veículo de transmissão da nossa oralidade milenar. Os cantos, os contos, os mitos, as lendas, os provérbios, as fábulas contadas pelos avós na língua nativa correm o risco de desaparecer com as línguas [...]. (NKAMA, 2012, p. 256).

Com o surgimento da imprensa, os jornais e livros tornaram-se mecanismos de transmissão da cultura dos povos. Desse modo, os contadores que, antes, narravam as histórias passaram a ser esquecidos. Apesar disso, diante de uma sociedade moderna, a transmissão oral das histórias continuava para que as raízes e tradições não fossem esquecidas, como expõe Santos (2014):

Em meados do séc. XX, os contadores de histórias, após terem quase submergido em consequência do surgimento das novas mídias, ressurgem, como fenômeno urbano, dando origem ao que hoje se conhece como novos contadores, ou contadores urbanos. Com o surgimento dos contadores urbanos, a arte de contar histórias passou a ser reconhecida também no campo pedagógico (SANTOS, 2014, p. 31).

Já no campo pedagógico, a contação de história passou a ser um instrumento de grande importância no desenvolvimento do educando, na Educação Infantil, pois é a partir dos contos que ele adquire um interesse nos livros, desenvolvendo hábitos permanentes de leitura. Esse deve ser visto como um momento mágico vivenciado pela criança, em que a ludicidade proporciona possibilidades para o desenvolvimento do seu raciocínio lógico, e assim, possibilita a construção e incentivo na formação de criticidade na vida adulta.

As primeiras obras literárias escritas para o público infanto-juvenil datam do século XVIII, período em que a criança passou a ser vista com outros olhares, ao invés de um adulto em miniatura, um sujeito com necessidades e características próprias. Atualmente, a Literatura Infanto-Juvenil tornou-se um investimento significativo na indústria cultural, pois escrever obras literárias para esses públicos passou a ser uma prática rentável.

A literatura infantil é relativamente recente em nosso país, pois a escola passou a se empenhar na leitura de crianças e jovens – que estavam mais interessados culturalmente pelas imagens e por comandos de botões, visto que fascinados pelas

imagens da televisão –, em meados da década de 70, proporcionando qualidade às produções literárias.

Com o passar do tempo, a literatura infantil foi ganhando força e aliados. A partir disso, a literatura passou a ir ao encontro do vocabulário e da vivência do povo brasileiro, estabelecendo uma linha de entendimento entre a vivência dos leitores e suas histórias, porque se acreditava que a literatura reunia divertimento e informações, proporcionando prazer ao aprender.

A literatura, no âmbito educacional, começou a ser utilizada como ferramenta metodológica, uma vez que existia a preocupação com o incentivo à leitura e com que o aluno pudesse ter contato com diferentes textos e tipologias textuais, pois se acreditava que, mediante estratégias, os alunos se tornariam grandes leitores. Uma das estratégias para proporcionar o interesse pela leitura vem justamente do contar histórias, segundo Gomes (2012):

Não é à toa que falei em exercício social, pois, se a oralidade é umas das mais antigas guardiãs da sabedoria popular, sabemos que ela tem o poder do ensinamento, da diversão, da cura e da linguagem. Poder que os educadores precisam resgatar quando na atualidade há uma preocupação constante com o incentivo à leitura (GOMES, 2012, p. 29).

Dessa forma, a oralidade contribui para o desenvolvimento humano, a leitura e a imaginação nos tornam capazes de manipular as situações de aprendizagem e convivência em sociedade, fortalecendo o processo de confiança em si, estimulando o desenvolvimento cognitivo. Chiappini (2011) salienta que “a leitura é uma prática social, e sendo assim, promove a interação dos indivíduos, tendo em sua atividade de linguagem a compreensão não só da palavra, mas também do mundo” (CHIAPPINI, 2011, p. 22).

Em meio à crise da educação brasileira, novos complicadores inserem variáveis, mas não se desatam antigos nós: a escola continua excludente, produzindo analfabetos, analfabetos funcionais e iletrados (ESTEBAN; ZACCUR, 2002). Por conseguinte, é necessário desenvolver nos alunos o hábito e prazer da leitura, a construção e produção de bons leitores.

Nesse aspecto, compreendemos a importância de a escola proporcionar um aprendizado de qualidade, que abranja toda a diversidade de seus alunos, ocorrendo a construção de um aprendizado significativo e reflexivo. Para que esse processo

ocorra de maneira exitosa, a contação de história poderá contribuir na formação de alunos leitores.

O encantamento das crianças pelos gêneros literários acontece por intermédio dos contos de fadas, que proporcionam o rompimento das fronteiras da imaginação. A esse respeito, Santos (2014) explana:

Quando a criança escuta uma história infantil, sua imaginação vai além das fronteiras do imaginário e leva-a ao encantamento do seu mundo infantil que só existe em sua mente. As histórias infantis têm o poder de auxiliar as crianças em seus temores, traumas, lesões, desafios e dificuldades. Por isso é tão importante que as crianças tenham contato com o mundo imaginário das histórias (SANTOS, 2014, p. 13).

Desse modo, quando as crianças entram em contato com o mundo imaginário, através dos contos, a leitura de mundo se amplia, o que contribui para o desenvolvimento e articulação de diversas habilidades que integram a linguagem, tais como: literatura, fala, leitura, escrita, escuta e gramática.

Os atos de contar e recontar, ouvir e ouvir de novo fazem parte da construção de memorização viva das crianças. Nesse contexto, os contadores de histórias auxiliarão os pequenos para a formação de grandes leitores e guardiões da palavra. Gomes (2012, p.30) menciona que “os contadores de história querem contribuir para a formação de um leitor vivo e, para isso, precisam de paciência, experiência e cuidado, pois se encontram diante da ‘abertura da alma de um indivíduo’”.

Para que aconteça o desenvolvimento da aprendizagem, é indispensável que as crianças tenham contato com as histórias infantis desde cedo, ao invés de ficarem fixadas nos aparelhos eletrônicos com chances de frustrar e acabar com o mundo encantado e imaginário. Nesse contexto, Castro (2021) corrobora que a criança tem prazer de ouvir e contar histórias, pois tanto a fantasia quanto a imaginação podem auxiliar no entendimento e na compreensão de mundo ao redor. Santos (2014), por sua vez, esclarece:

A história na educação infantil oferece estruturas para encarar os problemas de modo proveitoso e criativo, conduzindo a criança a um mundo magnífico onde os métodos vivenciados pelos personagens e suas aventuras são cheias de significados. A criança sente isso, ela embarca no mundo do conto, um mundo de expectativa, escolhas e possibilidades: alternativas sobre o que fazer diante de uma ampla limitação, possibilidades e recursos criativos para a superação dos problemas e como lidar com os sentimentos (SANTOS, 2014, p. 14).

Além de contribuir para a construção do educando, as histórias auxiliarão nas tomadas de decisões quando adultos, criando assim, novas formas de visualização da realidade, promoção do amadurecimento e autovalorização. É necessário que se contem histórias, preferencialmente as que irão favorecer o desenvolvimento do aluno e o gosto pela leitura.

Os contadores de histórias, nesse contexto, contribuirão para a formação de um leitor vivo. Desse modo, o seu papel se torna indispensável, pois o conhecimento será construído e aprendido de maneira significativa. A figura do contador, em grande parte das tribos ou comunidades, sejam elas africanas, indígenas ou afro-indígenas, é fundamental para existência e permanência das tradições culturais. Por isso, o alerta de Hampâté Bâ (2010) se faz tão importante:

Dentro de 10 ou 15 anos, os últimos grandes *Doma*, os últimos anciãos herdeiros dos vários ramos da Tradição provavelmente terão desaparecido. Se não nos apressarmos em reunir seus testemunhos e ensinamentos, todo o patrimônio cultural e espiritual de um povo cairá no esquecimento juntamente com eles, e uma geração jovem sem raízes ficará abandonada à própria sorte (HAMPÂTÉ BÂ, 2010, p.176, grifos do autor).

Na perspectiva africana, a figura do Griot utiliza a oralidade como instrumento de transmissão cultural, elencando a ancestralidade e a preservação das memórias pela técnica da contação, sendo sua atividade ligada ao uso poético das palavras.

## 1.2 GRIOTS: CONTADORES DE HISTÓRIA E GUARDIÕES DA PALAVRA

*O griô tem sido considerado historicamente como o dono da palavra, ou seja, a memória social do grupo (NKAMA, 2012, p. 254).*

Nas tradições africanas, as palavras são carregadas com muitos valores e significados, que nelas são depositados, utilizando a oralidade como instrumento de transmissão de conhecimento. Nessas comunidades, o Griot não se restringe apenas a ser um transmissor, mas se efetiva como guardião da palavra.

Na tradição oral africana, os griots são os mantenedores das memórias, porque através deles as histórias são ligadas, entre o passado e o presente, unindo idosos, homens, mulheres e crianças. Essas histórias são passadas de geração em geração, pois, por meio da oralidade, são transmitidos os ensinamentos de vida, tais como: costumes, modos de viver, fatos históricos e saberes. Olendzki (2020) explica:

Os griôs são considerados bibliotecas vivas de todas as histórias. Histórias que são passadas de uma geração à outra, através da “tradição oral”, ou seja, pela fala e oralidade, e não pela escrita. Assim, os griôs guardam e passam memórias e ensinamentos que unem idosos, adultos e crianças, interligando passado, presente e futuro. Os griôs africanos contam, cantam, tocam instrumentos musicais e dramatizam as histórias que narram. Por isso, também são considerados artistas completos (OLENDZKI, 2020, p. 01).

Os contadores africanos exercem a sua função com maestria por muito tempo, pois contar histórias aproxima a comunidade de seus ancestrais, promovendo uma abordagem interativa entre quem conta e quem ouve. Segundo Olendzki (2020), Toumani Kouyaté foi o primeiro griot, nascido em Burkina Faso, na África Ocidental, da linhagem dos griot do Mali, período que se configura em meados do século XIII. Para ele, as histórias contadas não são apenas para serem lidas, e sim, ouvidas e sentidas.

A palavra Griot, nas últimas décadas, ganhou vários significados e abordagens quanto a sua atribuição na transmissão. Para Sisto (2010, p.272), o griô é “o sujeito que pratica uma arte com herança africana, mas ainda ligada à tradição oral, de resistência, e com o intuito de preservar e disseminar a herança cultural e promover uma tomada de consciência da cultura negra”.



Fonte: Mo Maiê, 2013.

Os termos “contadores de história” ou “narradores orais” são alguns dos significados que a palavra griot adquire. Na cultura africana, o verdadeiro griot nasce de uma família de griots, pois, desde pequeno, já aprende a se desenvolver como uma espécie de historiador africano.

Acrescenta Boniace Ofogo Nkama (2012) que: “o griô é o equivalente do trovador medieval espanhol; ele é o orador mais hábil de toda a tribo. Pertence à casta dos griôs, ou seja, nasce griô; a pessoa não se torna um griô por sua vontade” (NKAMA, 2012, p. 255).

Serem griots narradores, denominados como “tradicionais”, não lhes confere um status especial, pois existem alguns tipos de menestréis que percorrem as comunidades ligando a história com as famílias. Alguns deles são conhecidos como poetas líricos, músicos, deuses, recreadores populares e são classificados em três categorias: os griots músicos, griots embaixadores e os griots genealogistas. Os griots músicos utilizam instrumentos para preservar as músicas antigas; os griots embaixadores são os mediadores das histórias ligadas à família; e há também os griots genealogistas, considerados contadores de história ou poetas viajantes, cujas narrativas não estão necessariamente ligadas à família (HAMPATÉ BÂ, 2010).

Embora a função dos griots se remeta apenas à de contador, ele exerce várias atividades, pois, além de utilizar as palavras de maneira poética, o narrador aconselha e contribui para a produção da arte verbal. As atividades são muito mais complexas do que apenas cantar e recitar preces. O griot deve atuar como mantenedor das tradições. Sua função não é somente cantar e recitar louvações, porque, dependendo da região e do grupo étnico em que está inserido, isso muda. O caso dos griots historiadores, conhecidos também como “tradicionalistas”, ressalta a importância da tradição oral para a permanência identitária (HAMPATÉ BÂ, 2010).

Grande parte das histórias é contada embaixo dos baobás<sup>78</sup> e à noite, ao redor do fogo, as histórias vão sendo reveladas aos poucos, enquanto o silêncio paira, chamando a atenção de todos. Para que os velhos sábios possam transmitir todo o repertório, alguns recursos técnicos são indispensáveis na arte da oralidade, como aduz Nkama (2012):

---

<sup>7</sup> O baobá é uma árvore nativa da África. Pertence à família das malváceas, parente dos hibiscos e da malva. O tronco, em forma de cone, pode chegar a 9 metros de diâmetro e a 30 metros de altura. As folhas jovens do baobá são comestíveis e medicinais (BRITANNICA ESCOLA, 2003).



O canto, a voz, a memória, a oratória, a eloquência, o verbo, a dança e a linguagem são primordiais para o resultado qualitativo da contação. O griô sabe tocar instrumentos de música ritual. Além disso, é o único a quem lhe é permitido tocar esses instrumentos, porque foi iniciado para isso (NKAMA, 2012, p. 255).

Em geral, somente os griots têm o poder das palavras, porque possuem uma vasta experiência e abrangência de conhecimento. São muitas as histórias que são contadas por eles, como, por exemplo, de animais, histórias cômicas, mitológicas e de cunho moral. Mas, a principal função desses contos é de entreter e instruir. As histórias manifestam uma aguçada consciência e, além de transitar pelas narrativas, os diversos gêneros verbais também fazem parte do repertório, como canções e poemas. Hampâté Bâ (2010) explica que, ao iniciar uma contação, geralmente o griot na região do Mali é questionado se a história é de *dieli* ou de *doma*:

Se for uma história de *dieli*, costuma-se dizer: “Isso é o que *dieli* diz!”, e então se podem esperar alguns embelezamentos da verdade, com a intenção de destacar o papel desta ou daquela família – embelezamentos que não seriam feitos por um tradicionalista-*doma*, que se interessa, antes de tudo, pela transmissão fiel (HAMPÂTÉ BÂ, 2010, p. 198, grifos do autor).

Por muito tempo, os griots lutaram, de geração em geração, a fim de que as tradições por meio da oralidade não se perdessem ao longo dos anos. Em pleno século XXI, a maioria das línguas africanas estão prestes a ser extinta, porque as escolas não estão ensinando, utilizando apenas as línguas coloniais como mecanismo de comunicação. Nesse sentido, alerta Nkama (2012):

Isso significa que está se perdendo o principal veículo de transmissão da nossa realidade milenar. Os cantos, os contos, os mitos, as lendas, os provérbios, as fábulas contadas pelos avós na língua nativa correm o risco de desaparecer com as línguas que lhes serviram como veículo de transmissão (NKAMA, 2012, p. 256).

Os escritores africanos estão buscando meios de preservação das tradições. Dessa forma, estão reunindo e publicando algumas histórias para que as memórias não se percam ao longo dos anos. Mesmo que as escritas sejam desenvolvidas, esse fato não deixa de ser contraditório, porque a oralidade acaba sendo “salva” pela escrita, pois, para Nkama (2012), a oralidade deve ser compartilhada de maneira coletiva, enquanto a leitura é uma forma solitária e individual:

A oralidade é um ato ritual coletivo; está pensada para ser compartilhada na comunidade, nas noites que se busca a comunhão entre as pessoas. Em vez disso, a leitura é uma felicidade solitária e individual; e nós africanos, especialmente os que nascemos nas zonas rurais, não somos seres individuais (NKAMA, 2012, p. 256).

A oralidade estabeleceu conexão entre o homem e a cultura por meio da contação de histórias, em que os anciãos, considerados os sábios da comunidade, utilizavam a força e magia da palavra para a mediação intercultural. A conexão entre as culturas é indispensável na construção de “pontes”, pois, por meio da narração oral, os contos contemporâneos se entrelaçam com o ancestral.

As histórias africanas, atualmente, têm sido preservadas em livros de coletâneas de contos populares, narrados por contadores urbanos, forma esta articulada para que os testemunhos de resistência, preservação e valorização sejam lembrados.

Nos contos populares africanos, as festas e os folguedos jamais são esquecidos, pois fazem parte do enaltecimento da cultura. A capoeira e o candomblé, por exemplo, permanecem ainda enraizados em diversas comunidades, devido aos espaços de resistência de fé e dos cultos, que são dirigidos aos deuses e aos antepassados.

No Brasil, as histórias ou contos populares se estabeleceram por conta dos navios negreiros que, por muitos séculos, trouxeram milhões de negros (as) que, conseqüentemente, se tornaram escravos. No decorrer desses séculos, a população negra estava ligada a diversas especificações de trabalho, como o agrícola – que se dividia entre a cana-de-açúcar, o algodão e o café – e o de mineração. Sisto (2012) explica que, à época,

[...] as províncias com maior número de negros escravos eram, nesta ordem: Minas Gerais, Bahia, Rio de Janeiro e corte, Maranhão, Pernambuco, São Paulo, Ceará e demais províncias. Também construíram sociedades escravistas urbanas, como Porto Alegre, Porto Belo, Vera Cruz, Olinda, o Recife, Salvador, São Luís, entre tantas cidades. O Rio de Janeiro é considerado a maior cidade escravista da história da humanidade (SISTO, 2012, p. 278).

No que tange ao papel de contar histórias e garantir a tradição, também não podemos nos esquecer das figuras das “amas de leite”, que foram fundamentais para a preservação das histórias, pois, por meio do leite, eram criados laços. Sem elas, as histórias africanas não se espalhariam pelo Brasil, porém a preocupação dessas escravas não era apenas com a saúde das crianças brancas, mas com alimentar também a fantasia e o imaginário. O universo dos contos se difundiu por meio da narração oral dessas mulheres para que as suas histórias de vida e fantasias não

fossem esquecidas em terras brasileiras. Acerca da importância dessa narração oral, explica Sisto (2012):

As histórias recheavam o imaginário dessas crianças com elementos distantes, difusos, e até subversivos (porque contrariavam a ordem vigente, que era valorizar a cultura branca, de onde essas crianças provinham). As culturas africanas iam assim se misturando com as referências locais, por meio das histórias. Sem essas mulheres, possivelmente muito mais se perderia (SISTO, 2012, p. 280, grifos do autor).

Por essas mulheres, a África foi tecida e potencializada nas diversas regiões brasileiras. Mesmo diante da mais abominável forma de exploração, o objetivo era não silenciar as suas vozes. Dessa maneira, a contação de histórias contribuiu de forma significativa em prol da permanência cultural e identitária das comunidades africanas. A África poetizada foi narrada por essas mulheres e transmitida pela amamentação, rodas de conversa e conselhos, pois as mães de leite estabeleciam uma relação muito mais afetiva do que a mãe verdadeira. (SISTO, 2012). Essas mães pretas foram propulsoras da memória negra e, mais tarde, suas histórias foram contempladas nas primeiras coletâneas folclóricas brasileiras, divididas em três blocos distintos, como esclarece Sisto (2012):

[...] precursores (que são responsáveis pela abertura de um caminho), que para mim vão de Sílvio Romero a Joel Rufino; os fixadores (que consolidam este caminho), que vão de Rogério Andrade Barbosa a Edmilson de Almeida Pereira; os resgatadores (que são responsáveis pela retomada ousada de uma vertente abandonada, talvez por preconceito; no caso mitologia dos orixás), que vão de Reginaldo Prandi a Carolina Cunha (SISTO, 2012, p. 282, grifos do autor).

Nesse sentido, por meio das coletâneas literárias, as histórias do lastro africano foram preservadas. Nas escritas, os contos foram agrupados de acordo com a cultura, o que permitiu abordagens de vários pontos de vista, seja sociológico, econômico, familiar, religioso, etnológico ou histórico, caracterizando o homem nas suas diversas formas de se relacionar com o meio. Após a instituição da Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, houve o crescente aumento de publicações, na literatura, sob a perspectiva africana, caracterizando o reconhecimento do legado cultural do povo negro.

Do ponto de vista cultural, especificamente no Brasil, a cultura europeia foi fomentada como um pilar sólido estético, visto que o eurocentrismo legitimava o branco como superior. Desse modo, a cultura africana ficou isolada e esquecida. “Nesse sentido,

os contadores de história, ao contarem as histórias africanas, ajudam a fixá-las ainda mais no panorama da cultura brasileira, da construção do saber e da constituição da cidadania” (SISTO, 2012, p. 284).

As marcas do colonialismo<sup>8</sup>, passadas de geração em geração, construíram, na sociedade, o estereótipo de uma raça que, por muito tempo, se tornou escravizada e desvalorizada, pois o europeu se estabelecia como superior aos africanos e seus descendentes. O processo de alienação e inferioridade se estruturou também na educação que, por muitas vezes, foi e é protagonizada dentro das famílias. Com a finalidade de dialogarmos, no universo infantil e na Educação para as Relações Étnico-Raciais, apresentaremos a contação de história como ferramenta pedagógica para a construção de uma educação antirracista desde a infância.

### 1.3 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO PRÁTICA EDUCATIVA NA INFÂNCIA

*Ninguém é contador de histórias, a menos que possa relatar um fato tal como aconteceu realmente, de modo que seus ouvintes, assim como ele próprio, tornem-se testemunhas vivas e ativas desse fato (HAMPÁTÉ BÂ, 2010, p. 208).*

Se a prática da contação de histórias foi iniciada para relatar as experiências vivenciadas, os costumes, as tradições, os conhecimentos disseminados pelos povos antigos, na Educação Infantil, a arte de contar histórias vem com o objetivo de trabalhar o desenvolvimento cognitivo da criança, por meio do estímulo à ludicidade.

A instituição de Educação Infantil, de acordo com o Referencial Curricular para a Educação Infantil - RCNEI (BRASIL, 1998, vol. VIII, p. 23), “cumpre um papel socializador, propiciando o desenvolvimento da identidade das crianças, por meio de aprendizagens diversificadas, realizadas em situações de interação”.

Através das narrativas encontradas em livros, sejam contos de fadas, fábulas, histórias em quadrinhos, entre outros gêneros literários, é possível promover, na

---

<sup>8</sup> É uma prática na qual um território exerce domínio político, cultural ou religioso sobre um determinado povo (MENDONÇA, 2019).

criança, o desenvolvimento da imaginação, vocabulário, fortalecimento da memória, interação com o meio e estímulo ao gosto pela leitura. Sisto (2010) explica que,

ao ouvir uma história, as crianças (e o leitor em geral) vivenciam no plano psicológico as ações, os problemas, os conflitos dessa história. Essa vivência por empréstimo, a experimentação de modelos de ações e soluções apresentadas na história faz aumentar consideravelmente o repertório de conhecimento da criança, sobre si e sobre o mundo. E tudo isso ajuda a formar a personalidade! (SISTO, 2010, p. 1).

Levar a criança à outra dimensão que não seja a sua realidade, por meio da contação de histórias, na etapa da Educação Infantil, faz com que ela vivencie a narrativa mediante a sua imaginação, representando-a ao seu modo, o que ajuda a desenvolver o lado crítico/reflexivo e contribui em sua formação.

Sobre a importância da contação de histórias, Abramovich (2006) cita que

“é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias e escutá-las é o início da aprendizagem, para ser um leitor e ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e compreensão do mundo” (ABRAMOVICH, 2006, p. 16).

Diante desse contexto, a literatura Infantil usada para a contação de histórias se mostra como uma ponte entre a realidade e o mundo imaginário da criança. Assim, os professores devem utilizá-la como um recurso pedagógico que favoreça a aprendizagem cognitiva dos alunos.

A literatura inserida no contexto educacional desde a etapa da Educação Infantil despertará na criança o interesse pela leitura. A criança, quando se vê diante de uma história bem contada, se encanta e vai criando o hábito de querer ouvir histórias, sendo este até um meio de levá-la ao início da escrita com mais facilidade, pois ela estará em contato com diversas palavras.

Nesse aspecto, é cabível perceber que as narrativas literárias usadas para a contação de história são fontes riquíssimas que contribuem para promover o desenvolvimento cognitivo da criança na infância. Desse modo, a Literatura se mostra como uma forma de incentivo para a inserção no mundo da leitura.

A contação de histórias, na Educação Infantil, é um momento de propiciar a interação social, levando a criança a fazer suas próprias descobertas, estimulando sua imaginação. O objetivo desse método é ajudar a criança a interagir, divertir-se,

aprender a gostar de ler e ouvir as histórias narradas, desenvolvendo seu intelecto através de um momento lúdico.

Pensando na criança inserida num meio físico, interagindo com pessoas e se desenvolvendo através desse contato, pode-se dizer que o seu processo de aprendizagem não ocorre de forma solitária, mas a partir da interação com o meio e com as pessoas, como Vygotsky (2001) ressalta: "o comportamento do homem é formado por peculiaridades e condições biológicas e sociais do seu crescimento" (VYGOTSKY, 2001, p. 63).

Então, desde o nascimento da criança, o meio social lhe traz contribuições significativas ao seu desenvolvimento. E não pode ser diferente em relação a sua aprendizagem na fase escolar, pois a convivência da criança junto a outras ajuda na troca de informações, propiciando a construção do conhecimento a partir de fatores biológicos e psicológicos. A esse respeito, explica Vygotsky (2010):

A aprendizagem não é, em si mesma, desenvolvimento, mas uma correta organização da aprendizagem da criança conduz ao desenvolvimento mental, ativa todo um grupo de processos de desenvolvimento, e esta ativação não poderia produzir-se em aprendizagem. Por isso, a aprendizagem é um momento intrinsecamente necessário e universal para que se desenvolvam na criança essas características humanas não- naturais, mas formadas historicamente (VYGOTSKY, 2010, p. 115).

Nesse sentido, é possível perceber que a interação social é um papel de fundamental importância para o desenvolvimento da mentalidade da criança, evidenciando que a interação entre pessoas propicia meios de aprendizagem. É preciso que a criança crie vínculo e participe de forma mais ativa com o próximo, pois a constante interação com outras pessoas possibilita que o processo cognitivo psicológico se desenvolva. Em suma, as vivências escolares do aluno o estimularão à aprendizagem. Introduzir a contação de histórias, na Educação Infantil, como prática educativa contribuirá para o pleno desenvolvimento da criança, pois a interação acontecerá no momento em que todos estiverem reunidos. Para que isso aconteça, a escola, como ambiente de construção de saberes, deverá oferecer situações de experiências que favoreçam o aprendizado dos pequenos.

## 2 HISTÓRIAS AFROCENTRADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

*Um povo sem conhecimento da sua história, origem e cultura é como uma árvore sem raízes.*

Marcus Garvey (1940)

As histórias perpassam séculos pela sociedade, unindo uma geração a outra, preservando a memória coletiva por meio da tradição oral. Os contadores de história são os agentes ativos nesse processo, utilizando o corpo e a voz para dar sentido e vida às palavras.

Para a criança, a contação de história, além de um momento mágico e lúdico, torna-se uma ferramenta importante que contribuirá para aquisição de conhecimento e desenvolvimento da sua oralidade, pois, através do conto, ela conseguirá entender e compreender o que escuta e captar informações. Segundo Santos (2014), contar histórias é uma importante ferramenta educacional:

O contador de histórias pode utilizar a contação de histórias como ferramenta para acalmar e distrair as crianças, mas seu objetivo abrange outros focos, pois esta ferramenta, quando bem utilizada tem a capacidade de desenvolver a oralidade da criança, a socialização, o cognitivo [...] (SANTOS, 2014, p. 14).

Na educação, especificamente na Educação Infantil, a prática da contação de história faz parte da rotina das crianças, no intuito de desenvolvimento do hábito de leitura e conhecimento de mundo por meio dos livros.

Entretanto, grande parte das histórias clássicas infantis destacam personagens brancos (as) como protagonistas, descrevendo, através das imagens/gravuras, o seu lugar de destaque e promovendo representações opressoras ou oprimidas de personagens negros.

Assim, as crianças negras

[...] são vítimas do racismo nas escolas, nas ruas, nos hospitais e, às vezes, dentro de suas famílias. Deparam-se constantemente com situações de discriminação, de preconceito ou segregação. Uma simples palavra, um gesto ou um olhar menos atencioso pode gerar um sentimento de inferioridade, em que a criança tende, de forma inconsciente ou não, a desvalorizar e negar suas tradições, sua identidade e costumes (BRASÍLIA, 2010, p. 03).

Dessa forma, ao invés de fomentar uma educação antirracista, os pequenos desenvolverão discursos racistas, de discriminação e preconceito, por acharem que uma raça é superior à outra, pois é o que observam nas imagens contidas nos livros infantis.

Nesse sentido, com o objetivo de erradicar a caracterização de estereótipos na infância, as histórias afrocentradas<sup>9</sup> surgem para que temáticas sobre as diferenças raciais, diversidade étnico-racial, pluralidade cultural, tolerância e equidade, sejam implementadas no processo de ensino-aprendizagem.

É nessa faixa etária que a criança se questiona sobre a diferença com o outro, sobre sua sexualidade, classe, cor e raça. Acerca disso, segue um relato da ex-diretora Alessandra, da instituição infantil (nosso ambiente da pesquisa), que nos faz acreditar na importância de promover práticas antirracistas desde a infância:

Estávamos no momento do lanche e todas as crianças foram organizadas no refeitório. Fizemos a nossa rotina de sempre: oramos e sem seguida cantamos a música “Meu lanchinho, meu lanchinho vou comer”. Após o término da música, percebi que uma menina branca chorava desesperadamente, isolada numa ponta da mesa. Assim que visualizei a cena, fui rapidamente saber o motivo de tanto choro. Ao questioná-la, em meio ao choro, me falou que não queria sentar perto da colega, porque ela estava com a **pele suja e com o cabelo bagunçado**. No mesmo instante, disse que não poderia falar desse jeito da colega, porque ela era especial igual a você. Porém, a menina argumentava que era para a colega tomar banho e que não sentaria perto dela. Após o fato ocorrido, chamei os pais das alunas e salientei que, em hipótese nenhuma, a escola compactuava com atitudes racistas (informação verbal)<sup>10</sup>.

Segundo a ex-diretora, o que chamou a atenção era que as crianças participavam de vários momentos juntos e que aquela atitude a deixou surpresa. Exemplos como esse acontecem diariamente e são fatos corriqueiros nas escolas de Educação Infantil. Por isso, refletir sobre as diferenças raciais, através das histórias afrocentradas, será essencial para que as crianças aprendam sobre diversidade.

Nesse aspecto, Eliane Cavalleiro (2003) corrobora que:

O entendimento da problemática étnica no cotidiano da educação infantil é condição sine qua non para se pensar um projeto novo de educação que

<sup>9</sup> [...] “são aquelas criadas por autores negros, com protagonistas negros autônomos e que representam a subjetividade, a história, a cultura, a ancestralidade, o repertório e a perspectiva negro-africana de maneira positiva. São histórias que resgatam o passado e os conhecimentos dos povos da diáspora a partir do seu ponto de vista, valorizando os traços, a estética e as cosmologias que foram arrancadas da África e se espalharam pelo mundo” (HADDAD, 2022).

<sup>10</sup> Relato feito pela ex-diretora em reunião de apresentação da pesquisa a ser desenvolvida na instituição, (2021).



possibilite o desenvolvimento e a inserção social dos futuros cidadãos da nação brasileira, desenvolvendo neles um pensamento menos comprometido com a visão dicotômica de inferioridade, de as crianças receberem uma educação de fato igualitária, desde os primeiros anos escolares, e representa um dever dos profissionais da escola [...] (CAVALLEIRO, 2003, p. 37-38).

Nos próximos tópicos, abordaremos a perspectiva das histórias afrocentradas, na Educação Infantil, e as articulações sobre as relações étnico-raciais na escola, comunidade e com o professor, objetivando salientar a importância da promoção de discursos antirracistas no ambiente escolar.

Ademais, serão apresentados aos professores/contadores alguns recursos metodológicos para a contação de histórias.

## 2.1 AS HISTÓRIAS AFROCENTRADAS: ARTICULAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Sabe-se que a Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica, quando a criança inicia sua vida escolar. É um período de grande importância na educação, pois enfatiza o desenvolvimento social da criança, em diferentes aspectos, fazendo-a ser parte do contexto social desde a infância.

Nesse sentido, compreende-se que a preparação da criança, nessa fase, precisa ser voltada para um aprendizado significativo, possibilitando um crescimento físico, psicológico, intelectual, social e cultural em prol de uma formação integral.

Na busca dessa formação integral, uma ferramenta que o docente pode inserir dentro de sala de aula, e que pode ajudar na contribuição para a formação da criança, é a contação de histórias. Inserir essa atividade no contexto educacional traz reflexões importantes para a socialização da criança, além de estimular a imaginação, criatividade e atenção para sua vivência no mundo.

Se a prática da contação de histórias foi iniciada para relatar as experiências vivenciadas, os costumes, as tradições, os conhecimentos disseminados pelos povos antigos, na Educação Infantil, a arte de contar histórias vem com o objetivo de

trabalhar o desenvolvimento cognitivo da criança, através da estimulação da ludicidade.

A instituição de EI, de acordo com o Referencial Curricular para a Educação Infantil - RCNEI (BRASIL, 1998, v.III, p. 23), “cumpre um papel socializador, propiciando o desenvolvimento da identidade das crianças, por meio de aprendizagens diversificadas, realizadas em situações de interação”.

Através das narrativas encontradas em livros, sejam contos de fadas, fábulas, histórias em quadrinhos, entre outros gêneros literários, é possível promover, na criança, o desenvolvimento de sua imaginação, seu vocabulário, fortalecendo sua memória, estando sempre em interação com o meio, além de estimular nela o gosto pela leitura.

De acordo com Sisto (2010),

[...] ao ouvir uma história, as crianças (e o leitor em geral) vivenciam no plano psicológico as ações, os problemas, os conflitos dessa história. Essa vivência por empréstimo, a experimentação de modelos de ações e soluções apresentadas na história faz aumentar consideravelmente o repertório de conhecimento da criança, sobre si e sobre o mundo. E tudo isso ajuda a formar a personalidade! (SISTO, 2010, p. 1, grifos do autor).

Levar a criança à outra dimensão que não seja a sua realidade, através da contação de histórias, na etapa da Educação Infantil, faz com que ela vivencie a narrativa por meio de sua imaginação, representando-a a seu modo, o que a ajuda a desenvolver seu lado crítico e reflexivo, contribuindo em sua formação.

Sobre a importância da contação de histórias, Abramovich (2006) cita que “é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias e escutá-las é o início da aprendizagem, para ser um leitor e ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e compreensão do mundo” (ABRAMOVICH, 2006, p. 16).

Complementa a análise sobre a importância da contação de histórias na Educação Infantil, este trecho de Bedran (2011):

Quando a criança percebe que a história contada pelo professor pode continuar nela habitando, repercutindo, produzindo sentidos, cores, formas, texturas, e até “recriando memória”, expressão cunhada por Clarissa Pinkola Esthés, ela adquire poder para enfrentar a difícil tarefa de viver e conviver (BEDRAN, 2011, p. 62-63, grifos do autor).

Diante desse contexto, a Literatura Infantil usada para a contação de histórias se mostra uma ponte entre a realidade e o mundo imaginário da criança, que os professores devem utilizar como um recurso pedagógico que favoreça a aprendizagem cognitiva dos alunos.

Dessa maneira, passar valores e conhecimentos por meio de histórias narradas é uma forma de ensino mais leve, criativo, interativo e lúdico, estimulando a imaginação e os primeiros sentidos da criança.

Conforme o Referencial Curricular para a Educação Infantil - RCNEI (BRASIL, 1998 vol.III, p. 143), “a história é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, de pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas [...]”.

Desse modo, a EI é um espaço importante de aquisição de conhecimento para as crianças, pois, a partir dessa primeira etapa da educação básica, novas descobertas acontecem, de maneira lúdica, sendo o professor mediador nesse processo de ensino-aprendizagem.

Esse contato inicial das crianças com a escola influenciará na formação de sua identidade e autoimagem, o que proporcionará a construção do seu desenvolvimento, estabelecendo novos conceitos sobre o seu lugar na sociedade, enquanto sujeito, para que sejam analisadas as diversas temáticas que as envolvem, tais como: classe social, raça, gênero e etnia.

Nesse contexto, a educação deve estar pautada em discussões que abordem as diversidades raciais. Sendo assim, é necessário que o professor, em suas práticas e vivências de sala de aula, articule discursos de enfrentamento ao racismo e subalternização. Essa é, de acordo com Abramowicz (2006), uma tarefa cotidiana:

Precisamos, no nosso trabalho cotidiano, incorporar o discurso da diferença não como desvio, mas como algo que enriquece nossas práticas e as relações entre as crianças, possibilitando, desde cedo, o enfrentamento de práticas de racismo, a construção de posturas mais abertas às diferenças e, conseqüentemente, a construção de uma sociedade mais plural (ABRAMOWICZ et al., 2006, p. 74).

Para que aconteça esse momento de diálogo sobre a diversidade racial, a Lei de nº. 10.639/2003 é clara, quando salienta que, nos currículos escolares, devem ser introduzidos os conteúdos de história, cultura africana e afro-brasileira, a fim de que

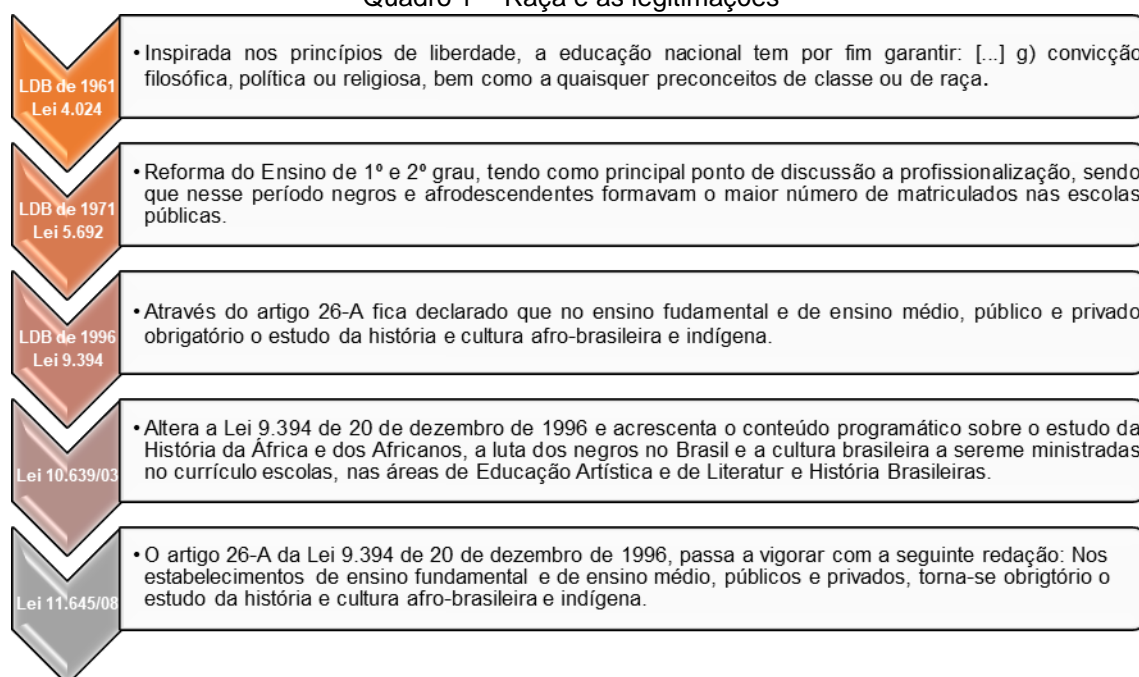
novos olhares e saberes possam ser construídos, pois nem sempre essa valorização é devidamente dialogada na escola.

Com a implementação da Lei na Educação Infantil, fomentada pela instituição e pelos professores, as ações afirmativas de combate à discriminação racial e étnica poderão contribuir para a compreensão da cultura africana, a visibilidade positiva de um povo subalternizado e o reconhecimento da história de vida, luta e identidade do negro, no Brasil, conforme salientado no parecer do Conselho Nacional de Educação CNE, N.3/2004, p. 3):

Políticas de reparação voltadas para a educação dos negros devem oferecer garantias a essa população de ingresso na educação escolar, de valorização do patrimônio histórico-cultural afro-brasileiro, de aquisição das competências e dos conhecimentos tidos como indispensáveis para continuidade nos estudos, de condições para alcançar todos os requisitos tendo em vista a conclusão de cada um dos níveis de ensino, bem como para atuar como cidadãos responsáveis e participantes, além de desempenharem com qualificação uma profissão.

No ambiente escolar, essa inclusão referente ao estudo da História da África e dos africanos, mencionado pela Lei e o parecer, poderá ser trabalhada através de propostas curriculares e no desenvolvimento dos projetos pedagógicos, pois, dessa forma, acontecerá a valorização da trajetória negra, para resultar numa construção positiva de sua identidade.

Referente à questão de fomentar a historicidade do povo negro no ambiente escolar, o quadro abaixo nos mostra o percurso histórico enfatizado nas leis educacionais de 1961 (Lei nº. 4.024), 1971 (Lei nº. 5.692) e 1996 (Lei nº. 9.394), até chegar à Lei 10.639/03, que enfatizou a importância de as instituições educacionais discutirem a educação para as relações étnico-raciais:

Quadro 1 - Raça e as legitimações<sup>11</sup>

Fonte: Compilação do autor, 2022.

A Lei nº. 10.639/03 ressalta que tal abordagem deve ser feita no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, mas se compreende que a criança, ao ser inserida no contexto social da escola, ou seja, na Educação Infantil, já traz consigo conceitos obtidos do seio familiar, muitas vezes discursos preconceituosos e discriminatórios. Se essa tomada de consciência for desenvolvida na infância, os pequenos construirão e reconstruirão suas impressões sobre o outro e sobre eles mesmos.

A criança transita entre várias instâncias, sejam culturais, econômicas, políticas, raciais. Por isso, o desenvolvimento de aspectos cooperativos e de autonomia deve ser contemplado. As questões referentes à autoaceitação e ao reconhecimento das diferenças contribuirão para a formação de um indivíduo consciente e cidadão. Assim está no texto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996):

Partindo de uma concepção de infância como categoria social, em que se compreende a criança inserida na história e na cultura, e não como uma fase efêmera, que é preciso ser aligeirada em nome da modernidade e de sua ânsia de futuro e superação, a autora chama a atenção para o desafio de se construir a unidade na diversidade. À pergunta que coloca a si própria, sobre como construir um currículo que leve em conta a heterogeneidade, a autora responde: privilegiando fatores sociais e culturais; entendendo-os como sendo os mais relevantes para o processo educativo [...] (BRASIL, 1996, p. 18-19).

<sup>11</sup> As leis inseridas no quadro foram retiradas de diversos documentos do Diário Oficial da União.

.A partir dessa análise, as histórias afrocentradas poderão ser utilizadas como instrumento na prática pedagógica, para que as experiências racistas, na escola, possam ser erradicadas, bem como possa ser superado o processo de escravização e colonização com que o ocidente descaracterizou as memórias dos povos africanos e apagou suas histórias.

Sobre as histórias afrocentradas, são compreendidas “[...] como conjunto de mito, contos e narrativas que apresentam o continente africano e todo o povo negro – tanto do continente quanto em diáspora [...]”. (SOUZA; SOUZA, 2013, p. 2).

Quanto a lidar com os desafios que tangem a discriminação racial em sala de aula, Kabenguele Munanga<sup>12</sup> menciona que os professores estão sem subsídios a respeito das relações étnico-raciais, principalmente sobre as matrizes africana e afro-brasileira. Munanga (2005) salienta que:

[...] essa falta de preparo, que devemos considerar como reflexo do nosso mito de democracia racial, compromete, sem dúvida, o objetivo fundamental da nossa missão no processo de formação dos futuros cidadãos responsáveis de amanhã (MUNANGA, 2005, p. 15).

Para que os professores possam compreender a visão e percepção da educação concernente às relações étnico-raciais na infância e, mesmo, entender suas concepções acerca do ensino das africanidades, torna-se relevante refletir sobre a forma como o racismo, a discriminação e o preconceito são articulados ou discutidos na escola.

As histórias – além de promoverem a construção de novos saberes de maneira lúdica e divertida – podem contribuir para que as africanidades sejam discutidas na infância.

Quando as crianças, na Educação Infantil, entrarem em contato com obras que discorrem sobre diversidade humana, respeito e valorização das diferenças, perceberão que há vários personagens com os quais podem se identificar e se sentirão representadas.

---

<sup>12</sup> Professor congolês-brasileiro, possui histórico de pesquisas nas áreas de Antropologia da África e da População Afro-Brasileira, com enfoque em temas como o racismo, políticas e discursos antirracistas, negritude, identidade negra e educação das relações étnico-raciais. Munanga tem diversos livros publicados, nos quais trata do racismo no Brasil, e foi ainda atuante na criação da lei de cotas no país (MENEZES, 2021, p. 01).

Os momentos de partilha e discussões não precisam ser fomentados apenas por professores negros e, sim, por todos. É importante articular, na Educação Infantil, a educação para as relações étnico-raciais, para que educadores e educandos possam compreender a visão e percepção em relação ao racismo e seus desdobramentos e concepções acerca das africanidades.

Os professores, especialmente com essa visão, desenvolverão práticas pedagógicas que contribuirão para a construção da subjetividade dos alunos. A partir do levantamento das fragilidades ainda existentes, tornam-se necessários a reflexão e o enfrentamento da questão, buscando mudanças positivas nas práticas desses profissionais.

## 2.2 A ESCOLA, O PROFESSOR E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

Entende-se que existem várias maneiras de pensar, sentir, viver, agir e, nesse aspecto, a escola se apresenta como ambiente socializador, propiciando ao educando possibilidades para a construção de novos saberes, entretanto, argumenta Nobre (2018), cabe a ela repensar na sociedade e no aluno que pretende construir:

A escola precisa repensar sobre que tipo de sociedade ela pretende construir, haja vista que ela tem participação preponderante na formação do caráter social dos indivíduos, e, portanto, tem em suas mãos o poder de intervenção pelos mecanismos da educação, consolidar as relações sociais de acordo com os padrões exigidos pela sociedade (NOBRE, 2018, p. 01).

É essencial que a criança estabeleça vínculos sociais além do núcleo familiar e o ambiente escolar auxiliará a criança para que aprenda a se relacionar e viva de forma coletiva, adquirindo habilidades e competências que se agregarão à sua formação humana.

Além disso, as atividades que serão trabalhadas proporcionarão a ampliação das interações, o desenvolvimento linguístico e a capacidade de foco e concentração, além de favorecer a autoestima e a autoimagem, aprimorando os aspectos cognitivos, sociais e morais.

Com o passar dos anos, a educação percorreu várias etapas, de altos e baixos, mas foi através da Constituição Federal (C.F.) de 1988 que se estabeleceu como direito de todos. Além disso, a Constituição determina que os governos estaduais e municipais são responsáveis por oferecer educação de forma gratuita e qualificada.

Já a LDB destaca que a Educação Infantil é o primeiro degrau da educação básica, ou seja, onde tudo se inicia. Sendo assim, é garantia de que se pode praticar o ato de contar história na sala de aula.

A contação de história é um ato que começou há muitos anos. Conforme já vimos, a população mais antiga tinha um hábito de narrar histórias, com o objetivo de transmitir saberes. Com o passar dos anos, as escolas passaram a inserir a prática de leitura dentro da rotina de sala de aula, entretanto, com o surgimento das grades curriculares, essa ação pedagógica foi deixada de lado, passando a ser utilizada apenas como um instante de lazer.

Na EI, para que a criança construa hábitos de leitura, algumas atividades são desenvolvidas, tais como: momentos de manusear os livros de história, visita à sala de leitura ou a contação feita pelo professor, utilizando o livro escolhido pelos alunos, uma prática existente por gerações na sociedade.

“Contar histórias é uma arte que sempre existiu e foi sendo passada de geração em geração, pelas narrativas que avós e pais contavam para as crianças desde que se têm os primeiros resquícios na história dos seres humanos” (FARIAS, 2011, p. 01).

É uma prática milenar, pois foi por meio das histórias que a sociedade encontrou um caminho para expressão das experiências humanas, ou seja, passou a relatar ao próximo os fatos que aconteceram durante a vida.

Desde os tempos remotos, eram contadas várias histórias, segundo Dufour (2005),

[...] como forma de transmitir os valores culturais, espirituais e morais próprios de cada povo. Basta pensar nas histórias da Bíblia, nas narrações de Buda ou nos contos sufis que exercem a função, dentre outras finalidades, de transmissores do saber e meios de se comunicar com o Ser Supremo, ou ainda para a compreensão de si mesmo ou do universo (DUFOR, 2005, p. 19).

Se a contação de histórias se mostra como um dos meios mais clássicos de socialização humana, sendo usada para transmitir conhecimentos, valores e culturas antigas, dentro do contexto educacional, além de preservar essa arte milenar, devem-



se apresentar novas formas pedagógicas de promover a contação de histórias, proporcionando um aprendizado significativo e satisfatório.

A respeito da visão que a sociedade tinha das crianças no passado, explicam Santos, Gomes e Lima (2014):

Na transição do século XVII para o XVIII, as crianças não eram reconhecidas como um ser histórico, social e de direitos. Pelo contrário, eram submetidas às mesmas tarefas e formas de tratamento que os adultos, sendo então consideradas como adultos em miniatura. Assim, além de compartilharem das mesmas funções, também compartilhavam da mesma cultura literária (SANTOS; GOMES; LIMA, 2014, p. 03).

Com base nos autores supracitados, podemos perceber que as crianças eram tratadas como adultos e, além de tudo, sem direito algum. Parte do desenvolvimento na infância foi “jogado fora”, pois tiveram acesso a uma educação precária ou fragmentada. Nesse aspecto, o contato com a literatura infantil tornou-se importante para que as crianças pudessem desenvolver alguns aspectos referentes ao intelecto.

As questões concernentes à infância, seja no assistencialismo ou no desenvolvimento da rotina de sala de aula, eram muito escassas, até o final do século XVII, mas foi a partir do século XVIII que houve uma grande reviravolta, pois se estabeleceu um novo olhar sobre o desenvolvimento infantil, valorizando sua importância, como explica Cunha (1987):

A história da literatura infantil tem relativamente poucos capítulos. Começa a delinear-se no início do século XVIII, quando a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos [...] (CUNHA, 1987, p. 19).

Diante das mudanças ocorridas no ambiente escolar, principalmente na infância, as escolas tiveram que repensar o modo de mediar o conhecimento, fazendo com que o aprendizado da criança se tornasse sólido. Nesse contexto, o ato de contar história passou a ser uma metodologia de grande importância.

A contação de história tem como foco principal fazer com que as pessoas se divirtam, ouvindo. No entanto, no Brasil, o mundo literário surgiu como interesse pedagógico, porque, assim, contribuiria para o desenvolvimento de aprendizagem do aluno nos atos de ler e escrever e também de prestar atenção no professor.

Para a criança, o professor é uma referência, pois aquilo que ele pratica dentro e fora da sala de aula serve como exemplo. Desse modo, o docente desempenha um papel fundamental para a aquisição de conhecimentos científicos e, ainda, no desenvolvimento social dos pequenos. Há evidente contribuição para o autoconhecimento, percepção crítica e socialização.

Na perspectiva da pesquisa, o mestre será aquele que, por intermédio da oralidade, transmitirá conhecimento, sendo necessário utilizar alguns recursos e metodologias no ato de contar histórias, tornando-as, além de uma estratégia pedagógica, um momento de aprendizado, de forma lúdica, para os alunos.

### 2.3 RECURSOS E METODOLOGIAS PARA O CONTADOR DE HISTÓRIAS

*Contar histórias é uma arte [...] e tão linda! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declamação ou teatro [...] ela é o uso simples e harmônico da voz (ABRAMOVICH, 1989, p. 18).*

Para que uma história seja contada de maneira que encante, que envolva e que transmita as melhores sensações aos ouvintes, é preciso que a figura do contador de histórias entre em ação. Bedran (2010) diz que considera “o contador de histórias detentor de uma arte não exclusiva ao mundo dos artistas profissionais” (BEDRAN, 2010, p. 61). Mesmo quando é contada às crianças de uma maneira informal, por familiares ou por outras pessoas, é necessário saber contar uma história. Ademais, pontua Rigliski (2012):

Hoje se pensa em contadores de histórias, talvez bem distantes, mas não, porque todas as pessoas são contadoras de histórias, todos possuem essa capacidade de passar a outros: experiências, conselhos, receitas, canções. Mesmo não percebendo, estamos sempre contando uma história. Narramos um fato acontecido conosco no dia-a-dia, com riqueza de detalhes, um capítulo de uma novela, uma notícia do jornal que foi lido, um fato que outra pessoa nos contou, enfim, somos contadores de histórias natos (RIGLISKI, 2012, p. 04).

No contexto educacional, a contação de histórias pode ser usada como uma ferramenta pedagógica, sendo uma das formas de ajudar no ensino-aprendizagem da criança. No entanto, esse recurso só promoverá aprendizado se o professor tiver um perfil adequado para a prática da contação de histórias.

De acordo com o Referencial Curricular para a Educação Infantil - RCNEI (BRASIL, 1998, p. 143):

A intenção de fazer com que as crianças, desde cedo, apreciem o momento de sentar para ouvir histórias exige que o professor, como leitor, preocupe-se em lê-las com interesse, criando um ambiente agradável e convidativo à escuta atenta, mobilizando a expectativa das crianças, permitindo que elas olhem o texto e as ilustrações enquanto a história é lida.

O professor tem muito a colaborar para que a criança se sinta parte da história contada. Nenhuma história pode ser transmitida de qualquer maneira. Caso seja, não haverá aprendizagem e nem encantamento algum por parte do aluno. Desse modo e segundo Abramovich (1997), para um envolvimento significativo das crianças com a história, alguns aspectos devem ser considerados, pois:

[...] para a criança, não se pode fazer isso de qualquer jeito, pegando o primeiro volume que se vê na estante. E aí, no decorrer da leitura, demonstrar que não está familiarizado com uma ou outra palavra (ou com várias), empacar ao pronunciar o nome dum determinado personagem ou lugar, mostrar que não percebeu o jeito que o autor construiu suas frases e dando as pausas nos lugares errados [...] Por isso, ler o livro antes, bem lido, sentir como nos pega, nos emociona ou nos irrita... Assim quando chegar o momento de narrar a história, que se passe e emoção verdadeira, aquela que vem lá de dentro, lá do fundinho, e que, por isso, chega no ouvinte (ABRAMOVICH, 1997, p. 18-20).

A formação é fundamental na vida de qualquer profissional, porém, para atuar no segmento educacional, na modalidade de Educação Infantil, é preciso se identificar com o nível a ser trabalhado e saber se posicionar diante de sua audiência.

O docente que escolhe atuar na área da educação deve ter comprometimento com o seu trabalho, responsabilidade, dedicação, habilidade, paciência e exercer a sua função com profissionalismo e competência.

Segundo Bock, (2008, p. 119) “o aspecto afetivo é o modo particular de o indivíduo integrar as suas experiências. É o sentir”. Com base nessa afirmação, o docente deve ser um profissional flexível, deve gostar de criança, entender o que ela sente,

demonstrando sentimento de amor pela educação infantil e dedicação pelo seu trabalho.

Os autores Fossatti, Sarmiento e Gonçalves, (2012) salientam que: "Por ser Educação Infantil, um espaço e tempo pedagógico, tem ela uma função educativa explícita, organizada, que exige ação de profissionais especificamente preparados" (FOSSATTI; SARMENTO; GONÇALVES, 2012, p. 3).

Na compreensão do autor, o profissional desse segmento precisa ter uma preparação que o habilite no domínio dos conhecimentos necessários para o trabalho com crianças pequenas, além de uma relação afetiva com elas.

Uma boa história contada, que encante a criança, tornando-se um meio de desenvolvimento do gosto pela leitura, necessita de um maior preparo por parte do docente. Coelho (1997) salienta que "estudar uma história é, em primeiro lugar, divertir-se com ela, captar elementos essenciais que nela estão implícitos, e identificar os elementos essenciais que constituem sua estrutura" (COELHO, 1997, p. 21).

É necessário buscar uma forma de se expressar, ficar atento à entonação de sua voz; preocupar-se com o tempo destinado à história de modo que não se torne cansativa para a criança; escolher a história ideal para cada faixa-etária; além de outros elementos que devem ser percebidos, como o ritmo, a harmonia das palavrasditas, a expressão corporal, bem como a preocupação com o enredo e que o seu fim seja encantador. Abramovich (1989), por sua vez, reforça que:

Para contar uma história – seja qual for – é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes... Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção... Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras... Contar histórias é uma arte... e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declaração ou teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz (ABRAMOVICH, 1989, p.18, grifos do autor).

Para que o instante de contar histórias se torne cativante, é preciso que o professor propicie um momento descontraído, mágico, utilizando, para narrar as histórias, além de livros, fantoches, dedoches, gravuras, máscaras. Ele também pode se caracterizar de um personagem da história para que o conto se apresente de forma real.

A esse respeito, desenvolve Bamberger (2005):

Para contar histórias, o professor tem o apoio de livros, fantoches e outros recursos, como o timbre da voz e a entonação, e cabe a ele esticar ao máximo a curiosidade dos alunos em descobrir o que se encontra por trás do mundo mágico das histórias (BAMBERGER, 2005, p. 18).

Outro fator muito importante que deve ser considerado é que – num mundo cada vez mais tecnológico – as crianças estão mais conectadas à rede, logo estimular os pequenos a adquirir o hábito da leitura e ajudá-los no processo de ensino-aprendizagem torna-se um grande desafio para o docente em sala de aula.

Para auxiliar o professor nesse desafio, temos a figura do Griot, o contador de histórias da perspectiva africana que, de geração em geração, através da oralidade, mantém vivas as tradições e os ensinamentos. Mas, para que o ato de contar tenha significado, três aspectos devemos levar em consideração: *a memória, a oralidade e a performance*, conceitos que abordaremos no próximo capítulo.

### 3 MÉMORIA, PERFORMANCE E ORALIDADE

Neste capítulo, vamos tratar a respeito dos conceitos que envolvem memória, performance e oralidade. Para o embasamento teórico sobre memória, citaremos os estudos de Paul Ricoeur (2007), que aborda a memória como instrumento de partilha para que as informações não caiam no esquecimento. Paul Zumthor (2007) discorre sobre performance, a relação estabelecida entre voz e corpo para que as palavras possam ser transmitidas de forma dinâmica e interativa.

No que concerne à oralidade, Zumthor (1993) salienta a voz como elemento que auxilia na (re)construção de novos saberes, criando uma conexão entre autor, leitor e receptor. Já Hampaté Bâ (2010), através dos seus estudos, nos faz compreender a importância da tradição oral como mecanismo de permanência da sua história, cultura e ancestralidade.

Sobre memória, Paul Ricoeur a caracteriza como pragmática, ou seja, deve ser exercitada e não ser condicionada apenas como o lembrar de algo, pois dessa forma ela terá relação com a história, criando um elo entre o passado e o presente. É o que vemos neste excerto extraído de Dourad (2017):

Para Paul Ricoeur, o verbo “lembrar” está sempre relacionado ao substantivo “lembrança”, uma vez que o filósofo francês apresenta a memória como sendo pragmática, isso significa que ela deverá ser exercitada, ou seja, não apenas lembrar o que passou, mas fazer alguma coisa em relação a essa lembrança. Nessa esteira, “lembrar-se é não somente acolher, receber uma imagem do passado, como também buscá-la, “fazer” alguma coisa” (DOURAD, 2017, p. 2, grifos do autor).

Nesse sentido, o exercício da memória deve ser constante, pois, quando se deixa de desenvolver o “esforço mental”, ou seja, de transmitir as informações, as lembranças ficam ameaçadas e as histórias interrompidas. E, para que isso não aconteça, a memorização (tipo de memória-hábito que será mencionado no tópico a seguir) resulta numa ferramenta importante, porém esse método dificulta o esforço em querer aprender coisas novas, pois se trata de um processo repetitivo.

Segundo Ricoeur (2007), o ideal é construir uma memória sólida, que possa intervir de maneira positiva para que as tradições culturais não sejam silenciadas na

memória do povo. Então, é por meio da função narrativa que a memória se fará presente para a permanência da identidade coletiva.

Para que a permanência da memória coletiva seja perpetuada, a ideia de performance, articulada por Zumthor (2007), torna-se um importante fenômeno de comunicação, seja ela de forma oral ou escrita. O ato performático está na relação da voz com o corpo. Ambos se entrelaçam para que o corpo seja o condutor vivo e os movimentos ganhem sentido:

Quanto à presença, não somente a voz, mas o corpo inteiro está lá, na performance. O corpo, por sua própria materialidade, socializa a performance, de forma fundamental [...]. A performance é uma realização poética plena: as palavras nela são tomadas num único conjunto gestual, sonoro, circunstancial tão coerente (em princípio) que, mesmo se distinguem mal palavras e frases, esse conjunto como tal sentido (ZUMTHOR, 2005, p. 86-87, grifos do autor).

A voz e o corpo exercem um papel de grande importância na contação de história, pois o ouvinte (espectador) associa e apreende o texto de maneira concreta, percebendo os elementos contidos no enredo da história e reconhecendo as intenções contidas na narrativa. Nesse percurso, Zumthor realiza um novo modelo de comunicação e articulação, que aproxima contexto, autor, texto e ouvinte.

Por outro lado, para que aconteça a articulação concreta e significativa entre voz e corpo, não podemos deixar de mencionar a importância da oralidade nesse processo. Para Zumthor (1993), a fala não deve estar condicionada apenas às questões normativas da língua e, sim, como um fio que liga as ideias transmitidas pelo autor para o receptor, pois, desse modo, as informações serão absorvidas e assimiladas.

Já Hampâté Bâ (2010) considera a tradição oral (oralidade) como ato sagrado que possibilita ao homem não se esquecer da sua identidade e ancestralidade. Embora as questões de estudos pertinentes sobre a oralidade tenham sido descartadas por muitos estudiosos, o malinês defende que a comunicação humana é superior à própria escrita, pois o indivíduo, desde os primórdios da humanidade, já se comunicava.

Na cultura africana, a palavra falada faz parte dos traços identitários. Mesmo em pleno século XXI, o continente sobrevive, em sua maioria, com a oralidade primária. As tradições culturais permanecem vivas, em algumas regiões africanas, devido à oralidade ser a principal forma de transmissão. Acrescenta Boniface Ofogo Nkama (2012) que: “[...] acreditamos que o efeito da oralidade, em nossas culturas, não é

realmente uma opção cultural, mas, sim, uma consequência inevitável das prevaletentes estruturas sociopolíticas” (NKAMA, 2012, p. 248).

Nesse contexto, a oralidade é colocada em prática para que as tradições culturais africanas não sejam esquecidas, pois, para os povos que não sabem escrever, a arte da palavra é um excelente recurso de aprendizado na construção de novos saberes. É o que explica Nkama (2012):

Os povos de etnia negra, que não desenvolveram a escrita, têm desenvolvido a arte da palavra de uma forma muito especial. Apesar de não ser escrita, sua literatura não é menos bonita. Quantos poemas, quantas epopeias, contos históricos e heroicos, fábulas didáticas, mitos e lendas de discursos admiráveis foram transmitidos dessa forma através dos séculos, fielmente levados pela memória prodigiosa dos homens de oralidade, apaixonados por uma bonita linguagem e pela poesia (NKAMA, apud HAMPATÈ BÂ, 2012, p. 249).

Desse modo, o ato de contar histórias, por meio da oralidade, se torna um mecanismo ativo e de potência, exercendo um papel significativo na luta pela permanência de suas raízes e tradições, pois, segundo Nkama (2012, p.249), “contar histórias é uma manifestação da vida cotidiana. Quando cai a noite nas aldeias africanas, os camponeses reúnem-se em volta do fogo, ou sob a árvore da palavra e contam histórias”.

Para o embasamento teórico referente aos conceitos de memória, performance e oralidade, mencionados no início deste capítulo de forma prévia, apresentaremos as discussões e contribuições dos autores Paul Ricoeur, Paul Zumthor e Hampaté Bâ, para que possamos tomar consciência da importância desses elementos para a pesquisa.



### 3.1 MEMÓRIA: OBJETO DE PERMANÊNCIA DA HISTÓRIA

*A memória é o objeto de recordação do conhecimento de tudo que é considerado permanente no acervo histórico e cultural de uma nação (MELO, 2009, p. 149).*

Desde sua inicial existência, as histórias foram sendo transmitidas de geração em geração para que as memórias fossem preservadas. Sendo assim, as tradições, as crenças e os costumes seriam mantidos. Nesse contexto, apresentaremos, por meio da função narrativa, a memória incorporada à identidade de um povo.

Para Paul Ricoeur, na sua obra “*A memória, a história e o esquecimento*”<sup>13</sup> (2007), a memória é pragmática e deve ser exercida para que o ato de lembrar não seja apenas uma situação do passado, mas um aspecto histórico, que deve ser colocado em ação para que as lembranças sejam reconhecidas desde o passado.

Ricoeur (2007) salienta que não se deve ter tanta certeza da confiabilidade de nossa memória, pois é cheia de danos, fraquezas e de lacunas. Caso contrário o esquecimento não existiria. Ele propõe analisar as formas de como a memória pode se desenvolver e permanecer ao longo do tempo, sendo sua correlação problemática num nível em que as lembranças, ao invés de serem resgatas, passam a ser espontâneas:

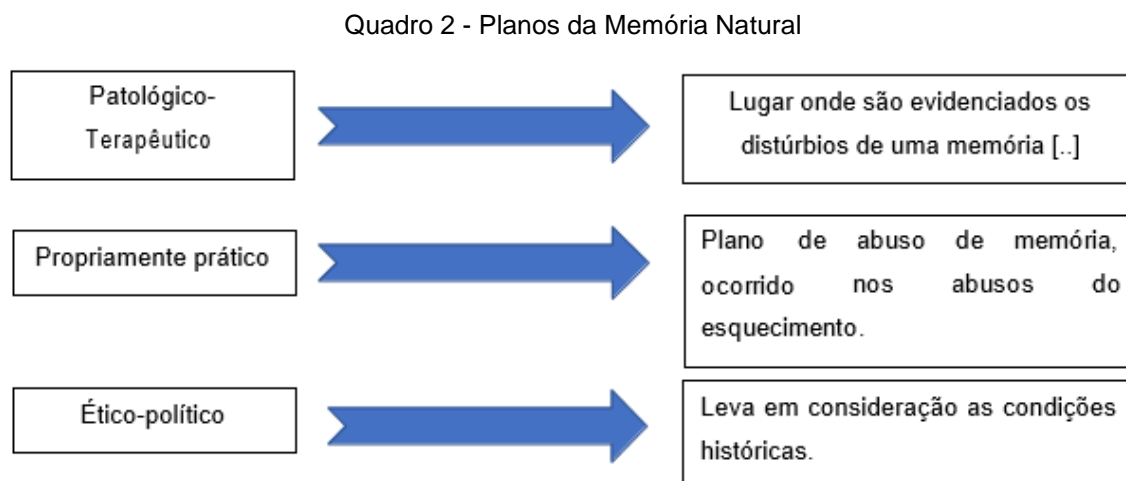
A confiabilidade da lembrança procede do enigma constitutivo de toda a problemática da memória, a saber, a dialética de presença e de ausência no âmago da representação do passado, ao que se acrescenta o sentimento de distância próprio à lembrança, diferentemente da ausência simples da imagem, que esta sirva para descrever ou simular. [...] o mais crítico dessa problemática de presença, de ausência e de distância é constituído pelo reconhecimento atual da lembrança passada (RICOEUR, 2007, p. 4).

Sobre a memória, o autor a distingue de duas formas: a memória artificial e a memória natural, sendo a artificial ligada à memorização “*na qual não há nenhum esforço para aprender coisas novas*” e a natural “*como um ato de fazer memória para permanência da história*” (DOURAD, 2016, p. 3). Segundo os estudos do autor, a

---

<sup>13</sup> A obra “*A memória, a história e o esquecimento*” (1913) de Paul Ricoeur, foi traduzida por Alain François, em 2007, pela Editora Unicamp da cidade de Campinas, São Paulo.

memória natural é dividida em três planos: o *patológico-terapêutico*, o *propriamente prático* e o *ético-político* conforme apresentado no Quadro 2.



Fonte: RICOEUR, 2007, p. 427.

Com relação ao que estamos propondo para este estudo, a memória natural ético-política nos faz compreender que todo conhecimento produzido deve ser considerado importante para que a historicidade do povo seja preservada. Nesse aspecto, quando falamos sobre memória, as condições históricas passam a ter relevância na construção da identidade, pois a configuração narrativa se torna uma memória coletiva e cultural.

Sendo a memória considerada também coletiva e para que não se caia no esquecimento ou na “*amnestia*<sup>1415</sup>”, o autor nos apresenta alguns aspectos abusivos, denominados como: *abusos do esquecimento*, *abusos da memória* e *a memória obrigada*. Os modelos de esquecimento analisados por ele corroboram com a caracterização de novas formas institucionais que as mazelas históricas deixam ao longo dos anos. Como exemplo, desenvolve Dourad (2016):

A própria “descoberta” do Brasil é um exemplo de esquecimento de um conflito tão devastador para os que a priori viviam no país. Ressalta-se, pois, que “conflitos interétnicos existiram desde sempre, opondo as tribos indígenas umas às outras”, porém, quando o dominador europeu chegou,

<sup>14</sup> Termo que no grego significa “esquecimento”. Também cabe, no sentido desta pesquisa, a mesma origem do vocábulo amnésia. Ademais, no latim tem o significação de “perdão” (*amnestia*) (DOURAD, 2016, p. 6).

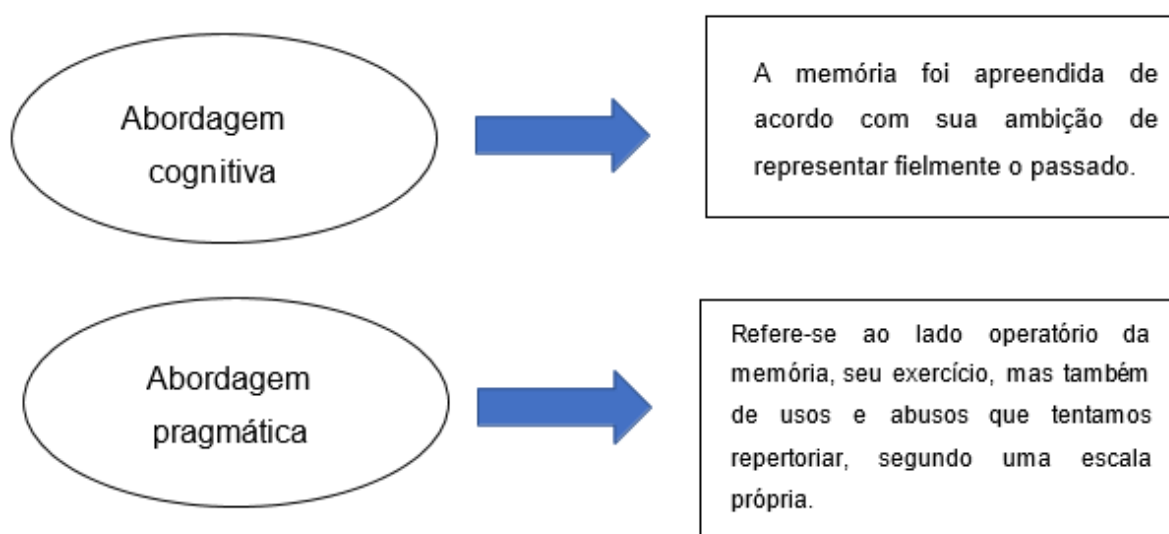
surgiu uma macroetnia expansionista. Assim, foi altamente conflitante o processo de formação do povo brasileiro, uma vez “que se fez pelo entrelaço de seus contingentes índios, negros e brancos” (DOURAD, 2016, p. 8, grifos do autor).

A memória histórica do nosso país é marcada por histórias perversas de escravização e ditatoriais. No período de colonização, os indígenas tiveram as suas terras e sua cultura devastada, já os povos africanos foram sequestrados de seu continente para servir de mão de obra escravizada. Ambos os povos carregam conflitos existenciais da história que, infelizmente, permanece esquecida por muitos.

Outro fato histórico ocorrido no Brasil foi a Ditadura Militar, entre os anos de 1964 a 1985. O período marcou as classes populares que resistiram e lutaram para que a sociedade brasileira construísse um novo cenário político, baseado na democracia. Cabe salientar que, devido às questões de censura, por exemplo, grande parte dos brasileiros teve o acesso às informações via mídias negadas, ou seja, a única forma que o governo não poderia censurar era a transmissão de conhecimento pela via oral.

Por meio das lembranças, a memória constrói e tece relações coletivas, pois, quando se trata de um grupo, comunidade ou povo, elas não dizem apenas de uma única pessoa, mas retomam uma totalidade de experiências num todo. Com isso, queremos dizer que a memória (re) existe não para um só indivíduo, mas seu grupo. Sobre o termo “lembrança”, Paul Ricoeur (2007) distingue-o entre abordagem cognitiva e abordagem pragmática, conforme mostrado no esquema abaixo.

Quadro 3 - Abordagem das lembranças



Fonte: Ricoeur, 2007, p. 3.

Na perspectiva cosmoafricana, os Griots persistem e resistem até hoje, nas comunidades, para que as lembranças possam ficar guardadas nas memórias, através da oralidade, não de forma singela, mas para que a memória-hábito seja perpetuada ao longo dos séculos. Sobre a memória-hábito, Dourad (2016) salienta que, através dela “[...] compreendo, armazeno e acesso, por meio da percepção consciente, inúmeras e incontáveis vezes a referência armazenada e coloco-a em prática, na ação, por meio do hábito, do condicionamento” (DOURAD, 2016, p. 3).

A memória-hábito possui uma relação intrínseca com as lembranças, por estas estarem armazenadas dentro da memória. Essas lembranças estão fixadas nas experiências que tivemos ao longo da nossa vida, criando constantemente uma linha do tempo entre as ações do passado e as do presente. Por seu intermédio, o passado é recontado, perpetuado e aprendido. Bosi (1979) desenvolveu este conceito metafórico de lembrança:

Uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reparação (BOSI, 1979. p. 39).

Nesse aspecto, retomamos a memória coletiva, que está relacionada com o processo cultural, pois tratamos, nesta pesquisa, da preservação da memória como ato coletivo alinhado à tradição. Dourad (2016) aduz, acerca da memória coletiva:

A memória coletiva se baseia na semelhança, no que há em comum nas minhas e nas suas lembranças, num período do tempo. É ela que vai dizer do semelhante, do que acontece em comum entre os viventes da comunidade. Assim, a memória que é coletiva torna-se tradição (DOURAD, 2016, p. 6).

Quando a memória se torna tradicional e coletiva, seu processo e permanência não acontecem através de um sujeito apenas, mas de um grupo, seja ele comunidade, cidade, região ou país. Isto é, permanece por intermédio de todos. Assim, participamos de um bem-estar coletivo, narrando histórias-memória por todo território e contribuindo para a construção da memória-histórica da humanidade.

O ato coletivo se constrói nos espaços, lugares e ambientes onde as experiências são compartilhadas. Nesse sentido, a contação de história surge como um fio condutor e mediador entre a memória e as lembranças, através dos contadores, para que as tradições jamais sejam esquecidas. Desse modo, os contadores de histórias fazem

do ato de contar uma partilha, pois as histórias nos permitem embarcar do passado ao presente de forma imaginária. Através da memória, as histórias podem ser resgatadas e transmitidas, de geração em geração, pelo ato de contar. Para auxiliar nesse processo, tanto a performance quanto a voz contribuirão a fim de que essa transmissão aconteça de forma lúdica e mágica.

### 3.2 PERFORMANCE: O CORPO NO ATO PERFORMÁTICO

*Performance se refere de um modo imediato a um acontecimento oral e gestual (ZUMTHOR, 2007, p. 38).*

Performance e poesia, aparentemente duas tendências que não se entrelaçam. Entretanto, Paul Zumthor, na sua obra *“Performance, recepção, leitura”* (2007) menciona que ambas são um *cruzamento interdisciplinar*, pois foram criadas para estabelecer o contato imediato entre o texto literário e a corporeidade.

Na obra, Zumthor (2007) referencia os estudos poéticos e a relação com a oralidade, interrogando o papel do corpo na percepção literária e introduzindo, como centro da mediação, os estudos referentes à ideia de performance. No esboço para o entendimento sobre a palavra “corpo”, explana que, no sentido poético, “corresponde à materialização daquilo que me é próprio, realidade vivida e que determina minha relação com o mundo” (ZUMTHOR, 2007, p. 23).

Nessa relação, o corpo se torna um instrumento poético para que as palavras ganhem significados e a poesia se estabeleça como “uma arte da linguagem humana” (ZUMTHOR, 2007, p.16), pois, ao incorporar a performance, o texto literário ganhará uma percepção gestual, visual e sonora.

No ato performático, as palavras serão reiteráveis e reconhecidas, por meio das experiências coletivas, para que elas não sejam apenas letras distorcidas e sem sentido, mas identificadas de maneira real pela comunidade de leitores e de ouvintes. Sobre performance, Zumthor (2007) considera que é “o corpo que estuda a obra, pois é o corpo que entende o ritmo, a melodia, linguagem e gestos como um algo a mais

no qual ele no espaço de tempo também se vê incluso àquilo; é a chamada energia poética” (ZUMTHOR, 2007, p. 3).

O sentido da palavra performance, por décadas, foi interpretado de diferentes formas, mas o lugar central de compreensão veio com o envolvimento na prática da leitura literária. A expressão se espalhou primeiramente pelos Estados Unidos, entre as décadas de 1930 e 1940, embora historicamente sua formação seja de origem francesa.

De acordo com Zumthor (2007), marcada devido a sua prática literal nessas décadas, a performance ficou compreendida como

[...] uma manifestação cultural lúdica, não importa de que ordem (conto, canção, rito, dança), a performance é sempre constitutiva da forma. Se um fato observado em performance é, por motivos práticos, transmitido, como objeto científico, por impressão ou conferência, então de maneira indireta e segunda, a forma se quebra. Nesse sentido, a performance é para esses etnólogos uma noção central no estudo da comunicação oral (ZUMTHOR, 2007, p. 30).

As regras de uso da performance se globalizaram, com a criação de um tipo de texto para ser performatizado. Zumthor (2007) salienta que a noção de performance deve ser considerada da mesma forma como os folcloristas desenvolvem suas apresentações, reintegrando o texto com o corpo, promovendo uma performance que implica competência, uma ação valorizada da palavra com o corpo vivo.

Nesse aspecto, o autor caracteriza a performance em quatro traços de análise:

- 1º. “[...] performance é reconhecimento. A performance realiza, concretiza, faz passar algo que eu reconheço, da virtualidade à atualidade.
- 2º. A performance se situa num contexto ao mesmo tempo cultural e situacional: nesse contexto, ela aparece com uma “emergência”, um fenômeno que sai desse contexto ao mesmo tempo em que nele encontra lugar”.
- 3º. [...] performance é uma conduta na qual o sujeito assume aberta e funcionalmente a responsabilidade.
- 4º. A performance e o conhecimento daquilo que se transmite estão ligados naquilo que a natureza da performance afeta o que é conhecido. A performance, de qualquer jeito, modifica o conhecimento. Ela não é simplesmente um meio de comunicação: comunicando, ela o marca (ZUMTHOR, 2007, p. 31-32, grifos do autor).

Nessas características exemplificadas pelo autor, ele reitera que, no ato da leitura, o corpo deve estar posicionado, com atenção para que a percepção performática tenha sentido e as palavras não caiam no esquecimento, ou que sejam entendidas de

maneira provisória. Mas, qual o sentido de empregar a performance para esta pesquisa?

Daremos o sentido da palavra, com base na perspectiva de pesquisadores, como Abrams, Bem Amos, Dundee e Lomax, que objetivou os estudos da performance dentro da dramaturgia, demarcando o corpo como objeto científico, mas também cultural. Dessa forma, o envolvimento do ato poético e performático se dará entre: o texto, o ator, o espaço e o espectador, como receptor das informações.

Para essa proposição, e com o auxílio de Zumthor (2007), a ideia é discutir que

[...] o corpo do ator não é o elemento único, nem mesmo o critério absoluto da "teatralidade"; o que mais conta é o reconhecimento de um espaço de ficção. Cabendo distinguir que "teatralidade" (é quando o espaço ficcional se enquadra de maneira programada), já a "espetacularidade", quando não o faz (ZUMTHOR, 2007, p. 40, grifos do autor).

A semiotização do espaço, da teatralização e do corpo registrará para o espectador uma recepção performática, ou seja, o texto ficará mais atraente devido às imagens cênicas que serão dramatizadas, porém sem fugir da originalidade, pois a "leitura apenas não transmite emoção" (ZUMTHOR, 2007, p. 42).

Além do uso performático, para que as palavras tenham sentido e vida através do corpo, a oralidade é o mecanismo de potência e de grande importância para que as tradições sejam mantidas e preservadas, pois sem a sua história, a memória coletiva se perde no tempo e sua identidade torna-se sem significado. Desse modo, abordaremos, no próximo tópico, a tradição oral, que nos auxilia a conectarmos com a nossa história, nosso Ser (existência) e nossa ancestralidade.

### 3.3 ORALIDADE: INSTRUMENTO DO PASSADO AO PRESENTE

*Minha própria voz importa aqui, e o sentimento que tenha dela; importa ao que posso dizer dessa outra voz, perdida (ZUMTHOR, 1993, p. 24).*

Inicialmente, discutiremos a respeito da compreensão de Paul Zumthor sobre oralidade, no âmbito literário, que nos leva a entender a relação entre voz e oralidade, na perspectiva da escrita, segundo os seus estudos na obra “*A letra e a voz: a literatura medieval*”, em que o autor desenvolve uma análise distintiva entre o conceito de voz e o de oralidade no contexto da literatura medieval.

Faremos uso do termo “oralidade”, conforme a perspectiva do autor, como fenômeno da voz humana, criando dimensões significativas para o texto poético cultural. Nesse sentido, Zumthor (1993) distingue três tipos de oralidade, correspondentes às situações relacionadas à cultura, sendo elas:

*Uma, primária e imediata, não comporta nenhum contato com a escritura. De fato, ela se encontra nas sociedades desprovidas de todo sistema de simbolização gráfica, ou nos grupos isolados e analfabetos.  
[...] oralidade mista, quando a influência do escrito permanece externa, parcial e atrasada; [...]  
[...] oralidade segunda, quando se recompõe com base na escritura num meio onde está tende a esgotar os valores da voz no uso e no imaginário. Invertendo o ponto de vista, dir-se-ia que a oralidade mista procede da existência de uma cultura “escrita” [...] (ZUMTHOR, 1993, p. 18, grifos do autor).*

Em seu estudo, o teórico salienta que a voz do ser humano é real e não se deve limitar apenas a do discurso, pois o texto literário se consiste como um suporte de representação da voz. A maneira como o autor desenvolve o conceito nos faz pensar a potência que a oralidade representa, pois, na sua compreensão, a palavra oral é a qualidade simbólica da voz e timbre, altura e tom, isto é, apenas elementos não linguísticos.

Ainda com os estudos referentes à voz, no período da Idade Média, o autor caracteriza a voz como elemento ativo que atinge a reconstrução de saberes que estão interiorizados na memória e que podem se perder ao longo dos anos. A voz, nesse sentido, será o mecanismo que possibilitará permanência de memórias passadas, desenvolvendo a projeção do passado ao presente. Sobre memória, Zumthor (1993, p.139) menciona que: “[...] por sua vez, é dupla: coletivamente, fonte de saber; para o indivíduo, aptidão de esgotá-la e enriquecê-la. Dessas duas maneiras, a voz poética é *memória*”.

Vinculada à questão da voz poética, o autor menciona a performance como uma ação oral-auditiva, pois, segundo ele, o locutor assumirá voz, expressão e presença corporal. Desse modo, o receptor (destinatário) não ficará apenas passivo nesse



processo, participará de forma ativa dentro da performance. Essas relações promovem a compreensão da escrita poética, com as representações das palavras que estarão em ação através da voz.

Outro aspecto importante de ressaltar é a forma como Zumthor aborda a fala oral, na característica da enunciação, que acontece na aproximação entre a palavra e a voz.

Nesse sentido, compreendemos que a fala oral terá uma relação de aproximação da palavra, por ser um elemento da língua, e da voz, pela apresentação do tom, ritmo e presença corporal, o que, na escrita, possui outras formas de enunciação caracterizando o processo de produção de texto do ritual multimodal.

No ato de contar histórias, o processo ocorre na proximidade entre narrador, intérprete, autor no ato performático. A oralidade é utilizada como o principal mecanismo de articulação para que as relações sejam traçadas entre a escrita, voz e fala. Desse modo, o discurso performativo terá significados e a ação poética se fará presente para mediar o ato dialógico entre o texto, leitor e o receptor. Nas palavras de Zumthor (1993):

É a voz e o gesto que propiciam uma verdade; são eles que persuadem. As frases sucessivas que são lançadas pela voz, e que parecem unidas somente por sua conexão, entram progressivamente no fio da escuta, em relações mútuas de coesão. A coerência última conseguida pela obra é um dom do corpo. Na hora em que, na performance, o texto composto por escrito se torna voz, uma mutação global o afeta, e, enquanto se prossiga nessa audição e dure essa presença, modifica-se sua natureza (ZUMTHOR, 1993, p. 165).

O autor Emílio Bovini (2016) corrobora a opinião de que a oralidade contribui para a construção da memória coletiva e da experiência do grupo e que os códigos estabelecidos na língua oral não devem ser destinados apenas a procedimentos gramaticais e lexicais, ou seja, de forma “monitorada”, caracterizada como uma espinha dorsal e, sim, como um suporte vivo para o desenvolvimento da memória individual e coletiva.

As considerações de Zumthor nos fazem compreender a potência da oralidade para a transmissão de conhecimento e de partilha, pois, segundo ele, a fala nos conecta. Essa percepção nos aproxima das ideias do malinês Hampâté Bá, que, como Zumthor, considera a voz capaz de aproximar as tradições, as comunidades e perpetuar os saberes que são passados de geração em geração.

Acerca da palavra e sua força manifesta na oralidade, Fonseca (2016) destaca:

Se para muitos povos africanos a palavra é sagrada porque é intermediada pela força do Ser Supremo, para outros povos do continente e para várias culturas que tiveram contato com os saberes africanos através da escravidão, a fala guarda a energia da força vital que está presente no sopro que deu vida ao homem e naquilo que ele tira de si através da palavraproferida. De alguma forma, os estudiosos percebem a oralidade como uma manifestação inerente ao homem, permitindo-lhe expressar a integridade de seus pensamentos (FONSECA, 2016, p. 02).

E para que essas palavras sagradas a serem proferidas não sejam esquecidas e “embaraçadas com o tempo”, os griots surgem como os guardiões e transmissores, com o intuito de preservar a fidelidade dos fatos a serem narrados, fazendo uso constante de suas memórias, da sua força ao narrar e da sua corporeidade no ato de contar histórias.

Na perspectiva africana, a tradição oral se baseia na relação do homem, do seu lugar e papel no universo, com o objetivo de situá-lo num contexto global para que a palavra seja revelada e a permanência histórica do seu Ser seja mantida viva. Acentua Hampaté Bâ que as tradições de várias regiões africanas não foram perdidas, devido ao trabalho dos memorialistas (espécie de griots contemporâneos) que recordam na íntegra os fatos passados transmitidos pela tradição.

Tanto Hampaté Bâ, quanto Paul Zumthor argumentam, nos seus estudos, a força e potência da voz, mesmo que cada um discorra de maneiras diferentes a respeito da oralidade. Zumthor compreende que a voz consiste na relação entre o texto, a obra e o receptor para que haja o aprofundamento reflexivo da palavra. Já na concepção do malinês, a oralidade é um ato de comunicação sagrado, que conecta o indivíduo com suas memórias, suas tradições e ancestralidades.

No próximo capítulo, analisaremos como a memória, a performance e a oralidade, ao serem entrelaçadas no desenvolvimento da contação de história, podem contribuir para que as novas gerações possam dar continuidade ao legado de “heróis negros” que, no passado, lutaram bravamente em favor de seu povo, da sua história, identidade e território.

## 4 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NA INFÂNCIA

*Promover uma educação para o entendimento das diferenças étnicas, livre de preconceitos, representa uma possibilidade real da formação de sujeitos menos preconceituosos nas novas gerações (CAVALLEIRO, 2003, p.38).*

Apresentaremos, brevemente, os autores Maciel de Aguiar e Noélia Miranda, para contextualizarmos suas obras. Analisaremos os textos *Zacimba Gaba, a princesa guerreira*, do autor Maciel de Aguiar (1995), e *Zacimba Gaba – A princesa guerreira, a história que não te contaram*, de Noélia Miranda (2014), buscando compreender a construção da narrativa através da oralidade.

A escolha dos autores, cujas obras foram recolhidas e pesquisadas através da oralidade, se deu pela proposta da pesquisa. As produções literárias narram a história de Zacimba Gaba, personagem protagonista, e foram construídas com coletas de informações ao longo dos anos.

O autor Sebastião Maciel de Aguiar, nascido em Conceição da Barra, norte do Estado, na década de 50, é escritor, jornalista e, por muito tempo, se dedicou a pesquisar as histórias dos negros vencidos. Aos oito anos, Maciel mudou-se com os pais para São Mateus. Por aqui, criou laços e se encantou com as histórias do povo negro.

Figura 4 - Maciel de Aguiar



Fonte: Instagram - @escritormacieldeaguiar.

Ainda jovem, começou a entrevistar centenas de negros e, com isso, foi se interessando pelas histórias dos personagens. Vários descendentes desses personagens circulavam pelas ruas contando os feitos realizados por eles. Foi a partir das andanças de Maciel pelos casarões do Sítio Histórico Porto de São Mateus que o escritor resolveu coletar informações, por meio da oralidade, sobre esses heróis para a construção de suas obras. Elmo Elton (apud AGUIAR, 1995, p.29), historiador e poeta, salientou que: “Maciel descortinou a vida dos nossos revolucionários e heróis populares, ‘esquecidos e sepultados’”.

O autor Maciel de Aguiar iniciou as pesquisas em 1968, andando pelos matos e bandas do Sapé do Norte, interior de São Mateus e Conceição da Barra, com um

[...] gravador, em punho, ouvindo história da boca dos pretos velhos –muitos com mais de cem anos-, sobre os escravos e muitos causos da valentia e lutas de negros guerreiros em busca da libertação de seu povo, que sofria com os castigos em praça pública, no Largo Chafariz, no Porto, além da condenação pelos “crimes” dos anseios de liberdade. São histórias que estavam perdidas no tempo, mas guardadas nas memórias de muitas cabeças centenárias [...] (AGUIAR, apud FONSECA 1995, p. 7, grifos do autor).

Em relação às produções de Maciel de Aguiar, ele se empenhou em fazer com que as histórias dos nossos irmãos negros fossem narradas nas escolas. Em convênio com o Centro Cultural Porto de São Mateus CCPSM, publicou a série intitulada *História dos Vencidos* (imagem 2), resultado de pesquisa feita durante vinte anos, com a qual redescobriu a saga dos personagens da região do Vale do Cricaré.

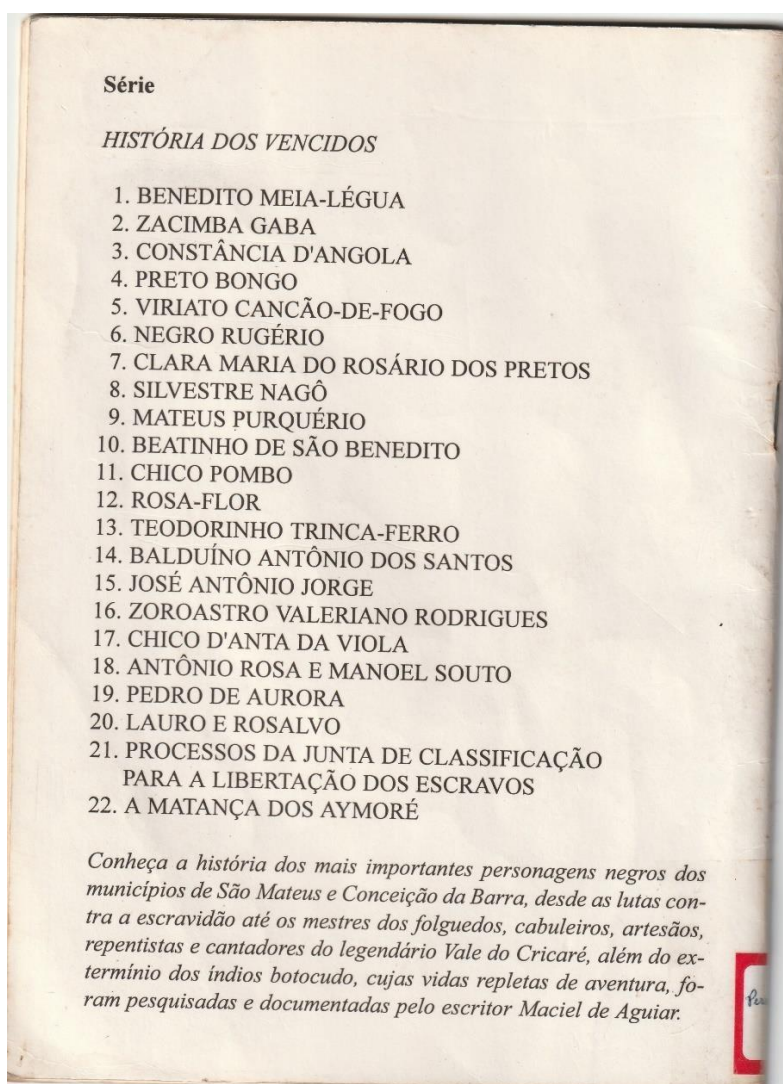
Figura 5 - Coleção História dos Vencidos



Fonte: Arquivo próprio, 2022.

A Coleção História dos Vencidos, com o total de 22 cadernos, foi distribuída nas escolas dos municípios de Conceição da Barra e São Mateus, para que as narrativas orais ocorridas ao redor do Rio Cricaré dos negros guerreiros que lutaram para libertar o povo da escravidão não fossem esquecidas, mas reconhecidas pelas novas gerações.

Figura 6 - Verso do livro



Fonte: Arquivo próprio, 2022.

Noélia da Silva Miranda de Araújo, natural do sul da Bahia, se declara mulher afro-indígena, pesquisadora, e sempre foi rodeada de histórias que permeiam a cultura indígena e africana. É uma militante da Lei de nº 11.645/2008, que torna obrigatório o estudo da história e cultura indígena, africana e afro-brasileira em todas as escolas.

Figura 7 - Noélia Miranda



Fonte: @noeliamirandaaraujo

As pesquisas e publicações de Noélia ressaltam a importância da cultura negra na formação das crianças e adolescentes, pois ela defende os direitos humanos e a aplicação das Leis nº 10.639/03 e 11.645/08 na educação. Em seu livro *Zacimba Gaba, a princesa guerreira – a história que não te contaram*, a autora narra a história da princesa de forma criativa, ilustrada, que nos convida a viajar nos quilombos do Sapé do Norte pela via oral:

As ideias retomadas neste livro resgatam de forma provocativa, leve, criativa, atualizada, corajosa e esperançosa, questões que permeiam o dia a dia das crianças, na escola e fora dela, instigam o conhecimento, que veiculam e auxiliam homens e mulheres, crianças, adultos /as e velhos/as a se integrarem no tempo, espaço e nas tradições. Sem poder ser esquecida ou desconsiderada, a oralidade é uma forma encarnada de registro, tão complexa quanto a escrita, que se utiliza de gestos, da retórica, de improvisações e de danças como modos de expressão (NASCIMENTO, apud MIRANDA 2014, p. 03).

Mesmo em épocas diferentes, Maciel de Aguiar e Noélia Miranda ressaltam, nas suas obras, a importância de resgatar as histórias, através da oralidade, para que as tradições e as memórias sejam preservadas e mantidas vivas, pois a sociedade é estruturada na dominação eurocêntrica. Consequentemente, os feitos e conquistas da população negra são silenciados ou desconsiderados.

Para trilharmos os caminhos da pesquisa: a metodologia utilizada foi a pesquisa participante de abordagem qualitativa, tendo em vista que buscamos problematizar e compreender questionamentos que envolvem as relações étnico-raciais, na infância, por meio da contação da história afrocentrada de Zacimba Gaba e da roda de conversa com o objetivo de compreender se as crianças (re)conhecem a história da princesa guerreira. Desse modo, o ato de contar e a roda de conversa, como ponte para análise e coleta de dados, permitirá a maior interação entre o pesquisador, professor e alunos.

Utilizamos, para a técnica de coleta de dados, o grupo focal, o que nos permitiu desenvolver um processo dinâmico e interativo na pesquisa, para que os participantes pudessem compartilhar os pontos de vista e suas percepções sobre a história, visto que, como o definem Backes et. al. (2011), o grupo focal é uma

[...] técnica de coleta e análise de dados que se constitui em uma importante estratégia para inserir os participantes da pesquisa no contexto das discussões de análise e síntese que contribuam para o repensar de atitudes, concepções, práticas, políticas sociais e representa, em suma, um importante instrumento para as pesquisas qualitativas (BACKES et. al.,2011, p. 441).

A contação de história e a roda de conversa foram desenvolvidas com os alunos do Centro de Educação Infantil Municipal Nossa Senhora Aparecida, localizado no Sítio Histórico Porto na cidade de São Mateus/ES. Participaram da pesquisa 26 alunos, de duas turmas de 05 anos, que estarão caracterizadas, no texto, como turmas A e B dos turnos matutino e vespertino.

Os encontros aconteceram em dois dias, sendo o primeiro com a turma A e o segundo com a turma B, totalizando 2 horas cada. Nos dois dias, tivemos a presença das professoras regentes e do diretor da escola. A contação de história foi desenvolvida no pátio da escola, ao ar livre, conforme era feita nas tradições africanas. Abordaremos, nos próximos tópicos, a análise dos livros dos autores Maciel de



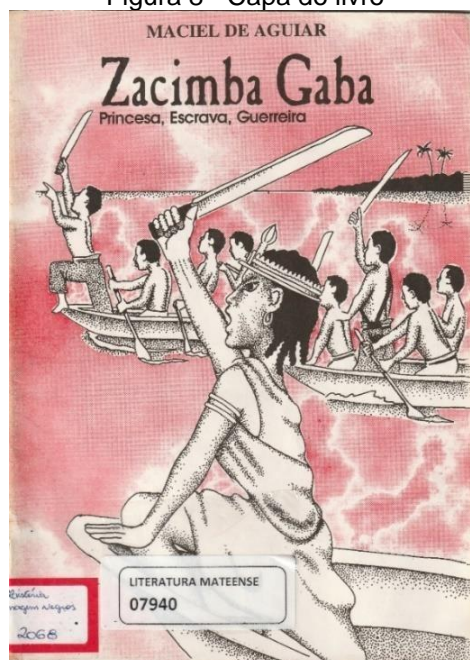
Aguiar e Noélia Miranda, o universo da pesquisa, a contação de história e a análise e coleta dos dados por meio do uso da roda de conversa.

#### 4.1 ZACIMBA GABA: A PRINCESA GUERREIRA SOB A ÓTICA DOS AUTORES MACIEL DE AGUIAR E NOÉLIA MIRANDA

A contação de história da Zacimba Gaba, desenvolvida para os alunos da instituição, o foi a partir da leitura dos livros dos autores Maciel de Aguiar e Noélia Miranda. O enredo das histórias foi construído com base nas tradições orais coletadas nas comunidades quilombolas pesquisados pelos autores. Ambas as narrativas valorizam a história de luta, pertencimento e de empoderamento, pois são protagonizadas pela mulher negra como elemento principal de representatividade.

O livro *Zacimba Gaba, Princesa, Escrava, Guerreira*, do autor Maciel de Aguiar, foi escrito com base nas visitas em comunidades quilombolas, no Sapê do Norte, localizadas no município de Conceição de Barra e São Mateus, e através de algumas conversas com descendentes da personagem, à beira do Rio Cricaré, no Sítio Histórico Porto de São Mateus.

Figura 8 - Capa do livro

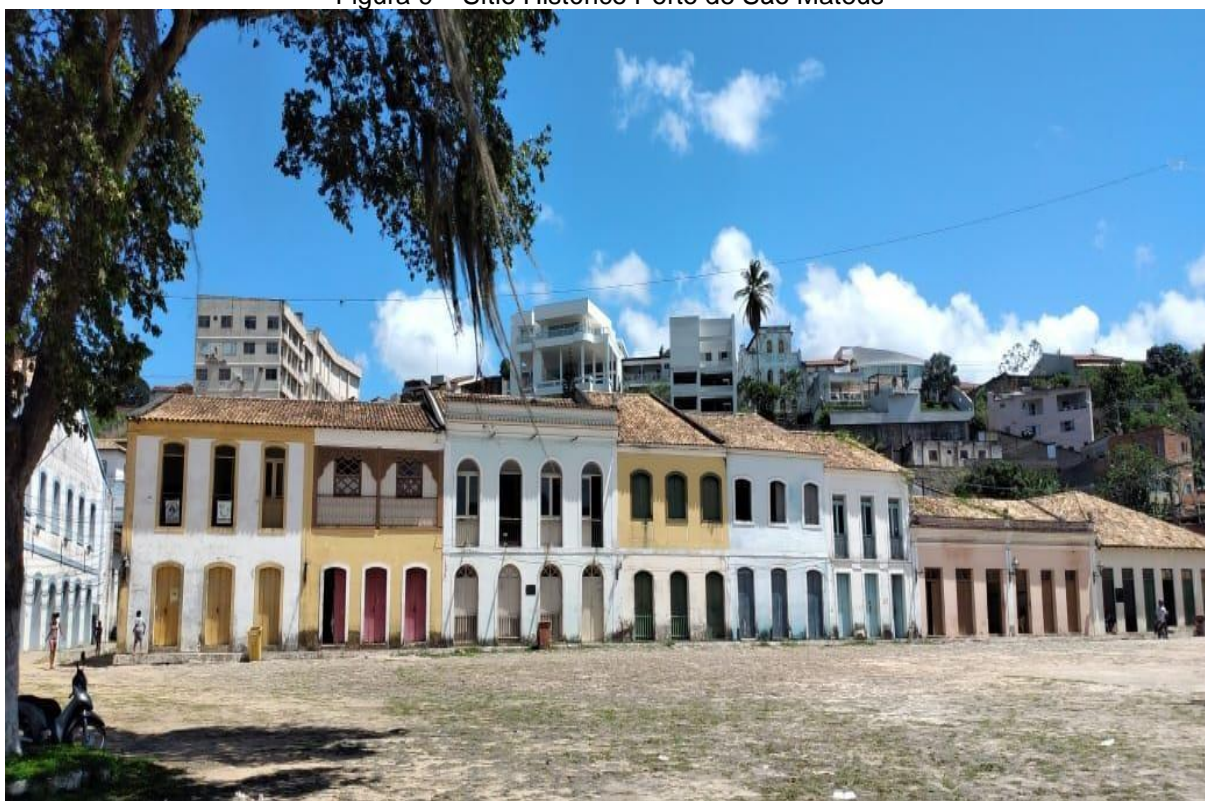


Fonte: Arquivo próprio, 2022.

O Sítio Histórico Porto de São Mateus SHPSM viveu a riqueza de uma época, onde o comércio da farinha de mandioca e de escravos eram as atividades mais lucrativas da região. Pela bacia do Rio São Mateus, desembarcava grande parte de negros que vieram para o Brasil.

O Porto é um território marcado por mitos, lendas e muitas histórias de guerreiros negros que resistiram contra a escravidão. Neste estudo, a nossa personagem será retratada como heroína, uma homenagem pela surpreendente luta pela busca de liberdade e humanidade do seu povo. Por intermédio da contação, as crianças poderão conhecer e se reconhecer através da história.

Figura 9 – Sítio Histórico Porto de São Mateus



Fonte: Autoria própria, 2021.

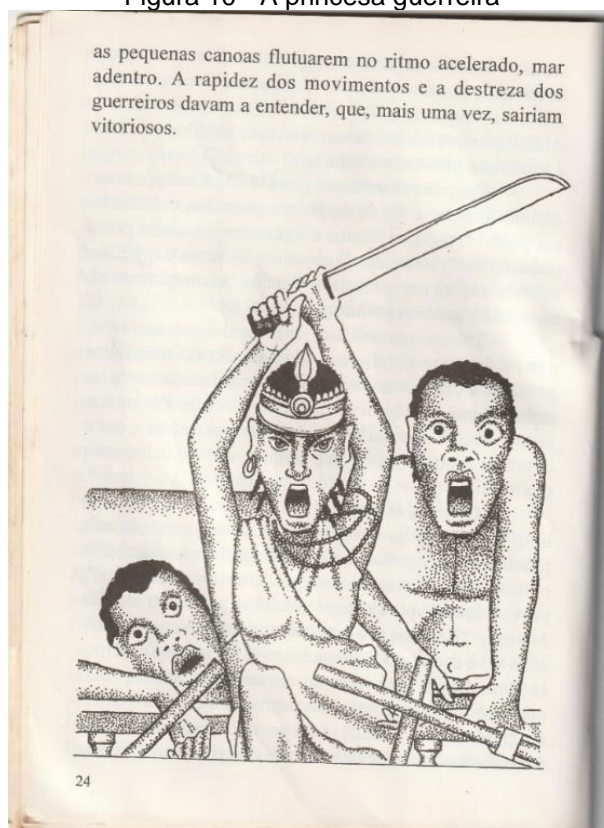
A narrativa de Maciel de Aguiar faz parte da Coleção Heróis Vencidos, publicada em 1995 e disponibilizada para as escolas da rede pública municipal de Conceição da Barra e São Mateus, com o objetivo de que os estudantes pudessem ter conhecimento da forma como a escravidão aconteceu em nosso território e como os negros lutaram bravamente para conquistar a liberdade.

Inicialmente, o autor dedica o livro à sua filha, que também recebeu o nome da princesa, para que possa ser uma mulher guerreira e empoderada na vida. A história conta com trinta páginas e é escrita na cor preto, contendo várias ilustrações criadas por Edilson Rodrigues.

A narrativa nos convida à valorização da identidade negra, como meio de combate aos estereótipos racistas, desde a sua capa, os fatos narrados que nos fazem “viajar” nos acontecimentos e a construção das ilustrações, o que nos demonstra a força da princesa guerreira.

O autor Maciel descreve a Zacimba como uma princesa libertária que, à frente de vários negros livres, buscava a liberdade daqueles que um dia foram tirados das suas terras de uma forma desumana. Por muito tempo, a princesa guerreira D'Angola liderou vários movimentos de libertação pela região, ainda na juventude, contra as atrocidades dos senhores e capitães do mato. A imagem abaixo demonstra a coragem singular e heroica que a nossa personagem tinha nas batalhas.

Figura 10 - A princesa guerreira



Fonte: Arquivo próprio, 2022.

A obra em suas páginas finais relata brevemente a forma de como a história da princesa, escrava e guerreira foi desenvolvida. O autor menciona sobre as visitas que realizou ao Sapê do Norte, que trouxeram à memória as histórias que foram contadas no seio familiar, pois relata que possui uma forte ligação de sangue com a raça negra, pois sua avó, Clara Maria do Rosário dos Pretos, foi uma grande heroína revolucionária.

Além das visitas ao Sapê, Maciel realizou várias andanças pelo antigo Mercado, localizado no Largo do Chafariz, no S.H.P.S.M, para coletar informações a respeito de Zacimba. Numa tarde de domingo, encontrou o Mestre de Folia de Reis Balduíno Antônio dos Santos, que fitava a curva do rio. Quando perguntou sobre a princesa, os olhos do mestre brilharam (relato do autor sobre uma conversa às margens do Rio Criacaré com o mestre Balduíno). Em seguida, segundo o relato do autor, o mestre disse:

*Ela morreu na luta, encarniçada, enfrentando o estanho com o seu facão, como deveria ser...". [...] Se Deus tivesse me dado outra filha mulher, colocaria seu nome. Nome bonito, de princesa, que lutou por nossa liberdade e foi levada de volta para a África, pelas ondas da imensidão do mar [...] (informação verbal)<sup>15</sup>.*

Por meio da oralidade, o autor Maciel conseguiu realizar vários registros para a construção de sua literatura, fazendo com que as palavras ganhassem sentido e as tradições fossem transmitidas de geração em geração. O autor recupera a forma como as histórias eram narradas, carregadas de muita emoção, havendo a ligação do passado com o presente.

Nesse sentido, a oralidade se caracterizou como um instrumento de grande importância para as pesquisas e escritas de Maciel de Aguiar, pois, sem a força da palavra, toda a história protagonizada pela nossa heroína seria esquecida. Sobre a ligação do homem com a palavra

O que se encontra por detrás do testemunho, portanto, é o próprio valor do homem que faz o testemunho, o valor da cadeia de transmissão da qual ele faz parte, a fidedignidade das memórias individual e coletiva e o valor atribuído à verdade em uma determinada sociedade. Em suma: a ligação entre o homem e a palavra (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 168).

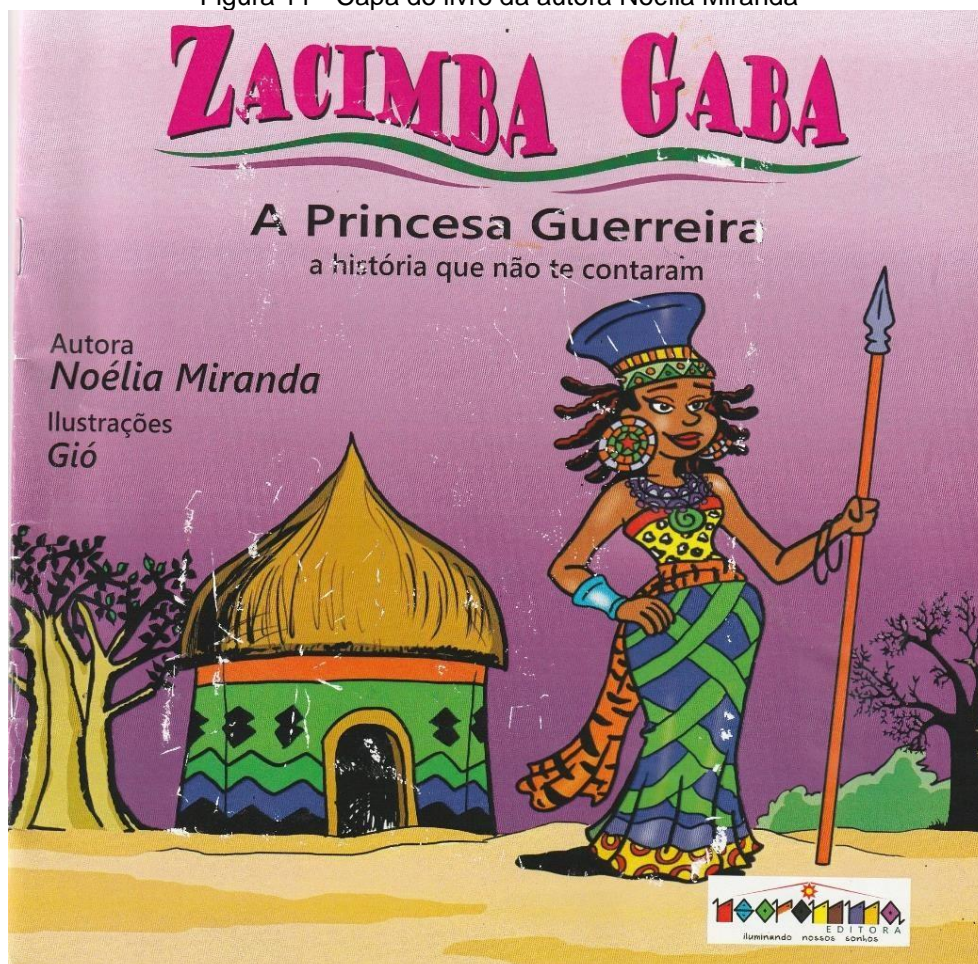
---

<sup>15</sup> Relato de Balduíno Antônio dos Santos, contido no livro Zacimba Gaba, princesa, escrava, guerreira, do autor Maciel de Aguiar (1995).

Nas sociedades orais, a ligação entre o homem e a palavra é muito forte, pois, através da oralidade, a memória coletiva se constrói, fazendo com que as histórias continuem sendo enraizadas e proferidas na sociedade. É através da relação do homem com a palavra, por meio da tradição oral, que a cultura africana se religa à história, à sua ancestralidade.

No que se refere à ancestralidade, a autora Noélia Miranda relata que o seu livro “Zacimba Gaba, a Princesa Guerreira: a história que não te contaram” retoma, de forma provocativa, leve, corajosa e esperançosa, os feitos e conquistas da população negra, que, infelizmente, a sociedade brasileira descaracteriza. No seu livro, quem protagoniza é uma mulher negra, destemida e forte.

Figura 11 - Capa do livro da autora Noélia Miranda



Fonte: Arquivo próprio, 2022.

Nas primeiras páginas do livro, de forma encantadora e colorida, a autora apresenta brevemente a personagem. Relatando as origens da princesa, potencializa as raízes

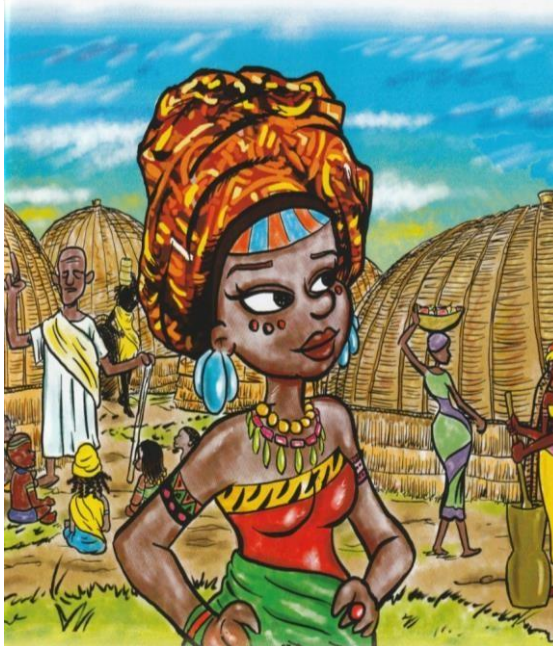
(quando, ao fundo, a figura do griot é reconhecida) e representa de forma positiva o conjunto de elementos sociais, culturais e raciais.

A representação e a protagonização de personagens negros na literatura são de grande relevância para que as crianças percebam a história do povo negro a partir de outra ótica, pois, anteriormente à lei 10.639/2003, o personagem negro era representado nas histórias de maneira subalternizada e inferiorizada. A esse respeito, elucida Rosemberg (2003):

Notamos ainda uma série de indicadores que privilegiam a cor-etnia branca e desvalorizam outras. A cor negra, por exemplo, aparece com muita frequência associada a personagens maus, seja diretamente através da pigmentação do tecido que o recobre (pele, pêlo, penas), da coloração de seus acessórios e vestimentas ou ainda do contexto que o cerca. O negro associado à sujeira, à tragédia, à maldade, como cor simbólica impregna o texto com bastante frequência (ROSEMBERG, 2003, p. 184).

Além de enaltecer a figura de Zacimba de maneira positiva, a autora constrói a narrativa com palavras que demarcam a ancestralidade da princesa, mencionando a ligação que ela tinha com a família, valores sagrados, culturas e tradições. Um momento especialmente forte na narrativa se dá quando, em ato desumano e criminoso, a heroína é raptada de sua terra.

Figura 12: Representação de Zacimba e sua origem



Fonte: Miranda, 2014, p. 07.

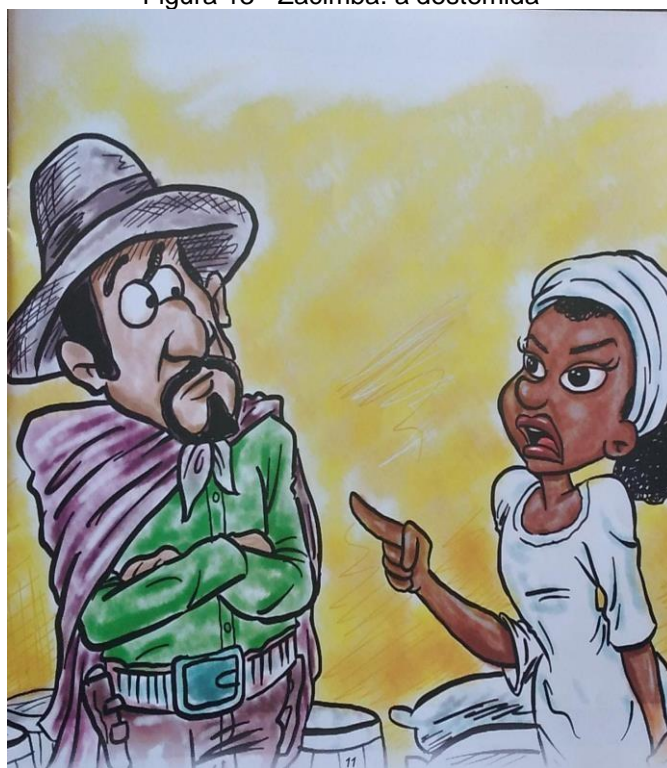
As características fenotípicas da guerreira demonstrada na narrativa de Noélia enobrecem os traços e o poder das mulheres negras, que infelizmente no processo

de escravidão o corpo feminino, especificamente o negro, foi compreendido como um objeto sexual para os grandes fazendeiros. Nesse sentido, aduz Silva (2020):

Falar da mulher negra, bem como seu corpo, é elucidar marcas históricas que perpetuam ainda hoje no imaginário social, visto que estamos em uma sociedade estruturada pelo racismo, e que o corpo da mulher negra é marcado pela objetificação. Na época escravocrata, os escravos não eram donos de si, eram sujeitados aos seus senhores. Enquanto mulher negra, sujeitada aos seus senhores, há a objetificação do seu corpo, como por exemplo, o processo de miscigenação em que fica evidente o estupro sofrido por elas. Ainda nesse processo histórico há a exposição das mulheres devido ao volume de seus seios, nádegas e quadris largos (SILVA, 2020, p. 1).

Assim como no livro de Maciel de Aguiar, a história de escravidão narrada por Noélia Miranda inicia quando o navio que trazia a princesa aportou na aldeia São Mateus-ES. Tratava-se de encomenda realizada por um rico português chamado José Trancoso. Com ela, chegaram mais treze escravos, que foram vendidos para outras regiões. Zacimba foi levada de forma brutal e trancada na senzala. Consigo carregava um segredo que, aos poucos, foi se revelando por ser uma jovem destemida.

Figura 13 - Zacimba: a destemida



Fonte: Miranda, 2014, p. 11.

Além de demonstrar coragem em favor do seu povo, Zacimba carregava traços de sua cultura através do cabelo Black Power exemplificado na imagem abaixo do livro da autora Noélia Miranda questão de extrema relevância citar, pois se trata de uma literatura voltada para crianças, muitas delas, especificamente negras, que sofrem com discursos racistas e discriminatórios pelo estilo do seu cabelo.

Figura 14 - Black Power de Zacimba



Fonte: Miranda, 2014, p. 11.

O cabelo black power teve papel significativo durante os movimentos ocorridos na década de 60, pois, além de valorizar as tradições, abriu questionamentos a respeito da “construção da beleza feminina”. Os debates ocorridos acerca da capacidade simbólica do cabelo implicaram argumentar a imposição do alisamento, maneira pela qual as mulheres se adequariam ao padrão europeu, descaracterizando a sua essência e raízes, pois o cabelo e o corpo eram elementos culturais de suas origens, como defende Gomes (2008):

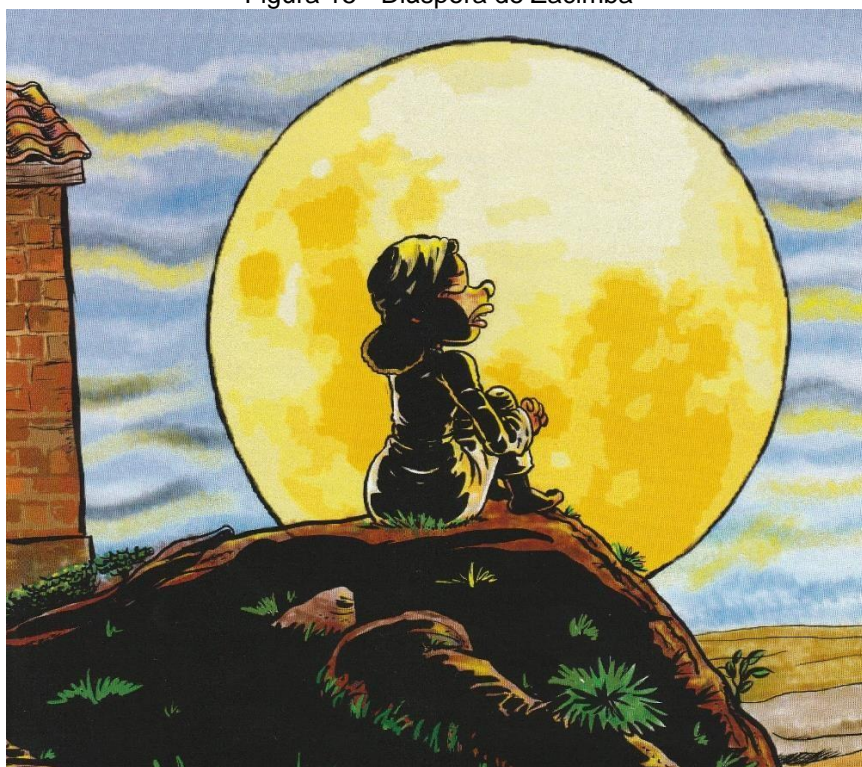
O cabelo e o corpo são pensados pela cultura. Por isso, não podem ser considerados simplesmente como dados biológicos. Cabelo crespo e corpo podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil. Juntos, eles possibilitam a construção social, cultural, política



e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra (GOMES, 2008, p. 28).

Mesmo em meio a vários enfrentamentos conflituosos que a princesa guerreira sofreu, a autora relata que a personagem planejava, na claridade das luas cheias, os próximos passos para libertar os irmãos negros da escravidão. E, para que as tradições de suas terras não fossem esquecidas, Zacimba contava histórias e cantava à luz do luar.

Figura 15 - Diáspora de Zacimba



Fonte: Miranda, 2014, p. 17.

Na narrativa em análise, além de Zacimba assumir o papel de mulher guerreira, a princesa transmitia a história da sua terra nos quilombos, como os griots faziam na Terra África para que as tradições culturais fossem perpetuadas e a relação do homem com sua ancestralidade fosse mantida, pois a palavra, na cosmovisão africana, é sagrada e repleta de força e vigor, como enfatiza Aquino (2018):

A relação do homem com a palavra é forte, já que ela é dotada de caráter sagrado, justamente por estar vinculada a sua origem divina e a forças ocultas de que é depositária – esse sentido, levando-se em consideração seu uso ritualístico e religioso, principalmente no que tange aos ritos de iniciação e à evocação de ancestrais (AQUINO, et al. 2018, p. 03).

A história de Zacimba Gaba, sob a ótica dos autores Maciel de Aguiar e Noélia Miranda, nos possibilita reconhecer e mergulhar em nossa ancestralidade, pois se trata de escritas carregadas de sentimento e emoções, nas quais se evidencia que o poder da palavra preserva e transforma o mundo.

O livro do autor Maciel de Aguiar desenvolve uma narrativa pautada na tradição oral, pois grande parte dos relatos foram mencionados pela comunidade, promovendo um processo de memorização. Já a escrita de Noélia Miranda, resgata a história da princesa através de suas pesquisas para que os saberes não sejam esquecidos. Desse modo, as produções dos autores requer um estudo por parte do contador, pois a forma de como foram escritas influenciam no ato da contação de histórias.

No próximo tópico, mencionaremos a contação de história desenvolvida para as crianças, em que se utilizou a figura do griot, para que a história da princesa guerreira pudesse ser (re) conhecida, preservada e valorizada na memória das crianças.

## 4.2 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA

Para a pesquisa, os sujeitos participantes foram duas turmas de 05 anos, com o total de 26 crianças, caracterizadas como turma A (com 14 alunos) e turma B (com 12 alunos). A escolha pela faixa etária, objeto deste estudo, justificou-se pelos procedimentos metodológicos e possibilitou que as crianças pudessem compartilhar as suas impressões sobre a contação de história e responder às perguntas no momento da roda de conversa.

O objetivo da contação de história foi fazer com que as crianças, especialmente as negras, pudessem se sentir representadas e pertencentes ao território no qual residem. Ao analisar as fichas de matrícula das turmas de 5 anos, vimos que as famílias declaram, na maioria, seus filhos da cor parda conforme é mostrado no gráfico.

Gráfico 1 - Raça, turma A

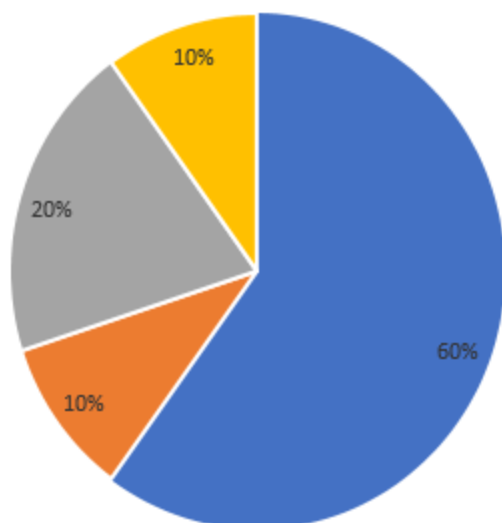
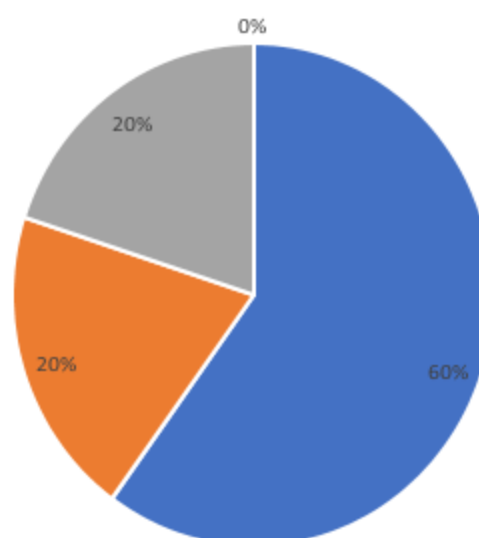


Gráfico 2 - Raça, turma B



■ Parda ■ Branca ■ Negra/Preta ■ Indígena

Fonte: PPP, 2022<sup>16</sup>.

Os gráficos nos mostram a elevada consistência das famílias ao declararem seus filhos como pardos. Conforme analisado nas fichas de matrícula da turma A, 60% das famílias consideram seus filhos pardos, 10% brancos, apenas 20% negros ou pretos e 10% mencionam que são indígenas. Já a turma B 60% das famílias também optaram em escolher os filhos como pardos, 20% brancos, 20% negros/pretos e nenhum indígena.

Cabe salientar que grande parte da população que reside no Porto é de negros ou afro-indígenas, porém devido às opressões que a sociedade promove, as pessoas acabam silenciando a sua raça. Munanga (2005) avalia esse contexto:

Considerando que esse imaginário e essas representações, em parte situados no inconsciente coletivo, possuem uma dimensão afetiva e emocional, dimensão onde brotam e são cultivadas as crenças, os estereótipos e os valores que codificam as atitudes, é preciso descobrir e inventar técnicas e linguagens capazes de superar os limites da pura razão e de tocar no imaginário e nas representações, enfim, capazes de deixar aflorar os preconceitos escondidos na estrutura profunda do nosso psiquismo (MUNANGA, 2005, p. 19).

<sup>16</sup> Os dados foram obtidos pela Secretaria da Instituição, através do Projeto Político Pedagógico, atualizado em fevereiro de 2022.

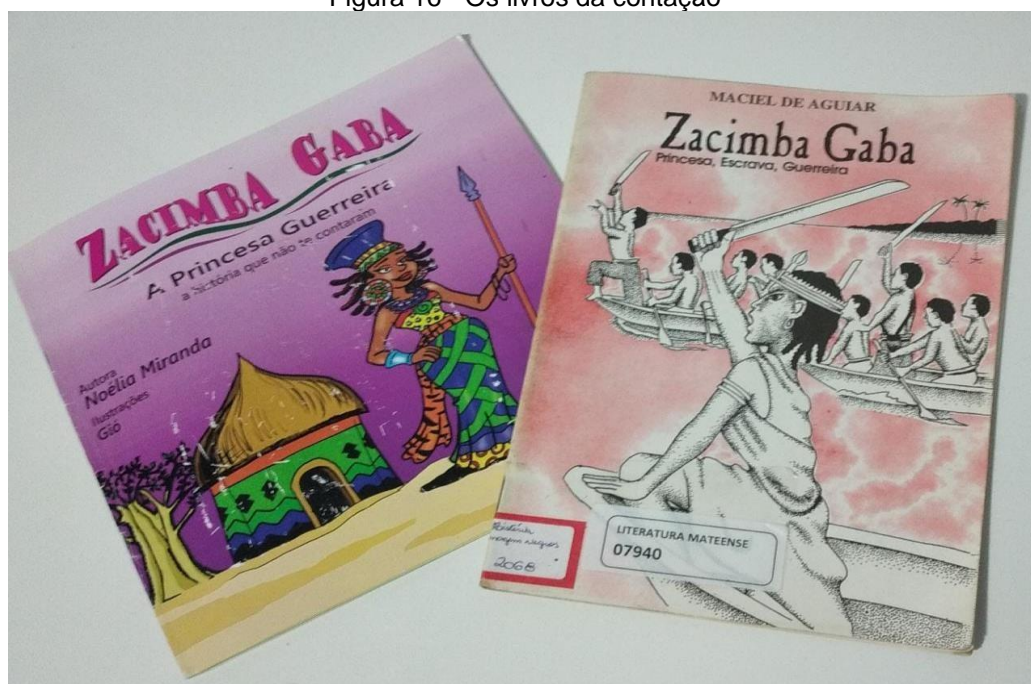
Esse silenciamento acaba potencializando, nas crianças, atitudes e pensamentos que as fazem descaracterizar a sua etnia, promovendo uma identidade étnico-racial negativa de sua raça. Desse modo, desde pequenas, as crianças começam a desenvolver posturas de inferiorização, desvalorizando as suas histórias, heranças culturais e identitárias. A caracterização étnica dos sujeitos nos possibilitará analisar e entender as posturas das crianças, ao discutirmos sobre pertencimento, preconceito, racismo e discriminação, visto que residem em um território marcado por muitas violências contra a população negra.

#### 4.3 OFICINA LITERÁRIA “CONTAÇÃO DE HISTÓRIA”

A oficina literária foi desenvolvida no Centro de Educação Infantil Municipal “Nossa Senhora Aparecida”, localizado no bairro Porto, no município de São Mateus/ES, para 02 turmas de 05 anos, com o objetivo de contribuir para a desconstrução de visões racistas, preconceituosas e discriminatórias, por meio da contação de história afrocentrada para que, desde pequenas, as crianças possam valorizar as tradições, costumes, se sentirem pertencentes ao território no qual estão inseridas e preservar a memória local.

Para isso, realizamos a contação da história *“Zacimba Gaba: a princesa libertadora”*, adaptada dos livros de Maciel de Aguiar e Noélia Miranda. No ato de contar, nos apropriamos da figura do griot para que as crianças pudessem interagir com o que estava sendo narrado.

Figura 16 - Os livros da contação



Fonte: A autoria própria, 2021.

A escolha dos livros se deu a partir de estudos referentes a protagonização de povos negros nas histórias, sobretudo, principalmente de mulheres negras. Grande parte das narrativas contidas na escola tinham personagens brancos como protagonistas, fortalecendo a superioridade da branquitude.

*No primeiro momento*, apresentei-me aos alunos, explicando que estaria desenvolvendo uma pesquisa. Para isso, realizaria uma contação de história e, posteriormente, um momento de conversa (roda de conversa) para dialogarmos sobre a compreensão da história e algumas questões que envolvem as relações étnico-raciais.

*No segundo momento*, utilizando a figura do griot como contador de histórias, realizei, por duas vezes, a contação, totalizando 1 hora cada, direcionada aos alunos dos turnos matutino e vespertino, da história da princesa guerreira Zacimba Gaba. O texto criado foi escrito de acordo com a faixa etária dos estudantes (anexado no apêndice), adaptado das obras dos autores Maciel de Aguiar e Noélia Miranda.

Figura 17 – O ato performático



Fonte: Arquivo próprio, 2022.

Para que as crianças pudessem se conectar com o universo cosmoafricano, iniciei a contação com uma música que fizesse repensar as suas origens e características fenotípicas, como possuir um “nariz chato ou cabelo duro”, pois muitas delas carregam traços de suas ancestralidades e raízes, mencionados neste trecho de uma cantiga popular africanizada:

***“Minha pele é preta, meu cabelo é duro, meu nariz é chato, mas meu sangue é puro!”***

Durante o desenvolvimento da narrativa, as crianças ficavam atentas a cada palavra e ação enfatizada na história, demonstrando interesse em saber a forma como a personagem escrava buscava forças para libertar o seu povo. Em alguns momentos, fui interrompido por elas, pois queriam saber o desfecho da história, pois grande parte da vida de Zacimba foi de batalhas. O silêncio era unânime!

Figura 18 – O olhar fixado



Fonte: Arquivo próprio, 2022.

Para que a história ganhasse sentido, me apropriei do conceito de Zumthor (2007) sobre o uso do corpo performático cênico, o que me possibilitou construir um universo mágico e ancestral. No decorrer da contação, citei a forma como os nossos irmãos negros chegaram a nossas terras.

Em seguida, solicitei que fechassem os olhos e que fizessem o som das ondas do mar! Aos poucos, relatei que muitos negros vieram para cá de forma desumana, pois foram sequestrados das suas famílias e colocados em um navio, onde ficavam acorrentados, com sede e fome. Por ver tantos olhos abertos e atentos à narrativa, percebi que muitos estavam emocionados e com os olhares vibrantes, pois embarcaram comigo em cada elemento que contribuía para construir seu imaginário.

Esse efeito da história é descrito por Santos (2014):

É isto que a história faz, cria mecanismos para afrontar os problemas de forma saudável, criativa e dinâmica, levando a criança a um mundo extraordinário, em que os processos vividos pelos personagens e suas aventuras são cheias de significados. A criança percebe isso, ela “embarca” no mundo da história, um mundo de esperança, opções e possibilidades,

opções de atitude a tomar diante de uma grande dificuldade, estratégias e soluções criativas para vencer os problemas, criando táticas para lidar com as emoções (SANTOS, 2014, p. 15).

O desfecho da história foi surpreendente, pois as crianças estavam apreensivas para saberem o final da princesa guerreira. Quando narrada a morte de Zacimba Gaba, em meio a uma batalha, alguns alunos ficaram tristes e com os olhos lacrimejando, mas lhes fiz entenderem que ela morreu lutando pelo seu povo e que nós jamais devemos desistir de nosso propósito, pois o da princesa guerreira foi lutar pelos irmãos. A alegria rapidamente foi estabelecida e finalizamos a história, percebendo que a memória individual e coletiva fora (re) construída.

#### 4.4 ANÁLISE DOS DADOS: (RE) CONSTRUINDO HISTÓRIA

Foram selecionados, para participar da pesquisa, alunos de duas turmas de 05 anos da Educação Infantil, totalizando 26 estudantes. A instituição oferta o ensino de tempo integral para ambas as turmas. Para esta pesquisa, reforçamos, denominamos os sujeitos participantes como turma A e turma B.

Os alunos distribuíam-se na faixa etária entre 5 e 6 anos. A turma **A** contava com 20 alunos matriculados, sendo 10 meninas e 10 meninos. Já a turma **B**, com 19 alunos matriculados, sendo 12 meninas e 7 meninos. Do total de alunos das turmas **A** e **B**, apenas 26 participaram, pois os demais estavam de atestado médico.

Partindo do modelo metodológico escolhido para a pesquisa, utilizamos o grupo focal, por meio da roda de conversa, para analisarmos as impressões dos alunos e a forma como se relacionariam com a história. Porque os participantes eram crianças, a roda de conversa nos possibilitou um contato mais próximo com o grupo, visto que é uma prática pedagógica corriqueira na Educação Infantil, conforme assevera Bertoneceli (2016), dentre outros autores:

A Roda de conversa tem sido compreendida, no contexto escolar, como um espaço de exercício democrático, que privilegia o estabelecimento de diálogos, debates e troca de ideias. Na atualidade, especialmente na EI, essa atividade constitui-se como elemento frequente da organização didática e metodológica, como forma de subsidiar um trabalho com a linguagem oral e valorizar a produção infantil (BERTONCELI, 2016, p. 30).



Por fazer parte da rotina da E.I., a roda de conversa é um método de pesquisa que permitiu que os estudantes pudessem expressar suas opiniões, partilhar experiências e desenvolver reflexões sobre a temática, para a construção de um processo de rememoração, socialização, de preservação da memória cultural, individual e coletiva, pois todas estão intimamente ligadas.

Figura 19 - Roda de conversa



Fonte: Arquivo próprio, 2022.

Para nos auxiliar na construção dos dados, utilizamos um roteiro contendo 10 perguntas abertas (em anexo no apêndice) para nortear o diálogo, debate e troca de ideias, com o objetivo de potencializar a linguagem oral e valorizar as contribuições argumentativas dos estudantes.

O processo da observação se deu em analisar a forma de como os corpos e as vozes das crianças se comportariam durante a contação da Zacimba Gaba. O entusiasmo era constante! A cada pergunta que era feita, tanto os alunos da turma A quanto os da turma B respondiam com alegria e prazer de contribuir nas respostas.

Ao perguntarmos se eles gostavam de ouvir histórias, tanto os estudantes da turma **A**, quanto os da turma **B** disseram que sim, que amavam ouvir histórias, porque

através da contação elas conseguiam aprender com mais facilidade, seja as histórias narradas no seio familiar ou na escola.

Nesse sentido, Santos (2014) e nós compreendemos que

[...] a criança que escuta histórias infantis tem mais facilidade de sociabilização, e torna-se um jovem mais consciente da cooperatividade com o próximo, pois quando senta em uma roda para escutar a história, comenta, interpreta, reconta, opina, aprende a esperar sua vez de participar, a dar vez ao colega que faz parte da roda de história. Aprende a ouvir, a falar e expressar-se melhor (SANTOS, 2014, p. 16).

Através das histórias, as crianças conseguem assimilar informações com mais riqueza e precisão, pois adquirem conhecimento, por meio da observação, da escuta e da troca de experiências. A história faz com que a criança viaje em sua imaginação, criando mecanismos para a construção de um mundo extraordinário, saudável, criativo e dinâmico.

Em seguida, perguntamos se os alunos conheciam histórias nas quais havia mulheres negras como protagonistas e se alguma delas era princesa. Vários alunos da turma A disseram que não conheciam histórias de pessoas e de mulheres pretas como personagens principais.

Sobre isso, corrobora Cavalleiro (2003) que grande parte dos livros contribui

[...] para reforçar estereótipos sobre o grupo negro. Os personagens negros aparecem como escravos, humildes, empregados domésticos e pobres, entre outros. Desse modo, os personagens negros, em comparação com os demais, são os que se apresentam com o maior percentual de caracterização negativa (CAVALLEIRO, 2003, p. 34).

O aluno Luiz Miguel, de 5 anos, da turma **A**, salientou que as princesas que ele conhecia eram branquinhas, magras e de cabelos loiros. Já a aluna Maria Luíza, de 5 anos, da mesma turma disse que conhecia o filme “A princesa e o sapo” da Walt Disney. Segundo ela, era uma princesa bonita, com cabelos pretos e lisinhos.

Figura 20 - Filme “A princesa e o sapo”



Fonte: [disneyplus.brasil.com.br](http://disneyplus.brasil.com.br).

No que se refere a animação, a produção corrobora na produção de um imaginário e uma memória, que institui uma estética negra, marcada pelo branqueamento, onde as características da princesa são os cabelos lisos e negros, sendo a memória marcada pelo que as pesquisas sobre colorismo vem desvelando, sobre os níveis de interdições e acessos a partir de fenótipos eurocentricos, conceitos trabalhados na perspectiva de representatividade e colorismo.

Em diálogo com os alunos da turma **B**, muitos estudantes conheciam histórias protagonizadas por personagens negros. O aluno Felipe, de 05 anos, citou alguns super-heróis que, para ele, eram fortes e corajosos, como o *Pantera Negra*. Já Beatriz, de 06 anos, citou a história “*Menina Bonita do Laço de Fita*”<sup>17</sup>, de Ana Maria Machado. Sobre esse ponto, observamos que os alunos não conheciam muitas histórias protagonizadas por personagens negros, pois os livros da escola, na sua maioria, são de personagens brancos, ou seja, contribuem para que histórias negras sejam

<sup>17</sup> História da autora Ana Maria Machado, criada em 1986, traz a narrativa de uma menina negra que tem como vizinho um coelho, apaixonado pela cor da menina. Ele quer, a qualquer custo, descobrir o segredo, o que a faz ser tão pretinha

invisibilizadas, pouco refletidas e discutidas. Sobre essa situação predominante, aduz Silva (2005):

A invisibilidade e o recalque dos valores históricos e culturais de um povo, bem como a inferiorização dos seus atributos adscritivos, através de estereótipos, conduz esse povo, na maioria das vezes, a desenvolver comportamentos de autorrejeição, resultando em rejeição e negação dos seus valores culturais e em preferência pela estética e valores culturais dos grupos sociais valorizados nas representações (SILVA, 2005, p. 22).

A invisibilidade dessas histórias acaba contribuindo para que o racismo, o preconceito e a discriminação sejam fomentados, desde cedo, entre as crianças, pois muitos estudantes, principalmente negros (as), apresentam uma identidade negativa em relação ao grupo étnico ao qual pertencem, da mesma forma que crianças brancas revelam um sentimento de superioridade. Cavalleiro (1999) explana que:

Não há como negar que o preconceito e a discriminação constituem um problema que afeta em maior grau a criança negra, visto que ela sofre, direta e cotidianamente, maus tratos, agressões e injustiças que afetam a sua infância e comprometem todo o seu desenvolvimento (CAVALLEIRO, 1999, p. 98).

Dessa forma, construir diálogos para uma prática antirracista é necessário para que comportamentos e discursos racistas sejam erradicados, pois, com a falta dessas discussões, a existência do racismo, preconceito e discriminação étnica será cada vez mais presente no espaço escolar, promovendo o silenciamento que já existe, nas crianças, por parte da família. Nesse sentido, Santos (2005) argumenta:

No momento que a escola silencia, se posiciona a favor do racismo, de sua legitimação, possibilitando que ele ocorra nos intermeios das atividades pedagógicas, nas conversas de pé de ouvido, nos momentos de conflito entre as crianças, de uma forma perversa que tende a transformar asvítimas em culpados (SANTOS, 2005, p. 124).

Segundo Hooks (2013), para que discursos e posturas racistas sejam erradicados da escola, cabe a nós, professores, promovermos uma educação pautada numa prática libertadora, pois

[...] quando nós, como educadores, deixamos que nossa pedagogia seja radicalmente transformada pelo reconhecimento da multiculturalidade do mundo, podemos dar aos alunos a educação que eles desejam e merecem. Podemos ensinar de um jeito que transforma a consciência, criando um clima de livre expressão que é a essência de uma educação em artes liberais verdadeiramente libertadora (HOOKS, 2013, p. 63).

Nesses relatos percebemos que os alunos conheciam poucas histórias onde personagens negros eram protagonistas. Desse modo, compreendemos que o processo de memorização não era articulada para que a historicidade do povo fosse preservada e a memória coletiva fosse desenvolvida como afirma Paul Ricoeur (2007) nos seus estudos sobre memória e esquecimento.

Ainda sobre o uso da memória, Frances Amélia Yates na sua obra *A arte da memória* nos mostra que através da utilização de imagens, as informações poderão ser compiladas e dispostas em uma sala de memória para que constantemente aconteça o processo de memorização.

Quando perguntamos sobre como eles poderiam representar uma heroína, Heloísa, de 5 anos, da turma A, comentou que teria que ser forte, com capa, máscara e que tivesse poderes mágicos. João Guilherme, de 6 anos, da turma B, salientou que a única mulher heroína que conhecia era a Mulher Maravilha, que era forte, tinha um chicote amarelo e era corajosa

Figura 21 - Exposição de ideia da aluna Heloísa



Fonte: Arquivo próprio, 2022.

No relato dos estudantes, compreendemos que a figura do herói estava ligada às questões de poderes mágicos, elemento constituinte dos mitos africanos, porém, nas histórias africanas, os poderes estão ligados também à ancestralidade e herança familiar, como aponta Aquino (2018):

A construção da figura do herói como guerreiro, no mito africano, em especial no mito fundador do Mali, funda-se em elementos como a importância das práticas mágicas, da herança, no desenvolvimento de características e valores que fortalecem a personalidade do indivíduo e, ao mesmo tempo, o fazem protagonista de uma relação de forças dualistas, de certa forma, contrapõem bem e mal, certo e errado, relação essa que aparece com certa frequência na cultura da África, em geral, e do Mali, em particular. Nesse sentido, essa construção se aproxima das de outras culturas, quando aponta no herói características como força, velocidade, destreza, sabedoria e habilidade estrategista, entre outras (AQUINO, et al., 2018, p. 9-10).

Em seguida, perguntei se eles conheciam a história de Zacimba Gaba ou se alguém da família já tinha contato histórias em que personagens negros eram os protagonistas. Os alunos da turma A e os da turma B, de forma unânime, disseram que não conheciam e não tinham ouvido falar. Desse modo, notamos que as histórias referentes a personagens que fazem parte da ancestralidade e do território local não são transmitidas no seio familiar, o que reforça, desde casa, uma negação sobre a identificação racial e suas referências identitárias e ancestrais. Nesse contexto, Martins (2013) aduz:

Em muitas dessas situações, o aluno negro não sabe como mudar o que está posto. Ele é agredido e hostilizado, vê seus amigos passando pelo mesmo sofrimento que ele, mas não se vê reagindo. [...]. Por outro lado, a falta de punição a atitudes racistas ocorre porque muitas crianças se veem encorajadas a persistirem em seus comportamentos de discriminação, pois são encorajadas ao não serem punidas devidamente por pais ou educadores. Essas atitudes vão aos poucos imprimindo na criança negra uma atitude de negação de sua identidade ou de apatia diante da realidade que são incapazes de mudar. Esse sentimento pode permanecer por toda a infância e, em muitos casos, até a fase adulta (MARTINS; GERALDO, 2013, p. 3).

A vivência do racismo no ambiente familiar pode interferir na formação da identidade do sujeito de forma negativa, na sua autoimagem e na construção de si mesmo, pois se trata de um processo múltiplo e complexo. Sobre isso, explanam Schucman e Gonçalves (2017): “o racismo e a ideologia do embranquecimento fazem parte cotidiana das dinâmicas das famílias [...], raça e racismo são componentes que modulam e qualificam a forma com que se constroem os vínculos familiares” (SCHUCMAN; GONÇALVES, 2017, p. 80).

Para que as crianças possam compreender o processo, no que tange ao reconhecimento da diferença étnica, é importante que escola e família estejam construindo diálogos nos quais os problemas que são relacionados ao preconceito, racismo e discriminação sejam discutidos, pois dessa forma se possibilitará a transformação do pensamento e da sociedade (CAVALLEIRO, 2003).

Ao perguntar se os estudantes gostaram de ouvir a história de Zacimba, os alunos da turma A disseram que sim. Carla, de 5 anos, disse que: “Sim, porque ela era uma mulher forte, corajosa e maravilhosa. Quando crescer, quero ser igual a ela!” Aline, de 5 anos, da turma B respondeu: “Sim, eu amei! Porque ela lutava para salvar os seus irmãos das mãos dos homens maus que queriam prendê-los”.

Figura 22 - Participação dos sujeitos da pesquisa



Fonte: Arquivo próprio, 2022.

Com relação ao desfecho da história, perguntei: “Se vocês pudessem mudar o final da história da Zacimba, como fariam? ” Novamente, Luiz Miguel, da turma A, respondeu que: “Eu não a deixaria morrer! Faria dela uma heroína imortal para que não morresse na batalha”. Carolina, de 5 anos, da turma B, salientou que: “Eu deixaria a princesa mais forte e, toda vez que ela fosse para batalha, Zacimba ficaria invisível”.

Para Aquino (2018), a invisibilidade é um elemento identificado em muitas histórias africanas, pois está ligado diretamente à construção dos heróis com a presença da magia:

A formação do guerreiro é fortemente influenciada pelo binômio guerra e magia, elementos que andam juntos nas sociedades africanas pré-coloniais. A presença da magia é uma característica dessas culturas, e contribui para aumentar o poder do herói, ao mesmo tempo em que lhe fornece proteção; muitas vezes, se apresenta dentro de uma estrutura animista relacionada principalmente a animais – os totens – e outros componentes da natureza regional (AQUINO, et al., 2018, p. 10).



Figura 23 - Dialogando sobre a heroína



Fonte: Arquivo próprio, 2022.

A história oferece modos para que as crianças possam encarar os problemas e desenvolver um mundo magnífico para que as aventuras e narrativas dos personagens tenham significados. Desse modo, de acordo com Santos (2014),

[...] quando a criança escuta uma história infantil, sua imaginação vai além das fronteiras do imaginário e leva-a ao encantamento do seu mundo infantil onde só existe em sua mente. As histórias infantis têm o poder de auxiliar as crianças em seus temores, traumas, lesões, desafios e dificuldades. Por isso é tão importante que as crianças tenham contato com o mundo imaginário das histórias (SANTOS, 2014, p.13).

Quando perguntei “se vocês pudessem mandar uma mensagem para Zacimba Gaba, o que fariam?”, os alunos da turma A mencionaram que ela era linda, forte, corajosa e etc. Já Raquel, de 5 anos, da turma B, salientou que: “Quando eu crescer, quero ser igual a Zacimba, forte, corajosa e lutar pelo meu povo”. O depoimento da Raquel me fez acreditar o quanto foi importante e necessário dialogar com aquelas crianças sobre preconceito, racismo, discriminação e representatividade, através da contação de história.

Figura 24 - O olhar afrocentrado de Raquel



Fonte: Arquivo próprio, 2022.

A partir do relato de Raquel, compreendemos que dialogar sobre diversidade étnica, na Educação Infantil, se faz necessário, pois o processo educacional é construído por diversos eixos: a ética, as múltiplas identidades, diversidade, sexualidade, cultura e relações raciais e que, através da contação de história afrocentrada, novos pensamentos e olhares podem ser transformados para que todas as crianças venham a entender sobre o seu lugar de fala, história, território, crenças e suas tradições, para que discursos racistas sejam erradicados numa sociedade que muito silencia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das leituras das histórias afrocentradas e dos aportes teóricos mencionados, observamos que a contação de história poderá ser utilizada como uma importante ferramenta de valorização e construção de uma educação antirracista desde a infância. Desse modo, a oficina literária de contação de história, ministrada para os estudantes, buscou contribuir para que, dentro do espaço escolar, pudéssemos discutir sobre questões étnico-raciais, valorização da história, cultura africana e afro-brasileira.

A contação de história, no espaço da Educação Infantil, estimula a imaginação das crianças, fazendo com que elas mergulhem no mundo da imaginação. Todavia, para esta pesquisa, o ato de contar foi utilizado como ferramenta pedagógica, com o objetivo de discutir, na infância, sobre práticas racistas, preconceituosas e discriminatórias, que são reproduzidas, muitas vezes, na família e transmitidas na escola.

Para o processo de investigação, abordamos alguns aspectos, tais como: memória, oralidade e performance, conceitos que nos auxiliaram no embasamento teórico deste estudo. Sobre memória, Paul Ricoeur (2007), através dos seus estudos, nos fez compreender que, embora seja pragmática, a memória, constantemente, precisa ser estimulada, para que as informações não sejam perdidas, ou seja, esquecidas ao longo do tempo, pois o processo de memorização deve ser feito para a permanência da relação entre o passado, presente e o futuro.

E para que as histórias não caiam no esquecimento, a oralidade, compreendida por Paul Zumthor (1993) e Hampaté Bâ (2010), se estabelece como um importante mecanismo de permanência da memória, cultura, tradições e da ancestralidade. Para Zumthor, a voz exerce um papel de grande relevância na transmissão de informações, pois, sem ela, não haveria articulação entre o homem e suas memórias.

Nesse contexto, Hampaté Bâ nos destacou as tradições orais e a figura do griot, na cultura africana, aquele designado para o papel de contador de histórias e agente responsável pela manutenção das tradições, que constrói, através da força das palavras, saberes e ensinamentos para as práticas essenciais na comunidade africana. Hampaté Bá expressa a importância da transmissão oral para que os

indivíduos possam preservar as histórias, valores, costumes e tradições que os cercam. Partindo desse pressuposto, foi proposto para esta pesquisa analisar as possíveis contribuições da contação de histórias afrocentradas, como ferramenta pedagógica para promover discussões pautadas sobre preconceito, racismo e discriminação na infância.

No que diz respeito à performance, corroborou Zumthor que o corpo deve ser um instrumento poético para que as palavras possam ganhar força e significados. O corpo e a palavra são elementos que contribuem para que o ato performático não seja apenas um mecanismo de receptividade e, sim, de interação, pois, com o fazer teatral, por exemplo, o texto ficará mais atraente e próximo do espectador, como foio caso da nossa contação.

A pesquisa foi desenvolvida no CEIM “Nossa Senhora Aparecida”, localizado na região do Porto da Cidade de São Mateus-ES, para estudantes de duas turmas de 5 anos. Inicialmente, fizemos a contação de história da princesa Zacimba Gaba, baseada nos livros de Maciel de Aguiar e Noélia Miranda. Em seguida, analisamos os discursos das crianças, na roda de conversa, por meio da utilização de um roteiro, seguido de perguntas abertas.

Ao analisarmos as apreciações das crianças sujeitos da pesquisa, apontamos alguns resultados, tendo em vista os objetivos propostos neste estudo, buscando promover discussões/reflexões que desconstruam discursos racistas no contexto da Educação Infantil. A necessidade de dialogarmos sobre preconceito, racismo e discriminação na infância foi contribuir para que sentimentos de superioridade e inferioridade não sejam fomentados entre os estudantes.

Quando perguntamos sobre as histórias afrocentradas ou protagonização de personagens negros nos contos, analisamos que a maioria dos estudantes não conhecia histórias de pessoas e de mulheres pretas. Eles salientaram que a referência que tinham de princesas, por exemplo, eram brancas, magras e loiras, ou seja, uma visão estereotipada. Ademais, tanto na família, quanto na escola não havia diálogos significativos que pudessem contribuir para a construção da identidade étnico-racial positiva das crianças. Durante as leituras para o desenvolvimento desta pesquisa, vimos que parte do silenciamento ocorre dentro das famílias, devido ao racismo estrutural e institucional que opera na sociedade por séculos, fazendo com que parte

da população negra construa uma identidade negativa em relação ao grupo étnico a que pertence.

Já a escola, ao invés de proporcionar um ambiente que possibilite o entendimento sobre as diferenças étnicas, acaba oportunizando que atitudes racistas sejam fomentadas, através do livro didático ou no silêncio dos professores perante as situações de discriminação entre os estudantes. Desse modo, compreendemos que a realização de pesquisas, com o intuito de investigar a dinâmica das relações multiétnicas na infância, se faz necessária para que ações de combate ao racismo sejam promovidas.

O racismo tem se propagado por toda a sociedade, de diferentes formas, seja na internet, nos campos de futebol, dentro dos ônibus, metrô. No âmbito educacional não tem sido diferente, pois aumentam todos os dias casos de agressão e de discursos preconceituosos com crianças negras, atribuindo caráter negativo à cor da pele.

No que se refere ao contexto escolar, a professora Eliane Cavalleiro, através dos seus estudos, aponta que o sistema formal de educação é desprovido de elementos propícios à identidade positiva de alunos negros. Avalia, ainda, que estudos devem ser articulados e ações pedagógicas construídas para o combate ao racismo e aos seus desdobramentos, como preconceito e discriminação étnica.

Para a desconstrução de atitudes racistas e discriminatórias, a escola e a família representam a possibilidade de transformação da sociedade, a fim de que problemas relacionados às questões étnicas possam ser discutidos com o objetivo de evitar que pensamentos preconceituosos sejam interiorizados e cristalizados pelas crianças/alunos.

Tivemos a certeza de que todo o trabalho desenvolvido para esta pesquisa valeu a pena após o depoimento da aluna Raquel, de 5 anos. A menina salientou que, ao crescer, será uma mulher forte igual a nossa princesa relatada na história, a quem, mesmo em meio a tantos desafios, nunca faltou coragem para lutar pelo seu povo. Foi maravilhoso! Dessa maneira, o ato de contar histórias, inserido no contexto da sala de aula, contribui de maneira significativa para o desenvolvimento cognitivo, cultural e social do estudante.

E a contação, quando for usada como ferramenta pedagógica cuja perspectiva será multicultural e antirracista, se tornará um instrumento de grande importância, que favorecerá a desconstrução de estereótipos, discursos racistas, que auxiliará no combate ao racismo, à discriminação racial, sexual, religiosa e de gênero.

É necessário que as instituições de Educação Infantil e demais modalidades de ensino, com base nas Leis nº. 10.639/2003 e nº. 11.645/2008, promovam uma educação voltada para as relações étnico-raciais e estudos que estimulem a formação de valores, costumes, hábitos, crenças e de comportamentos, para que os estudantes possam entender as suas singularidades e o outro, fazendo-os compreenderem que sendo “igual ou diferente”, somos todos seres humanos.

Consideramos que é possível uma ressignificação pedagógica na Educação Infantil, no que se refere à contação de história como estratégia a ser utilizada pelos professores para redefinir as relações entre as crianças e desconstruir ideologias, práticas racistas e promover novas configurações para a sociedade nos campos políticos, econômicos e culturais.

Enfim, a pesquisa buscou contribuir para que, através da contação de história, haja discussão/reflexão pautada no respeito às diferenças, sejam elas quais forem, no contexto da Educação Infantil, pois funcionará como importante meio de socialização, de construção identitária, transmissão de valores culturais, morais e de pertencimento<sup>18</sup>.

---

<sup>18</sup> Os membros da banca possuem acesso ao drive através do link [https://drive.google.com/drive/folders/1iU4nANKsX4qecfTOs1Wom6llmJ\\_SO7Zx?usp=sharing](https://drive.google.com/drive/folders/1iU4nANKsX4qecfTOs1Wom6llmJ_SO7Zx?usp=sharing) para visualizarem os registros do processo de criação dos dados

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1989.

\_\_\_\_\_. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

\_\_\_\_\_. **Literatura infantil: gostosuras e bobices 5.ed.** São Paulo: Scipione, 2006.

AGUIAR, Maciel. **Zacimba Gaba – Princesa, Escrava, Guerreira**. Série: História dos Vencidos – Caderno 2. Editora Brasil-Cultura, São Mateus, 1995.

ALMEIDA, Mariléa. **Blog mulheres na Filosofia**. São Paulo: 2021. Disponível em: <<http://blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/bell-hooks>> Acesso em: 18 out. 2021.

AQUINO, Israel et al. **A construção do herói na tradição oral da África Ocidental**. Brasília, Universidade de Brasília, 2018.

BACKES, D. S; COLOMÉ, J. S.; ERDMANN. R. H; LUBARDI, V. L. Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. **Revista O mundo da Saúde**, São Paulo, 2011.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2005.

BEDRAN, Beatriz Martini. **Ancestralidade e contemporaneidade das narrativas orais: a arte de contar histórias e contar histórias**. 2010. 130. Dissertação (Mestrado em Ciência da Arte) – Universidade Federal Fluminense – Instituto de Arte e Comunicação Social, Niterói, 2010.

BERTONCELI, Márcia. **A roda de conversa na Educação Infantil: análise de seus formativos com crianças de três a cinco anos**. 2016. (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2016.

BOSI, Ecléa. **Memórias e sociedade: lembranças de velhos**. Editora TAO, São Paulo, 1979.

BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. **Diário Oficial da União**. Parecer homologado. Resolução Nº 1. Brasília, 17 jun, 2004. Disponível em: < [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp\\_003.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp_003.pdf)>. Acesso em: 15 mai. 2022.

BRASIL, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Dispõe sobre as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2021.

BRASIL, Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Dispõe sobre as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 10 jan, 2003. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm)> . Acesso em: 20 ago. 2021.

BRASIL, **Referencial Curricular para a Educação Infantil – RCNEI**. volume III, p. 23, p 143. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2021.

BRASIL, **O impacto do racismo na infância**. Brasília, 2010. Disponível em: <[https://www.unicef.org/brazil/media/1731/file/O\\_impacto\\_do\\_racismo\\_na\\_infancia.pdf](https://www.unicef.org/brazil/media/1731/file/O_impacto_do_racismo_na_infancia.pdf)>. Acesso em: 23 ago. 2021.

BRITANNICA ESCOLA. **Baobá**. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. 2003. Disponível em: <<https://uenf.br/projetos/arvoresdauenf/especie-2/baoba/>>. Acesso em: 13 mar. 2022.

BUSATTO, Cléo. **A Arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. Petrópolis: Vozes, 2006.

BRANDÃO C. R. (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Identificando o racismo, o preconceito e a discriminação racial na escola. In: LIMA, Ivan Costa; ROMÃO, Jeruse SILVEIRA, Sônia M. (Org.) **Os negros e a escola brasileira**. Florianópolis: Núcleo de Estudos Negros, 1999.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2003.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Discursos e práticas racistas na educação infantil: a produção da submissão social e do fracasso escolar. **Cadernos de educação**, Brasília, n. 3. 2001.

CASTRO, Eliane Fernandes. **A importância da leitura infantil para o desenvolvimento da criança: Formação do hábito de leitura, literatura infantil contextualizada, contato com o livro, a importância de ouvir histórias, estágios psicológicos da criança**. São Paulo, 2021. Disponível em: <<http://meuartigo.brasilecola.com.br>> Acesso em: 20 out. 2021.

CHIAPPINI, Ligia. **Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1997.



CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e prática**. 18. ed. São Paulo: Ática, 1999.

DOURAD, Maria Francysnalda Oliveira. Memória e esquecimento em Paul Ricoeur: a ideologia política camuflada na anistia. **Cadernos do PET Filosofia**, Vol. 8, n.16, 2017.

DUFOUR, Michel. **Contos para curar e crescer**. Tradução de Alice Mesquita. São Paulo: Ground, 2005.

ESTEBAN, Maria Tereza; ZACCUR, Edwiges. **Professora pesquisadora: uma práxis em construção**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FARAH, Paulo Daniel. **Hampâté Bâ leva oralidade africana ao papel**. São Paulo: 2003.

FARIAS, Carlos Aldemir. **Contadores de Histórias: um exercício para muitas vozes/Organização Benita Prieto**. - Rio de Janeiro, 2011.

FERRO, Marc. A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação. In: FERRO, M. **Diversidades étnico-raciais na Educação Infantil**. Mauá, São Paulo: Ibrasa, 1983.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Literatura e oralidade africanas: mediações**. Lietrafro, 2016. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafr/literaficas/literaturaangolana/1505marianazareth-soares-fonseca-literatura-e-oralidade-africanas>>. Acesso em: 21 jul. 2022.

GOMES, Nilma Lino. A questão racial na escola: desafios colocados pela implementação da Lei 10.639/03. In: MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. (Orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perde a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem Fronteiras**, v. 12, p. 98-109, jan./abr. 2012b.

GOMES, Lenice, Moraes, Fabiano. **A arte de encantar: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares**. Editora Cortez, São Paulo, 2012.

GOMES, Lenice. **Cantares e contares: brincadeiras faladas. A arte contar histórias e as brincadeiras faladas**. São Paulo, 2012.

HADDAD, Nabila. Narrativas afrocentradas e sua importância para crianças negras e crianças brancas. **Blog das letrinhas**, São Paulo, 1, agosto, 2022. Disponível em: <<https://www.blogdaletrinhas.com.br/conteudos/visualizar/Narrativasafrocentradas-e-sua-importancia-para-criancas-negras-e-criancasbrancas>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

HAMPATÊ BÂ, Amadou. **Tradição Viva**. História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África/ editado por Joseph Ki-Zerbo. 2.ed. ver – Brasília: UNESCO, 2010.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Wmf Martins fontes. São Paulo, 2013.

JESUS, W. S. de; LIMA, J. P. M; **Principais instrumentos de coleta de dados**. Universidade de Sergipe.2019. Disponível em: <[http://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalogo/0857300310201Pesquisa\\_em\\_Ensi\\_no\\_de\\_Quimica\\_Aula\\_07.pdf](http://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalogo/0857300310201Pesquisa_em_Ensi_no_de_Quimica_Aula_07.pdf)> Acesso em: 28 abr. 2022.

MARTINS, Edna. GERALDO, Aparecida das Graças. A influência da Família no processo de escolarização e superação do preconceito racial: um estudo com universitários negros. **Revista Psicologia Política**. Vol, 13. Nº 26, São Paulo, 2013.

MELO, Marilene Carlos do Vale. A Figura do Griot e a relação memória e narrativa. In: Org. LIMA, Tânia; NASCIMENTO, Izabel; OLIVEIRA, Andrey. **Griots** – culturas africanas: linguagem, memória, imaginário. Natal: Editora Lucgraf, 2009.

MENDONÇA, Camila. **Colonialismo**: ocupação e exploração de terras colônias. São Paulo, 2019. Disponível em: <<http://educamaisbrasil.com.br/colonialismo.>> Acesso em: 22 out. 2021.

MENEZES, Tássia. **Conexão UFRJ**. Disponível em: <<https://conexao.ufrj.br/2021/05/kabengele-munanga-e-doutor-honoris-causa-da-ufrj/>> Acesso em: 11 jul, 2022.

MIRANDA, Noélia. **Zacimba Gaba** – A princesa guerreira, a história que não te contaram. Editora Nsoromma, Vitória, 2014.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Editora Global, Brasília, 2005.

NETO, Otávio Cruz. **O trabalho de campo como descoberta e criação**. In: MINAYO, Maria C. De Souza (Org). Pesquisa Socia. 23.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

NOBRE, Francisco Edileudo; SULZART, Silvano. O papel social da escola. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 03, ed. 08, Vol. 03, pp. 103-115, agosto de 2018. Disponível em:<<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/o-papel-social-daescola>>. Acesso em: 18 jun. 2022

NKAMA, Boniface Ofogo. A arte de contar histórias na África: entre o mito, a ponte e a realidade. A formação do contador de histórias na África. In: MORAES, F. (Org) **A arte de encantar**: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares. São Paulo: Cortez, 2012. p.247-267.

OLENDZKI, Luciane de Campos. **Ouvir e contar histórias** – os griôs e nós. Rio Grande do Sul, 2020. Disponível em: <[https://www.ufrgs.br/colegiodeaplicacao/wp-content/uploads/2020/03/Teatro\\_Luciane.pdf](https://www.ufrgs.br/colegiodeaplicacao/wp-content/uploads/2020/03/Teatro_Luciane.pdf)>. Acesso em: 20 set. 2021.

OKA, Mateus. **Eurocentrismo**. Todo Estudo. São Paulo: 2021. Disponível em:

<<https://www.todoestudo.com.br/sociologia/eurocentrismo>> Acesso em: 22 out.2021.

PATRINI, Maia de Lourdes. **A renovação do conto**: emergência de uma prática oral. São Paulo: Cortez, 2005.

RICOEUUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François. Editora da Unicamp. Campinas, São Paulo. 2007.

RIGLISKI, Adriane Schreiber. Contribuições da contação de histórias no desenvolvimento das linguagens na infância. **Revista da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul**, Campus Ijuí, 2012.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate**: uma revisão da literatura. Vol. 29. São Paulo, 2003.

SARMENTO, Dirléia. F; FOSSATI, Paulo; GONÇALVES, F. R. Formação de professores, saberes docentes e práticas educativas: a qualidade da educação infantil como centralidade. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 25 Nº. 2 (2012), 2012

SANTOS, A. P dos; GOMES, C. M; LIMA, L. S. **Contação de histórias na Educação Infantil**: perspectivas teóricas e práticas. São Paulo, 2014.

SANTOS, Aretusa. **Identidade negra e brincadeira de faz-de-conta**: entremeios. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2005.

SANTOS, Marcia Raquel Eleutério. **A contação de história na Educação Infantil na escola**. 2014. 42 f. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, Conde.

SCHCMAN, Lia Vainer. GONÇALVES, Mônica Mendes. Racismo na família e a construção da negritude: embates e limites entre a degradação e a positivação na constituição do sujeito. Editora Odeere. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade** – UESB. Vol.2, nº 4, São Paulo, 2017.

SILVA, Ana Célia da. A Desconstrução da Discriminação no Livro Didático in Superando o Racismo na escola. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). Superando o racismo na escola. Brasília: **Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade**, 2005.

SILVA, Regina Broco. **A roda de conversa na Educação Infantil**: a constituição da criança como sujeito. 2016. 112. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro Universitário Salesiano de São Paulo – UNISAL – Campus Maria Auxiliadora, Americana, 2016, p.43-55.

SILVA, Tamires Beatriz Ratis da. Mulher negra: seu corpo como símbolo sexual. **Revista Eletrônica da Estácio Recife**. Edição especial de Psicologia. Recife, 2020. Disponível em: < <https://reer.emnuvens.com.br/reer/article/view/531>>. Acesso em: 15 jun. 2022.

SISTO, Celso. **A arte de contar histórias e sua importância no desenvolvimento infantil**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

SISTO, Celso. O griô que eu não sou e as histórias africanas que me enredam. **As histórias africanas: uma herança viva**. Editora Cortez. São Paulo, 2012.

SOUZA, Andréia L. de; SOUZA, Ana Lúcia S. Oralidade – Cantos e re-encantos: vozes africanas e afro-brasileiras. **Potal Geledés**, 2013. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/oralidade-cantos-e-re-encantos-vozes-africanas-e-afro-brasileiras/>>. Acesso em 11 set. 2022.

TAHAN, Malba. **A arte de ler e contar histórias**. 2. ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1961, p. 24.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. Aprendizagem e desenvolvimento na Idade Escolar. In: **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Vigostky, L. Luria, A. Leontiev, A.N. 11. ed. Edição. São Paulo: Ícone, 2010.

YATES, Frances A. **A arte da memória**. Tradução de Flavia Bancher. 1.ed. Editora Unicamp. 2007.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. 2. ed. COSAC NAIY Editora. 2007.

ZUMTHOR, **Letra e voz**. Tradução de Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. Companhia das Letras Editora. São Paulo, 1993.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A – OFICINA LITERÁRIA “CONTAÇÃO DE HISTÓRIA”

### Zacimba Gaba: a princesa guerreira

Texto adaptado do livro Zacimba Gaba: princesa, escrava, guerreira; da Coleção Heróis Vencidos do autor mateense Maciel de Aguiar e do livro Zacimba Gaba: A princesa guerreira, a história que não te contaram da autora Noélia Miranda.

Escrito por Jefferson Duarte Pacheco

**Griot:** (cantando)

***Minha pele é preta, meu cabelo é duro  
meu nariz é chato, mas meu sangue é puro! (repete 2 x)***

**Griot:** Vou contar uma história para vocês de uma personagem, personagem não! De uma heroína! Essa heroína veio de um continente muito longe daqui chamado África, um continente de muitas riquezas culturais e de um povo corajoso e alegre. Vamos embarcar juntinhos na história da nossa guerreira africana?

E lá vem história....

**Griot:** (cantando)

***Lá vem história***

***tindo lelêLá vem***

***história tindo lalá***

***Lá vem história tindo lelê, tindo lelêTindo lalá. (repete 2 x )***

**Griot:** Há muito atrás nas aldeias africanas, ao entardecer era momento de ouvir histórias. Debaixo de uma árvore alta e grande, chamada Baobá, os griots (contadores de história africanos) convidavam a todos para ouvir lindas histórias do seu povo, para que os costumes e tradições não fossem esquecidos. Era cada história, mais linda do que a outra! E hoje, trago para vocês a história de uma princesa guerreira africana que lutou pelo seu povo em busca de liberdade. Ela será a nossa heroína! É isso mesmo?! Heroína! O nome da nossa heroína que não voava, não tinha poderes mágicos, mas com a sua força e coragem ajudou o seu povo, ela se chamava: Zacimba Gaba. Alguém conhece ou já ouviu falar sobre essa heroína? Se não, pode deixar que irei apresentá-la.

**Griot:** (cantando)

***Mama wélé wélé seya (repete 2 x)Siri Ku ntéla dzié landi***

***Ngati ka mbonguéla muana éhé***

Griot: Era uma vez, há muitos séculos atrás aqui no Norte do Estado do Espírito Santo, em épocas de escravidão, vários navios chegaram no Porto de São Mateus carregados de nossos irmãos negros raptados da África. Os africanos foram retirados de suas famílias para serem escravizados aqui no Brasil.

No meio dos negros trazidos para cá, havia uma negra, uma linda jovem de olhos esfumaçantes que pareciam hipnotizar qualquer um. Ela mal sabia que sua vida se transformava a cada minuto que distanciava de sua terra africana. Seu nome? Era Zacimba Gaba.

A linda negra não compreendia ao certo o que estava ocorrendo, chorava, perguntava onde estava sua família, mas ninguém lhe dava importância. Chegando à grande fazenda, Zacimba foi logo levada para a senzala, mas aos poucos foi demonstrando-se uma jovem destemida. Não demorou muito e logo começou a receber os castigos do capitão do mato (homem que trabalhava na fazenda e andava com chicote para amedrontar e bater nos negros).

Zacimba foi demonstrando sua coragem e enfrentava os capitães do mato. Ela ficou conhecida como a “negrinha rebelde”, pois questionava o motivo de manter os irmãos negros presos e maltratados.

A notícia de que Zacimba era princesa logo se espalhou pela região e os capitães do mato se juntavam para maltratar a princesa, que riam e gritavam: Andaprincesa...cadê sua coroa? Ela não aguentava mais aquela vida de sofrimento e nas noites de festa na casa-grande planejava formas de libertá-la e libertar também seus irmãos.

Certo dia, Zacimba ficou sabendo que poderia extrair um pó da cabeça de uma cobra chamada preguiçosa e fazer um veneno. Dito e feito! Zacimba pediu que os irmãos negros que trabalhavam dentro da casa grande colocassem todos os dias um pouquinho do pó na comida do fazendeiro. E assim aconteceu...o fazendeiro morreu envenenado.

Nessa mesma noite, a princesa conseguiu se libertar das correntes e fugiu com seu grupo e comandou a revolta dos escravizados da região. Dizem os antigos que por

mais ou menos 10 anos, ela comandou várias batalhas nos arredores dos rios Mucuri, Cricaré e Foz do Itaúnas.

***Pisei na pedra, pedra balanceou***

***Levanta meu povo, cativoiro acabou (canta 2x)***

Zacimba Gaba, morreu na luta, mas sabia que estava libertando milhares de vidas da escravização. E assim, a história da nossa guerreira vai acabando, porém, permanecendo viva em nossas memórias através da nossa história.

***Mama wélé wélé seya (repete 2 x)Siri Ku ntéla dzié landi Ngati ka mbonguéla muana éhé***

***Acabou história tindo lelê Acabou história tindo lalá Acabou história tindo lelê Tindo lelê, tindo lelê, tindo lalá.***



## APÊNDICE B - ROTEIRO RODA DE CONVERSA PARA AS CRIANÇAS DAS TURMAS DE 05 ANOS

- 1- Vocês gostam de ouvir histórias?
- 2- Nos contos que vocês conhecem quantas e quais princesas são negras?3- Essa história se parece com outra história que você conhece. Qual?
- 4- Vocês se identificaram com a história da princesa guerreira? Por que?5- Como seria a representação de uma heroína?
- 6- Vocês conheciam a história da Zacimba Gaba?
- 7- Alguém da família de vocês já contou histórias de personagens negros?8- Vocês gostaram de ouvir a história de Zacimba? Porque?
- 8- Se vocês pudessem mudar o final da história da Zacimba Gaba, como seria?10- Se vocês pudessem enviar uma mensagem para Zacimba Gaba, qual seria?



## APÊNDICE C - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE ÁUDIO E/OU IMAGEM PARA FINS DE PESQUISA

Eu, \_\_\_\_\_, responsável legal pelo menor \_\_\_\_\_ autorizo a utilização de sua imagem e som de voz, na qualidade de participante na pesquisa intitulada **“A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA DESDE A INFÂNCIA.”** sob responsabilidade do pesquisador **JEFFERSON DUARTE PACHECO**, aluno do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica - PPGEEB (Mestrado) da Universidade Federal do Espírito Santo, Centro Universitário Norte do Espírito Santo – Campus São Mateus.

As imagens e som de voz utilizadas serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não haverá identificação dos participantes voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a participação do aluno. Há garantia de que as informações e o uso de imagens desta pesquisa serão confidenciais, ou seja, seu nome e imagens serão resguardadas.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas anteriormente. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de responsabilidade do(a) pesquisador(a) responsável. Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da imagem e som de voz do menor no qual sou responsável legal. Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) responsável pelo participante.

São Mateus -ES, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022.

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

Assinatura do responsável legal do(a) participante da pesquisa



## **APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DESTINADO AOS PAIS OU RESPONSÁVEIS LEGAIS**

O (a) menor \_\_\_\_\_ pelo (a) qual o (a) senhor (a) \_\_\_\_\_ é responsável está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada **“A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA DESDE A INFÂNCIA.”**, sob a responsabilidade de **JEFFERSON DUARTE PACHECO**, aluno do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica - PPGEEB (Mestrado) da Universidade Federal do Espírito Santo, Centro Universitário Norte do Espírito Santo – Campus São Mateus.

### **Justificativa:**

O presente estudo justifica-se em analisar como a contação de história afrocentradas podem contribuir na percepção e construção de uma educação antirracista desde a infância. Além de prazeroso, o ato de contar pode ser usada em sala para auxiliar o professor numa metodologia inovadora e eficaz, proporcionando de fato um momento de aprendizado, reflexão crítico social cultural e de pertencimento étnico racial.

### **Objetivos geral da Pesquisa:**

O estudo tem como objetivo geral analisar como a contação de história afrocentradas podem contribuir na percepção e construção de uma educação antirracista desde a infância para possibilitar discussões pautadas para a Educação das Relações Étnico-raciais.

### **Procedimentos para obtenção dos dados:**

Através da aplicação da contação de história na instituição sobre a personagem Zacimba Gabada Coleção Heróis Vencidos do autor mateense Maciel de Aguiar, cujo o texto teatral a ser construído, será adaptado com linguagem adequada a faixa etária



dos discentes. Por meio da roda de conversa o pesquisador analisará o comportamento e perceber como os estudantes se relacionam com a história, indagar se conhecem ou não a personagem e promover o envolvimento e integração das crianças na história. Durante o desenvolvimento da roda de conversa, o pesquisador fará o uso da gravação, pois utilizará o recurso de imagem e áudio apenas para análise e não haverá exposição nos meios midiáticos. Desta forma, atuarei como moderador do grupo e conduzirei a discussão garantindo a circulação de opiniões.

#### **Riscos e Desconfortos:**

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos em tipos e graus variados. Por envolver o desenvolvimento da oficina literária com obra afrocentrada, pode haver constrangimento dos envolvidos na situação de ensino e aprendizado e alterar a dinâmica das relações de ensino ali instauradas. Em casos de ocorrência com relação aos riscos e desconfortos será dada assistência imediata que se configura na assistência emergencial e sem ônus de qualquer espécie ao participante da pesquisa, em situações em que este dela necessite e assistência integral, que é aquela prestada para atender complicações e danos decorrentes, direta ou indiretamente, da pesquisa. Também será garantida a indenização diante de eventuais danos, através da cobertura material para reparação ao dano, causado pela pesquisa ao participante da pesquisa.

#### **Benefícios:**

Os benefícios dessa pesquisa estão relacionados à contribuição do aprimoramento das práticas pedagógicas no que se refere a utilização da contação de história como ferramenta para a formação de uma educação antirracista desde a infância.

**Medidas de prevenção contra a COVID 19:**

Como prevenção contra a COVID-19, usaremos medidas para que as crianças e os que estiverem envolvidos na realização da pesquisa não sejam contaminados. Serão desenvolvidas as seguintes medidas de prevenção: Durante a contação de história o número de crianças será reduzido para que seja mantido o distanciamento social; Manteremos, sempre que possível, portas e janelas abertas para ventilação do ambiente caso seja em ambiente fechado; Garantir de forma adequada comunicação visual de proteção e prevenção de risco à Covid-19; Utilização de máscaras, de forma a cobrir a boca e o nariz e higienizar as mãos com álcool em gel 70%.

**Garantia do Sigilo e Privacidade:**

É importante ressaltar que os dados dos participantes da pesquisa serão mantidos em sigilo, durante todas as fases da pesquisa, inclusive após publicação. Nesse sentido, os nomes dos participantes da pesquisa na escrita dos resultados e análise dos dados serão fictícios. Os dados da pesquisa serão armazenados num prazo de 05 anos. Os resultados da pesquisa serão utilizados nas reflexões sobre a contribuição da contação de história como ferramenta para a formação de uma educação antirracista, de modo a auxiliar professores, pesquisadores nos desenvolvimentos de suas práticas educativas, de maneira a possibilitar reflexão sobre a questão racial na educação infantil.

**Garantia de recusa em Participar da Pesquisa e/ou Retirada de Consentimento:**

Prezados Pais ou responsável(is),

A participação de seu dependente na pesquisa será opcional. Cabe então aos senhores a total decisão de permanência ou não do menor nesta. E caso haja a recusa, ou seja, a desistenciada mesma, a criança e os responsáveis não sofrerão quaisquer penalidade e/ou prejuízos em virtude de sua negativa. Mediante ao parecer negativo, o (a) senhor (a) não será contatado pelo pesquisador. Vale ainda ressaltar



que os participantes menores serão informados sobre a realização da pesquisa, no limite de suas capacidades.

**Sobre o uso de imagem e áudio:**

Durante o desenvolvimento da roda de conversa, o pesquisador fará o uso da gravação, pois utilizará o recurso de imagem e áudio apenas para análise e não haverá exposição nos meios midiáticos, tais como: internet, jornais, redes sociais e dentre outros, assegurando a total privacidade da imagem dos menores.

**Esclarecimento de dúvidas:**

**Em caso de dúvidas sobre a pesquisa ou para relatar algum problema, o (a) Sr. (A) pode contatar o pesquisador JEFFERSON DUARTE PACHECO, no telefone (27) 99943-8779, email: fitoduartees@hotmail.com. O (A) Sr (A) também pode contatar o Comitê de Ética em Pesquisa – Campus do Ceunes pelo telefone (27) 3312-1519, e-mail: [cepceunes@gmail.com/](mailto:cepceunes@gmail.com) ou [comitedeetica.ceunes@institucional.ufes.br](mailto:comitedeetica.ceunes@institucional.ufes.br), endereço Rodovia BR 101 Norte, Km 60, Bairro Litorâneo, São Mateus, ES, CEP: 29.932-540.**

Nesse sentido, gostaria de contar com a sua colaboração, através de seu Consentimento Livre e Esclarecido.

Declaro que fui verbalmente informado (a) e esclarecido (a) sobre o presente documento, entendendo todos os termos acima expostos, e que voluntariamente aceito a participação do (a) menor pelo (a) qual sou responsável e compreendo que posso retirar meu consentimento e interrompê-lo a qualquer momento, sem penalidade. Também declaro ter recebido uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de igual teor, assinada pela pesquisadora principal e rubricada em todas as páginas.

---

**ASSINATURA DO PAI/OU MÃE/OU RESPONSÁVEL LEGAL**



Campus São Mateus  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Na qualidade de pesquisador responsável pela pesquisa **“A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA DESDE A INFÂNCIA.”**, eu Jefferson Duarte Pacheco, declaro ter cumprido as exigências do termo IV.3, da Resolução CNS 466/12, a qual estabelece diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

São Mateus -ES, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022.

---

**PESQUISADOR (A) RESPONSÁVEL**

# **ANEXOS**



## ANEXO I – DECLARAÇÃO ASSINADA PELA AUTORA NOÉLIA MIRANDA

**UFES**

Campus São Mateus  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

**DECLARAÇÃO**

Eu, Noélia da S. M. Araújo, CPF 07854607729  
RG 1541.012 ES autora do livro *Zacimba Gaba, a princesa guerreira, a história que não te contaram*, autorizo o uso da minha imagem de perfil e imagens do livro cuja a edição foi em 2014 na dissertação intitulada **“A contação de história como ferramenta pedagógica para a construção de uma educação antirracista desde a infância”** do pesquisador Jefferson Duarte Pacheco, orientando da Pro<sup>fa</sup> Dr<sup>a</sup> Eliane Gonçalves da Costa.

Faremos o uso da imagem de perfil e as do livro. Segue as referidas páginas:  
(Imagem de perfil; Imagem 1 capa; Imagem 2\_página 7; Imagem 3\_página 11; Imagem 4\_página 17; Imagem 5\_página 25)

Por ser a expressão da minha vontade, assino e autorizo de forma gratuita o uso das imagens do livro na dissertação do pesquisador acima especificado.

São Mateus, 23 de Outubro de 2022

JDPch  
Jefferson Duarte Pacheco  
Pesquisador

Noélia da S. Miranda de Araújo  
Noélia Miranda  
Autora do livro

## ANEXO II – DECLARAÇÃO ASSINADA PELO AUTOR MACIEL DE AGUIAR

UFES

CEUNES



Campus São Mateus  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

## DECLARAÇÃO

Eu, Sebastião Maciel de Aguiar, CPF 244.959.567-87  
RG 200.308 autor do livro *Zacimba Gaba, Princesa, Escrava, Guerreira*, autorizo o uso da minha imagem de perfil e imagens do livro cuja a edição foi em 1995 na dissertação intitulada **“A contação de história como ferramenta pedagógica para a construção de uma educação antirracista desde a infância”** do pesquisador Jefferson Duarte Pacheco, orientando da Profª Drª Eliane Gonçalves da Costa.

Faremos o uso da imagem de perfil e as do livro. Segue as referidas páginas:  
(Imagem de perfil; Imagem 1 capa; Imagem página 14; Imagem página 24; Imagem\_página 33;)

Por ser a expressão da minha vontade, assino e autorizo de forma gratuita o uso das imagens do livro na dissertação do pesquisador acima especificado.

São Mateus, 24 de Outubro de 2022.

Jefferson Duarte Pacheco  
Pesquisador

Maciel de Aguiar  
Autor do livro